
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

José Solon Sales e Silva

**NOVAS TERRITORIALIDADES PARA O TURISMO EM FORTALEZA (CE): AS
POTENCIALIDADES DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA VISTO COMO UM ESPAÇO
SAGRADO**

Rio Claro - SP

2013

JOSÉ SOLON SALES E SILVA

**NOVAS TERRITORIALIDADES PARA O TURISMO EM FORTALEZA (CE):
AS POTENCIALIDADES DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA VISTO COMO
UM ESPAÇO SAGRADO**

Tese de Doutorado elaborada junto ao
Programa de Pós-Graduação em Geografia -
Área de Organização do Espaço, para obtenção
do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antônio
Tuma Filho

Rio Claro – SP

2013

Catlogação na Fonte : Islânia Fernandes Araújo (CRB 3 – nº 917)

S586n Silva, José Solon Sales e.

Novas territorialidades para o turismo em Fortaleza (CE): as potencialidades do cemitério São João Batista visto como um espaço sagrado / José Solon Sales e Silva. - 2013.
178.

Tese (Doutorado em Geografia)

Orientador: Prof. Dr. Fadel David Antônio Tuma Filho

1. ESPAÇO. 2. TERRITORIALIDADE. 3. SÍMBOLOS. 4.
CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA - POTENCIALIDADES
TURÍSTICAS. I. Título.

CDD 338.47918131

JOSÉ SOLON SALES E SILVA

**NOVAS TERRITORIALIDADES PARA O TURISMO EM FORTALEZA (CE):
AS POTENCIALIDADES DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA VISTO COMO
UM ESPAÇO SAGRADO**

Tese apresentada em: 03/12/2013

Conceito obtido: Satisfatório

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. FADEL DAVID ANTÔNIO TUMA FILHO
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)
(Orientador)

Profa. Dra. BERNADETE APARECIDA C. de CASTRO
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)
(Membro)

Profa. Dra. SILVIA APARECIDA GUARNIERE ORTIGOZA
IGCE/UNESP/Rio Claro (SP)
(Membro)

Profa. Dra. NEUSA DE FÁTIMA MARIANO
UFSCar/Sorocaba (SP)
(Membro)

Dra. MARIA DALVA DE SOUZA DEZAN
Secretaria de Estado da Educação/Piracicaba (SP)
(Membro)

O verdadeiro túmulo dos mortos é o coração dos vivos.

Tácito

DEDICATÓRIA

À memória de Antônio Solon de Farias e Silva, meu pai, que me ensinou a visitar cemitérios desde muito cedo. Quando viajavamos, visitávamos cemitérios nas cidades do interior, à procura de túmulos de pessoas ilustres, conhecidos dele ou pessoas que haviam contribuído para a história da cidade e do estado. No Rio de Janeiro, destino que mais visitávamos, nas férias bianuais, era obrigatória uma visita ao Cemitério São João Batista, para conhecermos o Panteão da Academia Brasileira de Letras, os túmulos de Rui Barbosa, Santos Dumont, Presidentes da República, dentre outros, e em cada um destes túmulos recebíamos aula de história do Brasil, pelo fato dele ser também professor de História.

À memória de todos os meus antepassados, que repousam em túmulos de cemitérios de pelo menos quatro cidades cearenses, Tamboril, Ipu, Cascavel e Fortaleza, memórias estas que passei a valorizar mais ainda quando resolvi pesquisar este tema e hoje entendo o modelo de todos os túmulos familiares com bastante lucidez e reverencio-os ainda mais por ter este conhecimento.

À minha família, Fátima Helena, Solon Neto, Pedro Henrique e Maria Vitória, razões do meu esforço como profissional e incentivos para continuar na luta pela pesquisa.

Aos meus irmãos, cunhado e sobrinhos, pelo carinho e atenções constantes.

AGRADECIMENTOS

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, na pessoa do então Reitor Cláudio Ricardo Gomes de Lima, também colega do mesmo programa, pela oportunidade concedida em participar do programa de doutoramento em Geografia da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Fadel Antônio David Tuma Filho, por me aceitar como orientando, e pela maneira tranquila e lúcida como conduziu minha orientação durante três anos, destacando-se pela sapiência, clareza de ideias e pragmatismo.

Às Profas. Dras. Bernadete Aparecida Caprioglio Castro e Silvia Aparecida Guarnieri Ortigosa, do programa de Doutorado da UNESP, que tão lucidamente sugeriram melhorias para este trabalho durante a minha qualificação e, sobretudo, pelos ensinamentos valiosos que me passaram como minhas professoras durante a realização do curso.

Às Profas. Dra. Neusa de Fátima Mariano da UFSCar/Sorocaba (SP) e Maria Dalva de Souza Dezan da Secretaria de Estado da Educação/Piracicaba (SP), por terem participado da minha banca, como membros externos e, conseqüentemente, pelas colaborações prestadas a esta pesquisa.

À colega e amiga Profa. Maria Socorro Figueiredo dos Santos, madrinha da minha pesquisa, pelo incentivo em continuar pesquisando o tema cemitério no programa de doutorado, pesquisa esta que iniciei no ano de 2000, e por todo o apoio e gentilezas prestadas como amiga e colega do programa.

À amiga Profa. Maria de Fátima Aguiar, sempre presente em minha vida acadêmica, desde muitos anos, pelas incontáveis colaborações durante a pesquisa, bem como pelo apoio fraternal sempre dispensado ao longo de minha vida acadêmica.

À amiga Profa. Vera Silvia de Matos Dourado Mamede, mulher de inteligência ímpar, que tive o privilégio de encontrar e conviver na academia, pelo incentivo e pelas muitas horas de conversa sobre este tema, assim como as muitas ideias para incluir na pesquisa.

À bolsista do PIBIC/IFCE, durante os anos de 2010 a 2012, Mariana Régis Araújo, pelo apoio incondicional no inventário árduo realizado no cemitério São João Batista de Fortaleza, durante os anos de 2010 e 2011, enfrentando semanalmente o inclemente sol cearense, a quem tive a oportunidade de ensinar e também aprender.

Ao bolsista voluntário João Paulo Silva do Nascimento, pelo pragmatismo e agilidade em todos os momentos das pesquisas bibliográficas e de campo, exemplo de responsabilidade cotidiana.

Às alunas/bolsistas da Universidade de Fortaleza, Monique Sousa, Ákila Araújo e Erciliane Soares, pelas pesquisas em bibliotecas e em campo.

À Profa. Cristiane Bhurmara Abreu, Coordenadora do Curso de Turismo da Universidade de Fortaleza no ano de 2010, pelo apoio incondicional e por me possibilitar cursar uma disciplina no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará, durante o semestre letivo de 2010.

À Profa. Rúbia Valério Pinheiro, Chefe de Departamento de Turismo, Hospitalidade Lazer do IFCE, pelo apoio e incentivo para entrar no programa de doutorado em Geografia da UNESP.

Aos Profs. Francisca Margareth Araújo Gomes, amiga desde os tempos em que fomos colegas no Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará, e Luis Régis Esmeraldo Azevedo, meu ex-aluno do Bacharelado em Turismo na Universidade de Fortaleza, e posteriormente amigo e superior, Coordenadores dos Cursos de Turismo, Hospitalidade e Lazer do IFCE, pelo companheirismo e apoio durante o período de realização das disciplinas do programa.

Aos colegas do programa, notadamente o Prof. Francisco Paulo Fernandez Lima, Maria Ines Iborgohian, Isaira Machado Evangelista, Ângela Figueiredo, Lígia de Menezes da Silva Gomes, Virgílio Augusto Sales Araripe, Maria Benedita Lopes Rocha, Severina Gadelha Figueiredo, Conceição Malveira Diógenes Holanda, Paulo César Cunha Lima, Maria Lianeide Souto Araújo, que me subsidiaram com materiais para pesquisa e permitiram que eu participasse dos diversos grupos de estudos formados.

À Profa. Adriane Goraieb, minha ex-aluna do Curso de Turismo da então Escola Técnica Federal do Ceará, hoje professora do programa de Doutorado em Geografia da Universidade Federal do Ceará, UFC, pelo apoio que me concedeu, sobretudo no trâmite burocrático para minha matrícula como aluno especial daquele programa.

Ao Prof. Eustógio Dantas, do programa de pós-graduação em Geografia da UFC, que me acolheu em sua disciplina de Turismo do Litoral, pelas muitas conversas e trocas de ideias para minha pesquisa.

A Nayane Gadelha, funcionária do Cemitério São João Batista, que tantas vezes me acolheu com delicadeza e paciência, autorizando minhas muitas idas àquele espaço para pesquisas de campo.

Às amigas Profas. Norma Lopes Ginez Mota, Silvia Helena de Menezes Romero, Adriane Hortêncio, pelas presenças constantes durante minha vida acadêmica.

À amiga Profa. Francisca Ione Chaves, também colega de trabalho e de muitos projetos dos Cursos de Turismo e Hotelaria do IFCE, pelo incentivo, apoio e subsídios de muitos livros para pesquisa, e ensinamentos lúcidos.

Ao colega e amigo Prof. Júlio César Ferreira Lima, Coordenador Administrativo dos Cursos de Turismo, Hospitalidade e Lazer do IFCE, pelos inestimáveis préstimos na questão de formatação, cópias, encadernações e envio deste trabalho à UNESP.

LISTA DE QUADROS

Quadro Nº 1 - SEGMENTAÇÃO DO MERCADO TURÍSTICO	25
Quadro Nº 2 - TIPOS DE ESPAÇO PARA O PLANEJAMENTO TURÍSTICO	30
Quadro Nº 3 - QUADRO EXPLICATIVO SOBRE O TERRITÓRIO	33
Quadro Nº 4 - ESTUDOS DO SAGRADO.....	42
Quadro Nº 5 - DOS CRIMES CONTRA O RESPEITO AOS MORTOS	45
Quadro Nº 6 - CEMITÉRIOS MAIS ANTIGOS DAS CAPITAIS BRASILEIRAS	48
Quadro Nº 7 - ILUSTRAÇÃO DE ALGUNS MONUMENTOS FUNERÁRIOS	55
Quadro Nº 8 - CEMITÉRIOS MONUMENTOS	61
Quadro Nº 9 - CLASSES DOS SÍMBOLOS CONFORME GIRARD.....	77
Quadro Nº 10 - CATEGORIAS DOS SÍMBOLOS.....	78
Quadro Nº 11 - CRUZES DE CRISTO	87
Quadro Nº 12 - FORTALEZA: ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS (1862)	101
Quadro Nº 13 - PADRÕES DOMINANTES NA REPRESENTAÇÃO DA MORTE ..	115
Quadro Nº 14 - JUSTIFICATIVAS E CARACTERÍSTICAS DOS ROTEIROS.....	126

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto Nº 1 - CEMITÉRIO PÚBLICO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA – RS	52
Foto Nº 2 - CEMITÉRIO PÚBLICO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA – RS	53
Foto Nº 3 - CATACUMBAS DE PARIS	54
Foto Nº 4 - MAUSOLÉU IMPERIAL.....	58
Foto Nº 5 - MAUSOLÉU MONUMENTO AOS PRACINHAS.....	59
Foto Nº 6 - MAUSOLÉU DO EX-PRESIDENTE CASTELO BRANCO	60
Foto Nº 7 - O ANJO DO SONO ETERNO	63
Foto Nº 8 - ENTRADA DO CEMITÉRIO PÈRE LA CHAISE	64
Foto Nº 9 - ILHA E CEMITÉRIO DE SAN MICHELE	66
Foto Nº 10 - O MAUSOLÉU RECRIA A SIMBOLOGIA DE UM TEMPLO MAÇÔNICO	68
Foto Nº 11 - TÚMULO DE EVITA PERÓN.....	72
Foto Nº 12 - IGREJA DO ROSÁRIO	107
Foto Nº 13 - LOCALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA - FORTALEZA, CEARÁ	112
Foto Nº 14 - LOCALIZAÇÕES DA CATEDRAL E DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA - FORTALEZA, CEARÁ	113
Foto Nº 15 - TÚMULO DO BARÃO DE ARATANHA	132
Foto Nº 16 - TÚMULO DO BARÃO DE SANTO AMARO.....	132
Foto Nº 17 - TÚMULO DE CAIO PRADO	134
Foto Nº 18 - TÚMULO DE VIRGÍLIO DE MORAIS FERNANDES TÁVORA.....	134
Foto Nº 19 - TÚMULO DE PLÁCIDO DE CARVALHO	136
Foto Nº 20 - TÚMULO DE GAUTER SILVA	136
Foto Nº 21 - TÚMULO DE RODRIGUES JUNIOR	139
Foto Nº 22 - TÚMULO DO GENERAL ANTÔNIO DE SAMPAIO	140
Foto Nº 23 - TÚMULO DE ADOLFO HEBSTER	141
Foto Nº 24 - TÚMULO DE JOÃO DUMMAR.....	142
Foto Nº 25 - TÚMULO DE PATRIOLINO RIBEIRO	142
Foto Nº 26 - TÚMULO DE OSWALDO ARAÚJO.....	143
Foto Nº 27 - TÚMULO DE MESSIAS ARAÚJO PONTES.....	143
Foto Nº 28 - TÚMULO DE AMADEU FURTADO.....	145
Foto Nº 29 - TÚMULO DE JUVENAL E JOSÉ VALDEVINO DE CARVALHO	146
Foto Nº 30 - TÚMULO DE JOSÉ DE MENDONÇA NOGUEIRA	147
Foto Nº 31 - TÚMULO DE JOÃO NOGUEIRA	147

LISTA DE FIGURAS

Figura Nº 1- MAPA DA COSTA DO CEARÁ COM A PONTA DO MUCURIPE	99
Figura Nº 2 - PLANTA DE FORTALEZA	100
Figura Nº 3 - MAQUETE DA CIDADE DE FORTALEZA	100
Figura Nº 4 - PLANTA DE FORTALEZA DE ADOLFO HERBSTER DE 1859	101
Figura Nº 5 - PLANTA DE FORTALEZA DE ADOLGO HERBSTER DE 1875.....	103
Figura Nº 6 - PLANTA BAIXA DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA	128
Figura Nº 7 - LEGENDA DOS ROTEIROS	129
Figura Nº 8 - PLANTA BAIXA ILUSTRATIVA COM LOCALIZAÇÃO DE ALGUNS TÚMULOS SUGERIDOS NOS ROTEIROS	130
Figura Nº 9 –LEGENDA DOS MAUSOLÉUS	130

RESUMO

A pesquisa aborda um tema ainda pouco explorado no Brasil e trata de verificar novas territorialidades para o turismo em Fortaleza, Ceará, investigando as potencialidades do Cemitério São João Batista, visto como um espaço sagrado. O estudo do espaço e da territorialidade, aplicado à utilização do turismo, é o objeto de investigação do estudo. Trata-se de pesquisa detalhada sobre o cemitério e espaço sagrado, na qual se buscou resgatar a história do cemitério desde o século XIX, no Brasil, aprofundando a investigação do cemitério como monumento à morte, assim como os símbolos da arte cemiterial cristã com seus significados e utilizações. A investigação prolongou-se desde os primórdios do primeiro cemitério de Fortaleza até chegar à construção do São João Batista, passando pelos espaços sagrados e a territorialidade dos enterramentos na Fortaleza da primeira metade do século XIX. Como objetivo geral, a pesquisa analisa os sentidos de apropriação dos cemitérios para visitação turística. Analisaram-se ainda as alternativas de resignificação desse espaço, para sua melhor apropriação pela população local e pelo turista. O estudo caracteriza-se como de natureza qualitativa, uma vez que buscou captar a percepção que os visitantes do Cemitério São João Batista têm da vida e da morte, assim como do significado do espaço cemiterial. As entrevistas foram realizadas sob o prisma da fenomenologia, e o uso do espaço pelo método dialético. Como resultado, comprovou-se que o espaço do cemitério é tido como sagrado para o visitante e que o mesmo pode ser utilizado para a atividade turística.

Palavras-chave: Espaço. Territorialidade. Símbolos. Cemitério.

ABSTRACT

The research addresses a topic not yet widely explored in Brazil and verifies new territoriality for tourism in Fortaleza, Ceará, investigating the potential of *São João Batista* Cemetery, seen as a sacred space. The study of space and territoriality applied to the use of tourism is the object of this research. Detailed research on the cemetery and sacred space where we seek to rescue the history of the cemetery since the nineteenth century in Brazil with further investigation of the cemetery as a monument to death as well as the symbols of Cristian art at cemeteries with their meanings and uses. The investigation lasted from the beginning of the first cemetery in Fortaleza up to the construction of *São João Batista* Cemetery passing through sacred spaces and territoriality of burials in Fortaleza of the first half of the nineteenth century. The general objective of this research examines the meanings of appropriation of cemeteries for tourist visits. There is also an analysis of alternative meanings of this space for better ownership by local people and by tourists. The study is characterized as qualitative as it sought to capture the perception that visitors at *São João Batista* Cemetery have towards life and death, as well as the significance of the cemetery space. The interviews were conducted from the perspective of phenomenology as the use of space by the dialectical method. As a result it was shown that the space of the cemetery is considered sacred to the visitor and that it can be used for tourism.

Keywords: Space. Territoriality. Symbols. Cemetery.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1- TURISMO COMO FENÔMENO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA ...	18
1.1- Apropriação da cultura pelo turismo	21
1.2- Tipologia do Turismo	23
1.3- Turismo Cemiterial	27
2- ESPAÇO E TERRITORIALIDADE DO SAGRADO	29
2.1- Espaço	29
2.2- Territorialidade	32
2.3- Profano: universalidade dos Ritos de Inumação	34
2.4- Reprodução do espaço sagrado como reflexo da sociedade dos vivos	36
3- CEMITÉRIO E ESPAÇO SAGRADO	40
3.1- Histórico e Censura dos Higienistas	45
3.2- Cemitérios Monumentos e Monumentos Funerários	50
3.3- Símbolos da Arte Cemiterial Cristã.....	74
4- CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA EM FORTALEZA, CEARÁ	98
4.1- Os espaços sagrados e a territorialidade de enterramentos na Fortaleza da primeira metade do século XIX	103
4.2- Surge o Cemitério São Casemiro	105
4.3- São João Batista: potencialidades e impactos no entorno entre o espaço sagrado e não sagrado	110
5- OS MONUMENTOS PARA VISITAÇÃO – MAPEAMENTO	126
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148
APÊNDICES	152
ANEXO.....	169
REFERÊNCIAS	171

INTRODUÇÃO

Desde tempos imemoráveis já se definia o Homem com dois elementos – o corpo e a alma. Sendo a alma o elemento indecifrável, buscou-se sempre uma alegoria para explicar seu destino após a morte, a qual tem significados diversos para cada campo do conhecimento humano e para cada grupo religioso. Apesar da vasta contribuição das diversas ciências, especialmente da Biologia e da Psicologia, para explicar o fenômeno da morte, vamos encontrar uma maior compreensão desta nos elementos fundantes das diversas culturas.

Assim, ao longo dos tempos, foram surgindo e consolidando-se religiões que apresentam diferentes concepções sobre a morte. A maioria delas acredita que haja sempre vida espiritual além da vida material; que a morte é o início da libertação das penas e preocupações, pois não retrata um fim em si, mas abre um acesso ao reino do espírito.

Observa-se que cada religião tem seus rituais de passagem para celebrar a morte (do corpo), por considerá-la a passagem para a vida espiritual, embora entre elas haja diferentes concepções sobre a vida espiritual. Quanto ao destino final do corpo, a maioria dos grupos religiosos utiliza o cemitério como a última morada, passando esse espaço a constituir-se lugar sagrado, sendo, inclusive, denominado popularmente de “campo santo”. Os membros das mais diversas tribos indígenas cultuavam e ainda cultuam a morada dos ancestrais.

Esses lugares sagrados – os cemitérios, vêm, ao longo dos tempos, adquirindo diferentes níveis de importância, ora pela sua arquitetura mortuária, que reflete o estilo de diferentes épocas, que por sua vez explica o desenvolvimento econômico e social de uma determinada sociedade, ora pelo grau de santidade das pessoas ali enterradas. Esse fato, além dos vínculos afetivos e religiosos, vem criando, paulatinamente, um novo hábito de visita aos cemitérios, com novos objetivos que, de certa forma, incluem o respeito à memória dos mortos. Dessa forma, explica-se a crescente tendência de visita a esses espaços, em antigas civilizações, como o antigo Egito, Grécia, Roma, e toda a velha Europa e Ásia, bem como em modernas cidades.

A cultura ocidental herdou todo o legado da arte mortuária romana. Na nossa arquitetura cemiterial podem ser encontrados, ora mais, ora menos acentuados, traços marcantes dessa arquitetura romana. Sob esta perspectiva, pode-se realizar uma interpretação política, filosófico-religiosa, científica, econômico-social, materialista,

técnica, fisiopsicológica, formalista e espacial.

Faz-se necessário ainda entender o aspecto da territorialidade na sua acepção, definida como relação individual ou coletiva com um território, considerado como apropriado, quando a identificação com o espaço é levada em conta no processo de socialização, contribuindo assim para a identidade do grupo.

Estudar cemitérios na vida profissional do autor foi uma necessidade a partir da sua vivência acadêmica. Desde a infância, durante as viagens de férias realizadas em família, o autor passou por experiências de visitas a cemitérios a partir da vontade do pai de levar os filhos a visitá-los, principalmente nas cidades do interior do Ceará, para conhecer os túmulos dos filhos ilustres e das pessoas que fizeram a história daquelas cidades. A memória afetiva do hábito do pai em visitar cemitérios, incutida durante a infância, veio florescer na vida profissional do autor.

Como guia de turismo, inicialmente, e posteriormente como professor, o autor sempre teve a preocupação de procurar e investigar novos atrativos turísticos. Posteriormente, como professor de Teoria e Prática do Guiamento Regional e Nacional, buscou diversificar as aulas e em 2000 iniciou um projeto de realizar tour no Cemitério São João Batista, em Fortaleza. Durante três anos, o autor levou todas as turmas ao cemitério e aplicou-lhes questionários e o resultado era sempre o mesmo: embora bizarro e assustador no início, a atividade era encarada com prazer após a realização da visita e o espaço cemiterial passava a ser visto com outros olhos.

Esta atividade resultou em um capítulo de livro intitulado: *Cemitério – Patrimônio Cultural e Atrativo Diferencial: um estudo sobre o Cemitério São João Batista de Fortaleza*, publicado no livro: *Patrimônio Cultural: da memória ao sentido do lugar*, organizado por Clerton Martins e publicado pela Editora Roca em 2006.

Ademais, o trabalho descrito acima levou o autor a perceber a relação multidisciplinar entre o turismo e a geografia, pertinente ao estudo do espaço. De um lado o turismo, como atividade que deve ser planejada com responsabilidade através do estudo do espaço dentro do planejamento turístico, do outro a relevância da geografia, com o estudo do espaço global e do espaço de memória.

É neste contexto que se justifica o estudo do tema proposto, considerando-se também o atual estágio de desenvolvimento turístico de Fortaleza, que tem tido como maior atrativo o turismo de sol e praia. Aspectos culturais da cidade, como a gastronomia, a hospitalidade, a forte verve humorística e a animação cultural, de modo geral, também têm contribuído para a formatação do produto turístico Fortaleza, cidade

que vem despontando com força na preferência do turista nacional e já atrai significativo fluxo de turistas internacionais, principalmente portugueses.

No entanto, a cidade ainda carece da devida valorização do seu patrimônio edificado, que precisa ser melhor compreendido pela própria comunidade local. Dentre esse patrimônio de expressivo valor, destaca-se o Cemitério São João Batista, o 2º Cemitério da cidade, construído entre os anos de 1862 e 1865, e administrado pela Santa Casa de Misericórdia. Este cemitério recebeu os restos mortais oriundos do primeiro cemitério da cidade – o São Casimiro, e entre estes estavam os de Antônio Rodrigues Ferreira - o Boticário Ferreira, que foi vereador da cidade e deu nome à principal praça de Fortaleza, cantada abundantemente em verso e prosa – a Praça do Ferreira. Entre outros importantes vultos de nossa história, estão enterrados ali o General Antônio de Sampaio, o Barão do Crato, Barão de Studart, Carlos Jereissati, Cel. Virgílio Távora, César Cals de Oliveira Filho, o poeta Juvenal Galeno, prof. Juvenal de Carvalho, Quintino Cunha e uma plêiade de cearenses não menos ilustres.

As construções tumulares do São João Batista, durante o século XIX e início do século XX, são predominantemente neoclássicas, realizadas em Portugal e Espanha, e ostentam até hoje uma singular suntuosidade, contando com relíquias da arquitetura, da memória e, sobretudo, do sagrado. Nesta perspectiva, o estudo de novas territorialidades virá contribuir sobremaneira para a melhoria da atividade do turismo no estado do Ceará, considerando-se que, a partir deste estudo, que se pretende exaustivo, o mesmo possa ser aplicado em outros territórios, com peculiaridades semelhantes.

A pesquisa teve como Objetivo Geral analisar as possibilidades de apropriação dos Cemitérios para visitação turística, especialmente as potencialidades do Cemitério São João Batista, Fortaleza-Ceará. Para tanto, elaborou-se um diagnóstico do Cemitério São João Batista, como espaço sagrado, considerando os aspectos de territorialidade que favorecem sua visitação turística. Também foram analisadas alternativas de resignificação desse espaço, para sua melhor apropriação pela população local e pelo turista.

As questões centrais, norteadoras da tese, buscam equipar a cidade de Fortaleza com novo atrativo turístico, mormente a teoria do planejamento turístico, que trata do rejuvenescimento do destino turístico. Fortaleza tem sido, ao longo das últimas três décadas, eminentemente um destino de sol e praia. Entretanto, qualquer destino que queira continuar sendo continuamente procurado por turistas deve, necessariamente, se renovar.

A presente tese está estruturada em cinco capítulos. No capítulo 1, que trata do turismo como fenômeno da sociedade contemporânea, buscou-se entender este fenômeno ao longo de sua existência, passando por vários momentos filosóficos até entender sua conceituação atual. Tratou-se da apropriação da cultura pelo turismo, comprovando que cultura e turismo estão atrelados, o que serviu de subsídio aos capítulos seguintes, que tratam da questão do cemitério como lugar de cultura. Realizou-se um levantamento detalhado sobre a questão da tipologia do turismo para justificar, por fim, uma nova tipologia do turismo, qual seja, o turismo cemiterial.

O Espaço e a Territorialidade do sagrado foram objeto de investigação do capítulo 2, onde, de forma profunda, mas sintética, foram abordados os conceitos e definições de espaço e territorialidade e as profundas ligações existentes entre os dois termos. Verificou-se que um não existe sem o outro.

No Capítulo 3, investigou-se a questão higienista no Brasil, relativa ao sepultamento dos corpos durante o século XIX, e também se esboçou um histórico dos cemitérios. Foram apresentados os cemitérios monumentos, os monumentos funerários, assim como a arte cemiterial e a simbologia cristã nos adornos dos monumentos funerários. Estudaram-se ainda, neste capítulo, os cemitérios monumentos pelo mundo afora.

O capítulo 4, cemitério São João Batista em Fortaleza, Ceará, caracterizou a necrópole como equipamento laico, em contraponto aos espaços sagrados. Destacou também o surgimento de Fortaleza como vila e posterior cidade, para o perfeito entendimento do surgimento do primeiro cemitério da cidade, o Cemitério de São Cassimiro, na primeira metade do século XIX. Caracterizou-se ainda o São João Batista como potencialidade e os impactos no entorno entre o espaço sagrado e não sagrado.

O capítulo 5 foi destinado ao mapeamento dos monumentos, com diversas possibilidades de roteiros para visita. Assim, dividiu-se o espaço em muitas possibilidades de roteiros: o roteiro dos barões, dos políticos, dos empresários, dos religiosos, dos poetas e escritores, dos militares, dos arquitetos e engenheiros, dos comunicadores, dos médicos, dos professores e dos mártires, caracterizando-se a dialética presente no chão do cemitério. Estes roteiros possibilitam contar a história de Fortaleza, do Ceará e até do Brasil, através das vidas das pessoas ali sepultadas. Para chegar-se a estes roteiros, foram inventariados 234 túmulos, e destes elencaram-se 100 túmulos para elaborar os 11 roteiros, havendo ainda a possibilidade de formatação de, pelo menos, cinco outros roteiros, com outros representantes da sociedade, tais como

judeus, pintores, ordens religiosas, cantores, e também as conhecidas e cultuadas almas milagrosas.

O estudo em tela caracteriza-se como de natureza qualitativa, pois buscou captar a percepção que os visitantes do Cemitério São João Batista, em Fortaleza, têm da vida e da morte, assim como do significado do espaço cemiterial. Utilizou-se a pesquisa de campo com entrevistas semiestruturadas aplicadas nas dependências do Cemitério, além do processo de observação do pesquisador e registros fotográficos. As entrevistas foram realizadas sob o prisma da fenomenologia, enquanto o uso do espaço pelo método dialético. A unidade temporal da pesquisa foi compreendida entre janeiro de 2011 e julho de 2013.

Nas Considerações Finais, defende-se que o Cemitério, além da reprodução do espaço sagrado como reflexo da sociedade dos vivos, é *locus* de turismo.

1- TURISMO COMO FENÔMENO DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

As viagens são práticas da sociedade desde os tempos mais remotos. Inicialmente, o homem era nômade e se locomovia constantemente no espaço. A partir do momento em que passou a se fixar em uma área determinada, pode-se dizer que as locomoções passaram a se denominar viagens, pois, via de regra, os homens iam e voltavam para o lugar de origem.

As viagens organizadas e com o intuito de fruição surgiram, efetivamente, durante a segunda metade do século XIX, quando o inglês Thomas Cook passou a organizar viagens levando a aristocracia e burguesia inglesa para viagens pela Europa, com toda a organização de transportes, hospedagens e visitas nas cidades de destino. (ANDRADE, 1998). Com a consolidação da Revolução industrial, surgiu então a atividade chamada de Turismo.

À proporção que as tecnologias foram evoluindo, a atividade turística passou a intensificar-se, pois, para uma viagem organizada são necessários três fatores mínimos e indispensáveis: transporte, hospedagem e alimentação. Com o fim da primeira grande guerra mundial, os aviões que haviam sido fabricados com finalidades bélicas ficaram sem serventia, e foi neste contexto que surgiram as grandes companhias aéreas que atuam até hoje no mercado. Estes aviões sem serventia, durante o pós-guerra, passaram a ser utilizados para transporte de pessoas melhorando, conseqüentemente, os deslocamentos.

Entretanto, o turismo como fenômeno das viagens só passou a ser estudado muito recentemente, em 1929, quando surgiram os primeiros estudos sistematizados sobre o assunto, na Universidade de Berlim, a chamada Escola de Berlim. Um grupo de professores da Faculdade de economia foi o pioneiro no estudo. Depois de observar o fenômeno, esses professores passaram a realizar estes estudos do ponto de vista da economia, pois as viagens movimentavam, como ainda fazem hoje, a economia do núcleo receptor.

Portanto, nos primórdios dos estudos sistematizados da atividade turística o fenômeno das viagens era visto tão somente como atividade econômica. Antes do início dos estudos sistematizados de 1929, estudiosos já tentavam, esparsamente, uma definição da atividade. Segundo Beni (1998, p. 36), Herman von Schullard, em 1910, foi o primeiro a dar uma definição sob essa ótica. Para ele, turismo é

A soma das operações, principalmente de natureza econômica, que estão diretamente relacionadas com a entrada, permanência e deslocamento de estrangeiros para dentro e para fora de um país, cidade ou região.

Percebe-se claramente, pela definição apresentada, a predominância da característica econômica e a afirmação das viagens internacionais, deixando de fora as viagens regionais e nacionais. Este fato deve-se à questão geográfica europeia, pois, comparando o tamanho dos países europeus com os países das Américas, aqueles são territorialmente muito pequenos. Esta ótica de estudo perdurou por décadas, até o surgimento das definições técnicas.

No final da década de 1930, as organizações governamentais passaram a preocupar-se em controlar o tamanho e as características do mercado turístico, e então surgiu a necessidade de definir tecnicamente turista e excursionista. Ainda de acordo com Beni (1998, p. 37), surgiram em 1963, a partir da Conferência sobre Viagens Internacionais e Turismo, patrocinada pela Organização das Nações Unidas, as seguintes definições:

Turistas – visitantes temporários que permaneçam pelo menos vinte e quatro horas no país visitado, cuja finalidade de viagem pode ser classificada sob um dos seguintes tópicos: lazer (recreação, férias, saúde, estudo, religião e esporte), negócios, família, missões e conferências. Excursionistas – visitantes temporários que permaneçam menos de vinte e quatro horas no país visitado (incluindo viajantes de cruzeiros marítimos).

Destaca-se nas definições acima a mesma linha de pensamento das primeiras definições surgidas 50 anos antes, isto é, a preocupação com o turismo internacional. Não se consegue imaginar um excursionista que sai do nordeste brasileiro, vá a outro país e volte em menos de 24 horas, pois somente o trajeto de locomoção ida e volta leva aproximadamente metade deste tempo, sem contar os deslocamentos internos, aeroporto – cidade - aeroporto, este último sempre distante dos núcleos urbanos.

A partir dos anos 1990, as definições passaram a incluir o chamado turismo doméstico. Também nesta década, a linha de pensamento focada apenas no aspecto econômico do turismo gerado nos núcleos receptores começou a mudar, e passou-se a analisar o fenômeno turístico sob a perspectiva holística, reconhecendo-se o homem como o centro do turismo. O homem é um complexo de desejos e necessidades e seus interesses são os mais variados, e quando realiza uma viagem esta é repleta de elementos mais abrangentes que somente a economia. As compras e o consumo são partes integrantes e indispensáveis de uma viagem, mas a fruição, o prazer de visitar, de

sentir sensações diversas são elementos igualmente fortes ao realizar-se uma viagem. Por esta razão, Ignarra (2003, p. 12) destaca, sob o ponto de vista holístico, a definição de turismo de Jafar Jafari:

É o estudo do homem longe do seu local de residência, da indústria que satisfaz suas necessidades, e dos impactos que ambos, ele e a indústria, geram sobre os ambientes físico, econômico e sócio-cultural da área receptora.

Nota-se, portanto, a preocupação com estudos além dos econômicos, destacando-se os aspectos socioculturais do núcleo receptor. Esta visão ampla e abrangente vai garantir um estudo integral dos efeitos do turismo na sociedade contemporânea, abrangendo ainda o aspecto holístico do turista.

Dentro da perspectiva holística, o turismo pode ser enfocado por meio de vários métodos. O enfoque institucional leva em consideração os diversos intermediários que interagem para a realização de uma viagem: as agências de viagens, transportadoras, meios de hospedagem, dentre tantos outros. Relativamente ao enfoque dos produtos, o estudo enfoca em como estes são desenvolvidos. Um quarto de hotel é exemplo para este tipo de enfoque, que analisa como ele se apresenta, qual o serviço de manutenção necessário, dentre tantos outros elementos.

Sob o enfoque histórico estuda-se, sobretudo, a evolução do turismo para entender o seu estado atual. Pelo enfoque administrativo, estudam-se os melhores meios para o funcionamento das diversas empresas da área. Há também o enfoque econômico, que tem sido a preocupação desde o início dos estudos sistematizados do setor, e que hoje tem como foco o que muda na economia local com a chegada de turistas. O enfoque sociológico preocupa-se em estudar as classes sociais, hábitos e costumes e, sobretudo, o estudo do tempo livre, sem o qual não se podem realizar viagens. O enfoque geográfico é indispensável, uma vez que se preocupa em verificar como se desenvolve o espaço turístico, como este é ocupado e que tipos de impactos são causados com os fluxos turísticos. Pelo enfoque interdisciplinar estuda-se a congregação de todos os elementos sociais, elencando como um deles, o turismo cultural, exige pesquisas antropológicas e de comportamento dos turistas. Por fim o enfoque sistêmico, que trata da pesquisa que trabalha com grupos inter-relacionados. (IGNARRA, 2003)

Portanto, o turismo pode ser considerado uma atividade complexa, que traz impactos os mais diversos para uma sociedade. A troca de experiências entre turistas e moradores de um determinado local causa efeitos positivos e negativos, sendo

necessário um bom planejamento para minimizar os impactos negativos oriundos dos fluxos de turistas em uma comunidade receptora.

1.1- Apropriação da cultura pelo turismo

Em todas as viagens turísticas, necessariamente, o homem vai ter contato com a cultura local. Estes fazeres cotidianos que se apresentam em um determinado grupo social vão caracterizar a cultura que se apresenta nas mais variadas formas, sejam elas materiais ou imateriais. O próprio hábito de alimentar-se, coisa que o turista invariavelmente utiliza em uma viagem, constitui uma forma cultural. Uma simples tapioca servida em um café da manhã em um hotel caracteriza este traço cultural e identifica, necessariamente, uma cultura, um povo, uma região.

A Unesco (2002, p. 02) define cultura como:

O conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, tradições e crenças.

O turismo vem, ao longo do tempo, se apropriando da cultura como elemento motivador para as viagens. Ao vender-se um destino turístico, invariavelmente apela-se para os elementos culturais daquele destino, como forma de motivar o turista em potencial. Neste aspecto, o que mais se sobressai são os elementos materiais daquele destino. Ao evocar-se o Rio de Janeiro, por exemplo, a imagem divulgada será o Cristo Redentor ou o Pão de Açúcar; Paris se apresenta com a Torre Eiffel e Nova York com a Estátua da Liberdade. A ideia da cultura está intimamente relacionada com o destino turístico e ela se apresenta não só no aspecto material, mas, sobretudo, no aspecto imaterial.

Os elementos imateriais de uma viagem são traduzidos pelas maneiras de falar, de se expressar, de vestir-se (apesar da padronização impingida pela sociedade do consumo capitalista), de receber o turista. A maneira como se apresenta um prato regional ou mesmo a forma de prepará-lo, com um tempero que só se consome naquela localidade. O tucupi, próprio do fazer culinário nortista; o cominho, tão utilizado na culinária piauiense; o cheiro verde, largamente utilizado no modo de preparar os pratos cearenses; a pimenta, largamente apreciada da culinária baiana; o pequi, tão apreciado no centro-oeste, oriundo do bioma cerrado; o queijo de minas e o odor inconfundível de café do sudeste, são formas e cheiros do sentir imaterial, inigualáveis, e que

caracterizam um determinado destino turístico.

Seria difícil pensar o turismo sem o elemento cultura como fator a ser conhecido e muitas vezes vivenciado. A origem da relação entre turismo e cultura encontra-se na prática dos *grand tour* iniciados na Inglaterra durante os séculos XVII e XVIII, com o intuito de levar os filhos dos aristocratas e burgueses em viagens pela Europa para solidificar o conhecimento das matérias aprendidas com os preceptores. Os jovens visitavam todos os pontos relevantes de cada capital europeia e vivenciavam aulas em museus e locais históricos.

Conforme Costa (2009, p. 24):

Os *grand tour* um itinerário mais ou menos padronizado: o principal guia turístico – *The Grand Tour*, de Thomas Nugente, primeiramente publicado em 1749 – indicava visitas à França, à Itália, à Alemanha e aos Países Baixos, embora os visitantes se concentrassem em longas estadas na França (especialmente em Paris) e na Itália (com visitas a Gênova, Nápoles, Florença, Roma e Veneza e rápidas paradas em cidade menores). Este era o roteiro mais popular, já que vigorava a crença comum da inexistência de locais merecedores de visita no restante do mundo [...].

Nestes roteiros visitava-se tudo sobre arquitetura, escultura, pintura, além de vivenciar intensa troca cultural com os autóctones. Em cada uma destas localidades eram mostrados aos viajantes os rudimentos filosóficos e os aspectos históricos que rodeavam todas as obras de arte, assim como os elementos comparativos entre a cultura visitada e a cultura da terra de origem do viajante/turista.

Sentir uma cidade, um lugar, um destino é mais que visitar e ver seus monumentos, é, sobretudo, apreciar os odores e os gostos deste destino. Sensações sinérgicas se apresentam para qualquer turista. É válido então dizer que só se conhece uma cidade quando se realizam três atividades no destino visitado. A primeira é visitar um mercado público, pois ali se encontra o que há de mais consumido pela população local, uma vez que só existe algum produto à venda se houver compradores. Os gostos alimentares, os usos e costumes estão intrinsecamente presentes nestes mercados.

A segunda atividade é visitar um supermercado, destes do modelo capitalista consumista, supermercados de cadeia, que se apresentam em todo o Brasil da mesma forma, o *designer* é o mesmo nacionalmente, as gôndolas apresentam-se da mesma forma de norte a sul de leste a oeste, mas há algo particular, algo que só se encontra naquela cidade. Na seção de hortifruti só se encontram jabuticabas nos supermercados de Minas e só se encontram siriguelas e sapotis nos supermercados do Ceará. E nos meses em que estas frutas estão em produção, pois ainda não são produzidas ou

induzidas para o ano todo, as frutas regionais, que não têm tanto valor comercial, aparecem como as mais consumidas por aqueles que apreciam e gostam dos sabores da terra. Isso diferencia o local do global.

A terceira atividade que um turista deve praticar, para dizer efetivamente que conheceu determinada cidade, é viajar em ônibus de linha urbana. Assim ele poderá sentir o cheiro daquele povo e poderá ouvir o que conversam, analisando o sotaque e a maneira de ver e pensar daquela gente. Isso tudo é impar e isso tudo é cultura.

O turismo tem se apropriado da cultura para “vender” um destino; o apelo de *marketing* busca todos os elementos de venda e busca, sobremaneira, trazer turistas a qualquer custo, mas sem falsa venda, pois todos estes elementos são efetivamente encontrados na localidade que se deseja “vender”.

Portanto, cultura e turismo formam um binômio, pois a cultura sempre estará atrelada ao turismo, sendo um elemento deveras motivador para uma viagem a um determinado destino. Sempre existirá algum turista que irá se interessar por um ou outro aspecto da cultura e gostará de conhecer um determinado destino em função de um aspecto da cultura daquela localidade, até mesmo um cemitério.

Desta forma, o turismo apropria-se da cultura e se beneficia dela, seja na hora de “vender” um destino, seja na hora de entreter o turista que se encontra em determinado destino. Um dos aspectos mais explorados pela atividade turística são os elementos folclóricos, muitas vezes estilizados, para “mostrar” ao turista a cultura daquela localidade. Os aspectos folclóricos que mais se evidenciam são constituídos pela dança e música, além do artesanato e da culinária. O turismo, como atividade de lazer e fruição, faz uso constante destes elementos culturais de um destino turístico.

1.2- Tipologia do Turismo

Tema por demais complexo e ainda sem elucidação efetiva, a tipologia do turismo vem sendo estudada há muito tempo, mas sua elucidação ainda carece de melhores justificativas e conceitos. Ao buscar-se o significado de “forma” encontram-se algumas acepções para a palavra, dentre elas a configuração das coisas, o modo, a maneira, o delineamento. Neste aspecto, não se pode falar em tipologia sem levar em consideração a questão da forma. E quando se chega ao tipo parece que a questão fica mais complexa, pois este exprime marca, representação, caráter, modelo.

Os mais diversos autores apresentam tipologias do turismo sem, no entanto, delimitar o seu significado. Conforme Silva (2003, p. 12):

Realizou-se um estudo bibliográfico detalhado sobre forma e tipo de turismo em dez autores: Acerenza; Andrade; Barretto; Beni; Bullón; De la Torre; Fuster; Lages; Lleida e Wahab, dentre eles brasileiros, espanhóis, argentinos e mexicanos, onde comprovadamente constatou-se divergências significativas na abordagem do tema. Após esta constatação propõe-se uma teoria para dirimir dúvidas sobre a matéria partindo-se da semântica das palavras “forma” e “tipo” unificando-se definitivamente os conceitos para este estudo.

Desse modo, a forma é a maneira como a viagem se apresenta, enquanto o tipo é o modelo da viagem, relacionado ao elemento motivador, aquilo que o turista busca prioritariamente ao decidir realizar uma viagem. No que concerne à forma, esta pode classificar-se em função da quantidade de pessoas que viajam; do meio de transporte escolhido; da localização geográfica; da idade dos turistas; do sexo e dos preços dos produtos. O tipo segmenta-se pelos modelos de fruição, que podem ser, conforme os autores acima, turismo de lazer, turismo de águas termais, turismo desportivo, turismo cultural, turismo ecológico, turismo gastronômico, turismo cemiterial, dentre muitos outros. É relevante frisar que todo tipo de turismo encontra-se com a questão da cultura, isto é, nenhum tipo de turismo deixa de ser cultural, uma vez que o turista, invariavelmente, vai se deparar com a cultura do local visitado, em algum dos aspectos, sendo a culinária o contato inevitável, já que todos os turistas se alimentam.

Para elucidação do exposto acima, veja-se o que diz Veloso (2003, p. 16)

Se entre os *experts* há diversidade em conceituar, codificar, classificar e catalogar o turismo, imagine aqueles que nem sequer possuem a preocupação de fazer uma pesquisa ou análise do que seja o turismo na sua essência mais pura e racional.

O fato é que, neste ínterim, há turistas que buscam as mais diversas formas de viajar, de se divertir e conhecer um determinado destino, não ficando de fora, certamente, aqueles que buscam o inusitado, como a visita a um cemitério, por exemplo.

Neste sentido, é relevante frisar o que vem a ser um atrativo turístico, através do que diz Bahl (2004, p.44):

Serão considerados atrativos turísticos todos os elementos que possam despertar a curiosidade dos turistas. Muitos atrativos apresentam-se de maneira concreta, tais como as edificações ou elementos naturais (montanhas, cachoeiras etc); outros podem ser utilizados para se criar novos atrativos (eventos, festas, etc.). Pode-se estipular que a base das motivações para se viajar estão relacionadas aos atrativos que contenham elementos naturais e /ou culturais, e aí revela-se a importância de adequá-los às visitas turísticas.

Dessa forma, qualquer elemento da cultura pode se transformar em um atrativo turístico, bastando que existam pessoas que desejem visitá-lo ou conhecê-lo. Estes atrativos podem compor-se de elementos materiais ou elementos imateriais; no turismo religioso, por exemplo, os elementos imateriais se sobrepõem aos elementos materiais.

Conforme Barretto (2009, p. 15):

Poucos turistas dedicam-se somente e exclusivamente a ver cultura, ou a contemplar o mar, ou a andar de caiaque. Todos dedicam um pouco de tempo, ou grande parte dele, para desfrutar do principal atrativo, mas praticam também outros tipos de turismo ao mesmo tempo (uma exceção poderiam ser os jogadores compulsivos que dedicam o tempo inteiro aos cassinos).

Nesta linha de pensamento, busca-se evocar a segmentação de mercado para o turismo, considerando-se que seus aspectos são distintos e diferenciados e, por isso, cada ação de marketing turístico foca em um grupo específico. Os critérios considerados para a segmentação podem ser demográficos, geográficos, psicológicos, econômicos. Já as formas básicas para a segmentação são duas: a primeira relacionada ao comportamento do consumidor, isto é, o que ele faz, e a segunda focada na pessoa. Barretto (2009) exemplifica e define a segmentação *a priori* e *a posteriori*, conforme quadro abaixo:

QUADRO Nº 1: SEGMENTAÇÃO DO MERCADO TURÍSTICO

	Categoria	Tipos de variáveis
A priori	Demográfica	Idade, sexo, educação, estágio de vida, renda.
	Geográfica	Local de residência.

A posteriori	Categoria	Tipos de variáveis
	Psicologia/estilo de vida	Anseios, atitudes, valores, características pessoais. Motivações para as viagens.
	Comportamental	Tipo de comportamento, tipos de informações procuradas e canais de distribuição usados.

Fonte: adaptado de Barretto (2009)

Dentro da segmentação do turismo, e segundo o quadro apresentado, são segmentações: idade, situação econômica, meios de transportes, duração de permanência, tipo de grupo, aspecto cultural, motivação da viagem, dentre outros. Quanto à motivação das viagens, o turismo de motivação mórbida ou *nekroplilo*, que vem a ser o turismo motivado pela visita a lugares relacionados à morte e a desastres, é uma área emergente. O chamado *dark tourism* (turismo de motivação mórbida) envolve visitas a campos de concentração, cenários de crimes horríveis e até paisagens assoladas por guerras. Aqui tem-se a ideia da morte associada ao escuro, ao lúgubre e até a algo sujo (COOPER, et, al, 2007).

Nota-se que o termo necrófilo ou a expressão *dark tourism* estão ligados à motivação mórbida, uma tendência surgida na Europa e/ou América do Norte. Entretanto, entende-se que a mudança de comportamento social é bastante diversificada e certamente esta teoria encontra respaldo no meio das novas motivações turísticas. Pretende-se, assim, mostrar o outro lado das motivações para novas viagens.

Por outro lado, deve-se levar em conta que um destino turístico chega à saturação ao final do décimo ano, sendo este período considerado para que se possa renová-lo ou para que se possam acrescentar novos atrativos. Nesse caso, deve-se desenvolver um planejamento turístico para preparar ou renovar um destino turístico.

A inclusão de um cemitério nos roteiros turísticos de uma cidade pode constituir-se um novo produto. O próprio inventário da oferta turística, regulamentado pelo Ministério do Turismo, coloca os monumentos funerários como atrativos, definindo arquitetura funerária como “monumento erigido para prestar homenagens fúnebres – panteão, mausoléu, cruzeiro, túmulo, memorial.” (Brasil. Ministério do Turismo, 2006).

1.3- Turismo Cemiterial

Desde o início das viagens organizadas e do surgimento da atividade turística, após a consolidação da Revolução Industrial, surgiram três formas de turismo: o chamado *turismo de elite*, realizado por pessoas de altíssimo poder aquisitivo, que remonta à segunda metade do século XIX e teve início na Inglaterra, a partir das ações de Thomas Cook; o *turismo de massa*, praticado pela classe média, notadamente a partir do final da primeira metade do século XX, quando os preços das viagens ficaram mais acessíveis pelas melhorias e facilidades tecnológicas; o *turismo social*, surgido por volta dos anos 1960, subsidiado pelas grandes empresas para os seus funcionários, observando teorias da administração de recursos humanos, que indicavam o turismo como forma de melhorar a produção.

No início do século XXI começou a aparecer, na literatura específica de turismo, ainda de forma muito incipiente, o termo turismo fúnebre, como um dos componentes da tipologia do turismo. De acordo com Beltrão (2001, p. 57), o turismo fúnebre “consiste na excursão que tem como objetivo visitar túmulos de personalidades de grande notoriedade que marcaram a história da humanidade.” Observa-se, por este conceito, que nesta tipologia emergente a visitação verifica-se tão somente por conta das personalidades de grande notoriedade.

O conceito evoluiu e outros termos começam a surgir, tais como necroturismo, tanaturismo, turismo necrófilo, turismo macabro, turismo de *mea culpa*, além do *dark tourism*, conforme dito acima. Percebe-se que a maioria destas terminologias ainda encontra-se nos sítios da internet, tendo sido publicada em livros ainda muito pouca coisa sobre o tema. Desta sorte, Ferreira (2009, p. 350) assim se expressa:

Talvez seja possível conceituar o turismo “necrófilo” como aquele no qual as pessoas são atraídas a visitar os lugares relacionados à morte, sejam eles cemitérios, memoriais, ou mesmo lugares onde ocorreram tragédias – genocídios, batalhas, etc.

Entretanto, busca-se outra tipologia no que se refere à motivação para o turismo cemiterial, pois, de acordo com Manhães (2010, p. 119):

Cientes de que o Turismo em cemitérios tem como desígnio principal a exploração da riqueza artística e arquitetônica, já em terras nacionais

o segmento é considerado inovador. É o brasileiro um ser demasiadamente crenteiro para apreciar a arte cemiterial como objeto de aprendizagem? Esse pode ser um motivo. Outro pode derivar-se de a arte em cemitérios ser recente por aqui.

O turismo cemiterial analisa não só a história dos que ali estão sepultados, mas, sobretudo, os aspectos arquitetônicos, os aspectos simbólicos presentes nos túmulos e na arte tumular de maneira geral, as questões de ordem econômica e social presentes nas necrópoles e, por fim, as questões culturais de maneira geral. Desta forma, o turismo cemiterial se suplanta como terminologia em relação ao necroturismo, uma vez que este prefixo, oriundo do grego *nekrós*, exprime a noção de morte ou de cadáver. Não se busca, ao visitar um cemitério como atrativo turístico, entender a morte ou falar de cadáveres, busca-se, sim, entender a visão da morte pelos vivos e conhecer a beleza da arte e os elementos simbólicos sobre a morte. Assim, entende-se que a expressão turismo cemiterial seja mais adequada que qualquer outra expressão para esta nova tipologia do turismo.

Portanto, pode-se conceituar turismo cemiterial como o turismo realizado em cemitérios com o intuito de conhecer a história de um lugar a partir das personalidades ali enterradas, bem como entender a economia, a sociedade e os valores desta localidade a partir dos túmulos e das alegorias da morte neles representadas. Vislumbra-se ainda a cultura local a partir do universal, identificando-se o particular e as relações entre a cidade onde moramos e a necrópole, uma vez que esta é um reflexo daquela.

2- ESPAÇO E TERRITORIALIDADE DO SAGRADO

Espaço e territorialidade são conceitos que se juntam e se complementam, não sendo possível entender um sem levar em consideração o entendimento do outro. A estes conceitos, e para entendimento do estudo aqui exposto, agrega-se ainda o conceito de sagrado, elementos estes que são objeto de estudo da geografia.

2.1. Espaço

Entender o espaço no âmbito geográfico tem sido tarefa de estudiosos, considerando-se que o vocábulo comporta diversas acepções. O espaço pressupõe, além de seu aspecto físico e visível, um significado, sobretudo, de uso que lhe é atribuído pelo homem.

Na concepção de Ward (1972, p. 31);

O homem habita dois mundos. Um é o mundo natural das plantas e dos animais, dos solos, do ar e das águas, que o precedeu em bilhões de anos e do qual faz parte. O outro é o mundo das instituições sociais e dos artefatos que constrói para si mesmo com suas ferramentas e máquinas, sua ciência e seus sonhos, para alcançar um meio obediente aos propósitos ou direções humanas.

Entretanto, estes dois mundos e estes dois espaços não se dissociam, estão integrados e relacionados entre si e o homem faz uso deles. Desta forma, de acordo com este estudioso, o espaço terrestre pode ser dividido em duas grandes categorias: o espaço natural e o espaço cultural.

Neste mesmo sentido encontra-se o pensamento de Santos (2008, p.12), quando afirma: “definimos o espaço como a soma da paisagem (ou, ainda melhor, da configuração geográfica) e da sociedade.” No mesmo sentido do teórico anterior, aqui também se comprova a existência dos dois espaços, sendo tudo que o homem constrói elemento espacial artificial.

Assim, o espaço soma dois movimentos dialéticos, traduzidos por forma e conteúdo, e tudo isso acontecendo em uma localização, quer dizer, em um lugar que traduz exatamente o ponto geográfico. Dessa forma, cada lugar muda de significado a todo instante, considerando-se a dinamicidade humana. (SANTOS, 2008).

É fundamental notar que há distinção entre lugar e localização, pois lugar é

objeto e localização é onde as atividades sociais acontecem. O espaço é considerado como uma totalidade.

Considerando-se que o presente estudo busca aliar a territorialidade ao turismo, o estudo do espaço é elemento indispensável e basilar para o planejamento turístico e este planejamento maneja sete tipos diferentes de espaços físicos. No quadro abaixo apresentam-se os tipos de espaços para o estudo do planejamento turístico:

QUADRO Nº 2: TIPOS DE ESPAÇO PARA O PLANEJAMENTO TURÍSTICO

Espaço Real	Espaço percebido pelo homem através dos sentidos. É toda a superfície do planeta e a camada da biosfera. É real por ser possível comprovar sua existência e deslocar-se por ele.
Espaço Potencial	É o espaço que poderá existir a partir de um destino dado ao espaço real de algum uso diferente do atual.
Espaço Cultural	Também chamado de espaço adaptado, é o espaço que teve modificada a sua fisionomia original devido à ação do homem. No presente estudo o cemitério constitui-se como espaço cultural não só no âmbito da geografia como no âmbito antropológico.
Espaço Natural Adaptado	Partes da crosta terrestre onde predominam as espécies do reino vegetal, animal e mineral, sob as condições que o homem estabelece. Conhecido também como espaço rural, que assinala as tarefas produtivas de plantio e colheita.
Espaço Artificial	É onde está incluído todo tipo de artefatos construídos pelo homem. Como expressão máxima encontra-se a cidade, que também leva o nome de espaço urbano. Para este estudo o cemitério também é um espaço artificial, considerando-se que se defende a teoria de que o cemitério é uma cidade, como se comprovará em capítulo posterior.
Espaço Natural Virgem	Onde não há vestígios da ação humana. São áreas cada vez mais escassas.
Espaço Vital (ecológico)	Não se refere ao solo e sim ao homem

Fonte: Adaptado de Boullón (2002)

Considerando-se o espaço cemiterial e tendo em vista que para o desenvolvimento do turismo há a necessidade de um planejamento específico, é relevante observar que o espaço turístico se apresenta pela distribuição territorial dos atrativos turísticos.

Desta forma, o espaço de cemitério como um todo não vai interessar ao turismo,

levando-se em conta que os atrativos cemiteriais não correspondem a cem por cento dos túmulos nele existentes.

Conforme Boullón (2002, p. 80):

A melhor forma de determinarmos o espaço turístico é recorrermos ao método empírico, por meio do qual podemos observar a distribuição territorial dos atrativos turísticos [...] a fim de detectarmos os agrupamentos e as concentrações que saltam à vista.

Isto confirma que a totalidade de um cemitério não ira interessar à atividade turística, sendo necessário mapear os espaços onde se concentra o maior número de atrativos interessantes, embora as possibilidades de mapeamento sejam em grande escala e até mesmo ilimitadas.

Neste sentido, Santos (2008, p. 18) corrobora ao afirmar que:

O estudo das interações entre os diversos elementos do espaço é um dado fundamental da análise. Na medida em que função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social.

Assim, percebe-se que determinados túmulos, dispostos em determinado espaço de um cemitério, retratarão o espaço como um todo e também a sociedade como um todo, pelo princípio da interação.

Para um entendimento mais concreto sobre o espaço, é conveniente esclarecer que há uma totalidade, que é o espaço geográfico. Na visão de Andrade (2012, p. 7):

O espaço geográfico é o resultado concreto e simbólico das relações acumuladas entre sociedade e natureza. Concreto no sentido de que se expressa numa materialidade construída em tempos distintos que convivem com a nossa contemporaneidade e a ela respondem como formas que foram incorporadas somadas às novas formas construídas. Simbólico também porque há no espaço construído uma relação de topofilia ou topofobia como fruto das relações imateriais que a sociedade estabelece junto ao lugar vivido.

É curioso observar dentro da questão simbólica do espaço a topofilia e a topofobia, que são os elos afetivos entre a pessoa e o lugar ou o ambiente físico. Enquanto a topofilia é o elo afetivo, a topofobia constitui a antítese, ou seja, a fobia pelo lugar. (TUAN, 1980). As pessoas guardam sentimentos fortes com relação aos espaços, sejam eles privados ou públicos, lugares que remontam à infância, por exemplo.

Na visão de Boullón, dentro do estudo do planejamento turístico aparece o conceito de espaço turístico. No entanto, é relevante observar que não há um espaço

turístico e sim que o turismo acontece em determinados espaços, onde a dinâmica dos agentes de produção da atividade turística é hegemônica. (ANDRADE, 2012)

Dessa forma, o desenvolvimento da atividade turística em cemitérios traduz-se como mais um uso do espaço neste tipo de lugar. No entanto, não se pode afirmar que há um espaço turístico e sim um equipamento em espaço delimitado para enterramentos, onde é possível o desenvolvimento da atividade turística.

2.2- Territorialidade

A necessidade de se estudar este tópico é para que se possam caracterizar os cemitérios como espaço de territorialidade e entendê-los como espaço possível para o desenvolvimento da atividade turística.

Partindo-se da etimologia dos termos territorialidade e território, formados a partir do substantivo feminino terra, e entendendo-se que terra, etimologicamente, significa território, região, solo, chão, exporemos definições apresentadas por teóricos, com base em estudos e pesquisas realizadas. (CUNHA, 1996)

Em relação ao tema territorialidade, podemos citar o pensamento de Léfèbvre (1974), o qual considera que o espaço se produz por dois caminhos, sendo o primeiro o caminho da formação social, traduzido pelo modo de produção da sociedade, e o segundo a construção mental. Desta maneira, para se entender o espaço é preciso entender o concreto e o abstrato. E assim, para entender o território é necessário, inicialmente, entender o espaço.

Rodrigues (2009, p. 46), referindo-se a Léfèbvre, assevera que:

As práticas espaciais envolvem a produção e a reprodução, agregam lugares, que asseguram a formação social, permitem a produção da concretude espacial por meio do modo de produção vigente, como também agregam símbolos (imagens).

O entendimento da territorialidade só será possível a partir do entendimento do espaço, uma vez que o espaço antecede o território. Para a existência do território, há a necessidade de uma ação desenvolvida por um ator ou atores em um determinado espaço. Ao se apropriar, concretamente ou até mesmo abstratamente, de um espaço, o ator o “territorializa”. (RAFFESTIN, 1993).

Assim sendo, todos os espaços tornam-se territórios dentro de uma sociedade. O homem agrega valores e funções nos mais diversos espaços, dentro de uma urbe, por

exemplo, dotando estes espaços de valores abstratos e fazendo uso dos mesmos para as mais diversas formas e necessidades humanas. Essa territorialidade estará presente, igualmente, na urbe dos mortos, e ali os significação dos símbolos e imagens têm uma presença forte e até predominante em relação aos demais significados prestados àquela territorialidade.

Também de acordo com Raffestin (1993, p.159), “o poder é inevitável e, de modo algum, inocente. Enfim, é impossível manter uma relação que não seja marcada por ele”. Nos cemitérios, as relações de poder influenciam a disposição dos terrenos dentro do campo santo; os terrenos mais caros estão nas áreas consideradas nobres, tais como as mais próximas à capela mor. Há ainda a questão das vizinhanças dos proprietários dos túmulos, que também observam esta relação de poder, com o capital sempre predominando em relação aos demais valores. Outro elemento que retrata fortemente esta relação de poder são os materiais que revestem os túmulos; nos mais ricos são usados materiais caros e de grande valor econômico e artístico, e nos túmulos mais ao fundo do cemitério os materiais mais baratos.

Abaixo, um quadro explicativo sobre o território, que é caracterizado por quatro níveis de relações distintas e complementares:

QUADRO Nº 3: QUADRO EXPLICATIVO SOBRE O TERRITÓRIO

Território do Cotidiano	É a territorialidade do cotidiano vivido, a questão imediata, sendo este simultâneo.
Território das Trocas	Sendo também a territorialidade do cotidiano vivido, vai envolver as articulações regionais, nacionais e internacionais sofrendo da questão das discontinuidades temporais e espaciais.
Território de Referência	Este território possui caráter material e imaterial, sendo ele histórico e imaginário, possuindo memória, lembranças e, sobretudo, relações afetivas. São os valores fornecidos a cada espaço pelo homem.
Território Sagrado	Ligado a igrejas e/ou religiões que demarcam poder sobre tal espaço.

Fonte: Adaptado de Raffestin (1993)

É relevante notar que no território cemiterial encontram-se os quatro níveis de relações do território acima expostos. No referente ao território do cotidiano, aquele espaço possui uma função imediata, pois ali se realizam os enterramentos considerando-se a necessidade de salubridade para a sociedade. É ainda um território de trocas, pois são verificadas articulações que envolvem valores. É também, sobretudo, um território

de referência, pois o lugar se efetiva com um caráter material, representado pelos túmulos, e imaterial, representado pela arte tumular, além de ser território de memória e de lembranças afetivas dos entes queridos. O cemitério é ainda um território sagrado, pois o ato dos enterramentos está imediatamente ligado às religiões e as igrejas demarcam um poder sobre aquele espaço.

No dizer de Rodrigues (2009, p. 51), na territorialidade existe “uma superposição de territórios, ou seja, diversas multiterritorialidades, demarcadas por diversas temporalidades, que ora se negam, ora se complementam.” Constata-se, pelo exposto, que o território de um cemitério guarda todos estes elementos do estudo em tela.

2.3- Profano: universalidade dos Ritos de Inumação.

Tanto o sagrado como o profano, este último considerado a antítese do primeiro, estão presentes nos ritos da morte. E ambos evoluem com a evolução da sociedade, assim como o modo de morrer, que foi se modificando com o passar do tempo.

Se antes se morria e velava-se o corpo em casa, hoje estas tarefas são passadas pela família aos hospitais e casas de velório. Quando os velórios aconteciam na própria residência do morto e se realizavam durante a noite, dizia-se que as pessoas iam para a sentinela. Aos presentes aos velórios, enterros ou sentinelas, os membros da família ofereciam comida farta durante toda a noite e aos homens costumava-se servir cachaça, principalmente nas cidades interioranas, prática esta chamada de “beber o defunto”.

Estes ritos integram o lado profano ligado à morte e foram heranças de nossas civilizações pretéritas, encontradas tanto na Grécia Antiga como entre os povos romanos.

Thomas, ao prefaciar a obra de Bayard (1996, p. 9), diz que: “os ritos fúnebres começam com a *agonia*, fato universal que a vida urbana levou-nos a esquecer [...]. Eles continuam com o *velório*, as *exéquias*, as *condolências* e o luto [...] social.”

O velório é nada mais que um rito de retenção, ou seja, a impressão de retardar a separação. Os cuidados dispensados ao corpo para que tenha uma boa aparência são ritos profanos e de consumismo, e chegaram ao ponto de criar a profissão de maquiador de defuntos, com técnicas apuradas e comprovadas pela ciência. A maquiagem em mortos é tarefa de interesse da tanatologia e hoje largamente usada no mercado mortuário.

Os ritos de inumação são concretizados, por fim, nos cemitérios, e no dizer de Thomas (*in* BAYARD, 1996, p. 25):

depois dos funerais, o túmulo geralmente é o ponto de apoio do culto voltado ao defunto. Lugar de separação, mas também de conservação dos mortos, o cemitério é, pois, carregado de simbólica cujos componentes traduzem a ambivalência da relação com a morte: a pedra dura, lisa e imputrescível, o alinhamento rigoroso dos túmulos, os emblemas de eternidade realçados pela arte funerária... não se negligencia nada para ocultar e ultrapassar o horror das carnes em decomposição, imagem da ação dissolvente da morte.

Os ritos ocupam uma função mítica na sociedade, e nesse caso o velório é um rito de passagem para acostumar-se com o fato da morte de uma pessoa. A morte indica o fim do ser, da sua vida terrena, sendo para as religiões a passagem para uma vida eterna junto de Deus.

Neste sentido, corroboramos com o pensamento apresentado por Cabral (2006, p. 20), o qual lembra que:

De acordo com o Estoicismo, deve-se se encarar a morte como um acontecimento natural, mas não se deve dar-lhe um desprezo, já que, paradoxalmente, constitui-se íntimo anelo do homem.

O mesmo autor observa que os “Dualistas fizeram da morte algo de agoureiro, dizendo que seria a libertação da alma encarcerada dentro do corpo. Desta forma também pensavam, no passado, os Pitagóricos.”

Enquanto uma doutrina refere-se à morte como um acontecimento natural, mas que não deve ser desprezado, e a outra entende a morte como a libertação da alma, os ritos estão presentes, independentemente, nas duas doutrinas.

Os ritos de inumação são universais. Há registros, comprovados por escavações arqueológicas que, desde 10.000 anos a.C. , já existiam cemitérios. Durante o período mesolítico e neolítico há o predomínio de algumas características que confirmam que as crenças religiosas se cristalizam. Os corpos são enterrados em posição dobrada e são salpicados de ocre, além do acompanhamento do mobiliário funerário. (BAYARD, 1996)

Em todas as civilizações encontram-se honrarias à pessoa do morto, e, ao longo destas civilizações, desenvolveu-se a fé na existência futura e na morada celeste para as almas purificadas. A cultura grega, por exemplo, personificou a morte na figura de Tânatos, e esta cultura chega até os nossos dias nos estudos conhecidos como tratados sobre a morte, chamados de tanatologia.

Sobre as alegorias dos rituais de inumação, Bayard (1996, p. 145) afirma que:

Sob a influência dos ritos a arte dota a morte de personalidade antropomorfa; em geral, aparece na forma de esqueleto armado com foice e em cenário de horror; a tocha, com a chama representando a vida, agora está virada. As religiões antigas não davam traços horrendos à morte: “Ela era como bela jovem dormindo nos braços da Noite, sua mãe, e do Sono, seu irmão”.

Enquanto os antigos tinham uma visão de beleza da morte, a visão de horror, surgida na Idade Média, perdura até os dias atuais. Entre os antigos existia também a comida e a dança em honra ao morto, ponto este em que se entrelaçam o sagrado e o profano; o sagrado representado pelos ritos de inumação e o profano pelos ritos da dança e do divertimento.

Os cuidados com o defunto também estão presentes em todos os tempos. Lavar, limpar, vestir, arrumar, depor o corpo em um caixão coberto com um véu, lembrando um berço, são ritos comuns em todas as civilizações. Estes cuidados são crenças de que o morto deve estar bem apresentável no momento em que chegar diante do tribunal que o vulgará pelo céu ou inferno. Estes cuidados ultrapassam o momento do velório, quando a família ergue um monumento à memória do defunto.

Muitas civilizações homenageavam seus mortos oferecendo o mobiliário funerário, pois acreditavam que a alma, ao chegar a outra vida, iria necessitar de tudo aquilo. Outras ofereciam comida, costume presente até hoje no México, e a nossa civilização oferece flores. Os elementos se modificam, mas o sentido é o mesmo e o ritual se perpetua em memória à pessoa do morto.

2.4- Reprodução do espaço sagrado como reflexo da sociedade dos vivos

A influência da Igreja sobre o Estado de Direito foi forte durante muito tempo. Por muitos séculos, o ato de inumar foi gerido e pensado pela própria Igreja, considerando-se que os enterramentos verificavam-se dentro das capelas. No século XIX, a Igreja interferia diretamente no processo de decisão do Estado no atinente à questão da morte e, sobretudo, das inumações.

Com o surgimento dos cemitérios tradicionais, tal como conhecemos hoje, a Igreja passou a ditar os modelos, sobretudo dos túmulos. A simbologia da vida e da morte, largamente valorizada pelos atos cristãos, ultrapassa o laicismo do Estado e permanece tempo afora como símbolos de fé cristã. O espaço sagrado reproduz inicialmente um espaço de ressurreição e de memória perpétua daqueles que pela terra

passaram.

Os cemitérios retratam a organização social, econômica e cultural da sociedade dos vivos. Esta sociedade estratificada, organizada em muitos espaços citadinos, para fornecer uma dinâmica diária do funcionamento da humanidade, passa a ser retratada tal qual a dinâmica cotidiana do homem, guardadas as devidas proporções e interpretações. Os vivos circulam diariamente em uma rotina de morte nos espaços cemiteriais, cuidando das inumações, tarefas necessárias e indispensáveis à sociedade.

A infraestrutura dos cemitérios guarda uma semelhança nítida com a infraestrutura das cidades. Ali se encontram ruas, avenidas, sistema de água e iluminação, pavimentação das avenidas, ruas, praças com bancos para contemplação. Estes espaços são estratificados tais como os espaços citadinos.

Os terrenos para construção dos túmulos têm valores diferenciados, tomando-se como ponto referencial a Capela de cada cemitério. Os terrenos situados nas suas proximidades têm preços mais caros, e tal fato se deve à tradição da Igreja, de quando as inumações realizavam-se dentro das capelas. A igreja cobrava mais caro pelo enterramento próximo ao altar mor alegando que, quanto mais próximo a este altar, mais próxima seria a ressurreição do morto. Esta prática foi transferida para os cemitérios.

Os terrenos mais afastados da Capela têm valores diferenciados, e à medida que se afastam ficam mais baratos. Esta divisão pode ser comparada à divisão dos terrenos de uma cidade. Na cidade, os terrenos das áreas centrais ou próximos a elas têm mais valor comercial; à proporção que vão se afastando do centro, os terrenos vão ficando mais baratos, até chegar à periferia.

No caso do Cemitério São João Batista, objeto de estudo desta pesquisa, sua divisão se faz em quatro planos. No primeiro plano, aquele de circunda a Capela e se encontra aproximadamente a 50 metros da entrada, os terrenos eram os mais caros e iam diminuindo de valor para o segundo, terceiro e quarto planos, respectivamente.

Relativamente à questão de materiais utilizados, também há uma correlação com as cidades. Os túmulos nos terrenos mais valorizados utilizam-se de uma arquitetura mais rica, mais bem elaborada, além do uso de materiais caros, tais como mármore de carrara, purbec, pedra de lioz, dentre outros materiais nobres. À proporção que se vai chegando ao segundo, terceiro e quarto planos, nota-se claramente que as estruturas arquitetônicas e os materiais vão ficando mais pobres, pois os túmulos tomam dimensões menores e chegam, muitas vezes, a serem revestidos de cerâmicas de revestimento de pisos ou banheiros.

Este fato constata-se em qualquer urbe, onde as edificações mais ricas encontram-se no centro ou em bairros considerados elegantes, e a beleza arquitetônica, aliada a materiais caros, forma o conjunto destas edificações. À proporção que se vai distanciando destes centros, constata-se que as edificações e os materiais tornam-se cada vez mais simples.

Outro fato a observar é que as famílias abastadas contratam arquitetos para a concepção de seus túmulos, enquanto que as menos abastadas contratam mestres de obras que, com sua competência na arte da construção, copiam os túmulos mais ricos, guardadas as devidas proporções e finanças disponíveis para execução dos mesmos. É extremamente comum encontrar túmulos com o mesmo feitio, variando tão somente o revestimento.

Este fato encontra-se igualmente nas cidades, onde o vizinho sempre aproveita o modelo do outro e, ao construir ou reformar, busca copiar ou imitar a fachada da outra casa, por achar bonita, fazendo variações, muitas vezes, tão somente no revestimento.

Tendo sido sobejamente comprovado, ao longo deste estudo, que o cemitério é um espaço sagrado, deduz-se que a reprodução deste espaço é literalmente um reflexo da sociedade dos vivos. Além das estruturas arquitetônicas e da própria urbanização dos cemitérios, ali se encontram, como nas cidades, serviços disponíveis não só aos vivos, como também aos mortos. Aos vivos oferecem-se serviços de velório e de inumação. A rega de jardins e de plantas dos jazigos torna-se um serviço prestado aos mortos, assim como a conservação destes túmulos, com reparos, manutenção e pintura, notadamente no período que antecede o Dia de Finados.

Conforme Lencioni (2008, p. 115), “a cidade, não importando sua dimensão ou características, é um produto social que se insere no âmbito da relação do homem com o meio”. Sendo os cemitérios um espaço sagrado, onde se reproduzem as alegorias de morte e de vida, considerando a vida eterna, os mesmos reproduzem as sociedades dos vivos, levando-se em consideração o conceito de cidade apregoado pela geografia, onde existem as relações do homem com o meio. Não é à toa que, popularmente, se denominam os cemitérios de “cidades dos mortos”.

Os cemitérios também são um espaço vivo e pulsante, por onde, diariamente, circulam pessoas, realizam-se cultos e observam-se rituais próprios do reflexo da morte. Neles também se cultua a memória daqueles que nos antecederam ou mesmo foram nossos contemporâneos, mas que já passaram para a chamada vida eterna.

A cidade é uma área urbanizada dispendo de aglomeração humana de certa

importância, estando situada em área geográfica circunscrita, contando com uma gama de serviços disponíveis a seus habitantes. Tomando-se como referência este conceito, comprova-se que um cemitério abarca também o conceito de cidade, pois ali existe uma aglomeração de mortos situada em um espaço geográfico determinado e conta com serviços que se prestam aos mortos, como o ajardinamento, por exemplo, além de área para velórios e serviços de manutenção do espaço. Portanto, o cemitério constitui-se, invariavelmente, um reflexo da sociedade dos vivos.

3- CEMITÉRIO E ESPAÇO SAGRADO

O cemitério, tal como o conhecemos hodiernamente, como *locus* de inumação, é recente, tendo surgido nas Américas no século XIX, considerando-se ser este continente muito recente em termos de povoamento e ocupação.

A morte, certamente, foi a manifestação do insondável para o homem desde os tempos mais remotos. Entendê-la era difícil e os ritos funerários começaram a aparecer em todas as sociedades primitivas. A história registra, em todas as civilizações, o culto aos mortos e os enterramentos, nas mais variadas formas.

Para a cultura romana, o direito à propriedade da terra está ligado à inumação dos cadáveres. Segundo Lima (1999, p. 136):

A referência tumular aos antepassados serviu aos Romanos [...] como prova incontestada da posse material da terra, ou seja, ao enterrar os seus em uma determinada área, a família romana via-se com direitos formais sobre aquela terra. Podemos dizer, então, que a propriedade individual dos meios de produção tem a sua origem, pelo menos entre os cidadãos romanos, no “abrigar” dos mortos.

Este fato evidencia a grande preocupação que a humanidade sempre teve em relação à morte. O destino do cadáver está envolto em ritos e perpetuação da memória do morto, chegando ao ponto de se criar um instituto de direito, consagrado até a modernidade nos códigos dos ordenamentos jurídicos positivos. Estes elementos evoluíram ao ponto de haver, hoje, os terrenos loteados e caros nos cemitérios modernos, dependendo da localização destes, fazendo-se neles uma reprodução da sociedade dos vivos.

A história das inumações para a sociedade ocidental está intrinsecamente ligada à história da própria Igreja Católica, que, por volta do século IV, institucionalizou o costume de enterrar os mortos ao redor das Igrejas ou mesmo dentro delas. Esta prática deu origem ao surgimento dos cemitérios que, efetivamente, apareceram a partir da Idade Média.

Conforme Lima (1999, pág. 137), “A palavra “cemitério” (do grego: “*Koumetérion*” e do latim “*Coemeterium*”) era usada para designar um lugar de descanso para os peregrinos”. Esta conceituação faz analogia da morte com o sono, o chamado sono eterno, para a ida à divindade. A impressão de que o morto dorme um sono profundo fez com que a Igreja criasse a analogia com o sono da eternidade,

crivado de paz para chegar-se ao juízo final.

Seguindo a etimologia da palavra, Cunha (1996, pág. 170) define cemitério como “ ‘recinto onde se enterram e guardam os mortos’ / *cymiteiro XIII, zemiterio XIII, cemitério XIV, çimitereo XV etc.*/ Do lat. Coemétérium-í, deriv. Do gr. *Koimétérion*. ”

A palavra surgiu no século XII e evoluiu até sua forma definitiva, no século XV. Este período da história coincide com a formação das línguas românicas. Com a queda do Império Romano no século V, houve o esfacelamento do latim, aparecendo os *romanços*, até a evolução para as chamadas línguas neolatinas, que se solidificaram a partir do século XII.

Durante séculos, as inumações eram realizadas, na Europa, dentro das igrejas e ao redor das mesmas, variando este costume de acordo com o tamanho da população de cada localidade. O costume europeu foi trazido ao Brasil e esta prática continuou administrada pela Igreja, que concedia sepultura e mantinha o controle dos enterramentos, considerando-se a ligação da igreja com o Estado a partir da Constituição Política do Império de 1824, que em seu artigo 5º apregoava que a religião Católica Apostólica Romana era a religião oficial.

Em 1864, o Papa Pio IX elaborou a Encíclica *Quanta Cura e da Syllabus Errorum*, onde defendia que a Igreja exercia autoridade suprema sobre o poder laico. Este documento tinha, como principal objetivo, a resistência ativa ao processo de secularização da sociedade e, consequentemente, o fortalecimento da própria Igreja. E é neste contexto que se entendem todas as atitudes por parte do poder eclesiástico de combate a projetos tais como a secularização dos cemitérios. (CASTRO, 2007).

O espaço cemiterial é considerado sagrado para a Igreja Católica que, estando situada na Santa Sé, é pessoa jurídica de direito público e a única religião do mundo detentora de um Estado de Direito, o Vaticano. Enquanto pessoa jurídica de direito público, o Vaticano ou Santa Sé possui um ordenamento jurídico moderno, expresso em sua essencialidade pelo Código de Direito Canônico, que regulamenta a vida da comunidade eclesial.

Deste modo, o Código de Direito Canônico (1983) assim determina em seu Cânone 1205: “Lugares sagrados são aqueles que, mediante a dedicação ou a bênção prescrita pelos livros litúrgicos, se destinam ao culto divino e à sepultura dos fiéis.” Nota-se um destaque especial para o lugar da sepultura, pois no espaço cemiterial ocorre também o culto divino. Portanto, para a legislação eclesiástica, o lugar do cemitério é legalmente divino, isto é, sagrado.

O estudo da geografia da religião efetivou-se a partir da década de 1940 e, segundo Rosendahl (2008, p. 48),

[...] obras dedicadas à geografia da religião forneceram o caminho inicial dos estudos de religião entre os geógrafos. Paul Fickeler (1947), Pierre Deffontaines (1948), Max Sorre (1957) e David Sopher (1967) mencionaram a religião em seus textos, antes de as abordagens humanistas alargarem a perspectiva dos geógrafos no tema do sagrado e do profano.

Nesse caso, pode-se dizer que o estudo do sagrado e do profano no campo da Geografia é recente, pois somente sete décadas se passaram desde os primeiros estudos. A partir de Rosendahl (2008) e Stoddard (1968), criou-se o quadro abaixo, para melhor entendimento dos primeiros estudos sobre esta temática.

QUADRO Nº 4: ESTUDOS DO SAGRADO

AUTOR	OBRA	ANO	ENUNCIADO PRINCIPAL
Paul Fickeler Alemão	Questões Fundamentais na Geografia da Religião	1947	Como o ambiente, incluindo o povo, a paisagem e o país – afeta uma forma religiosa e como, reciprocamente, uma forma religiosa afeta um povo, uma paisagem, um país. Conceitos ligados à consagração, ao cerimonialismo e à tolerância. Consagração: apresenta-se em dois tipos: 1) sagrado histórico-religioso possuindo indestrutível permanência no espaço e no tempo, típico da maioria dos santuários naturais. 2) o segundo pode desaparecer quando há o desaparecimento da forma religiosa que o estabeleceu no espaço. Cerimonialismo: indispensável à compreensão profunda do sagrado. Estão ligados ao divino figuras e símbolos religiosos, coisas religiosas, lugares cerimoniais, regras cerimoniais. Tolerância religiosa: relações entre as religiões e extensão de sua distribuição espacial qualificando as relações mútuas entre os credos.
Pierre Deffontaines Francês	Geografia e Religião	1948	Centrado na influência da religião sobre os locais e a história do povoamento. A religião é predominante na escolha dos locais de povoamento. A casa da divindade serviu de suporte, de guia para o povoamento, muitas fundações de agrupamentos começaram pelo templo.
			Assinala a religião como fator de união e

Max Sorre Francês	Os Fundamentos da Geografia Humana	1954	de posição na sociedade. A atitude religiosa de um grupo social reflete a natureza da crença e a motivação de devoção que representam o coletivo.
	Reencontro da Geografia e da Sociologia	1957	Noções de espaço religioso e o campo das atividades religiosas. No campo das atividades religiosas possibilidade de duas análises: a interpretação como atividade de antecedência e como atividade de consequência. Na antecedência o fato religioso ocorre desde os primórdios da humanidade e possui influência na cultura do grupo. Na consequência as atividades humanas religiosas se explicam como produto da ocorrência do fato religioso no espaço.
David Sopher Americano	Geografia das Religiões	1967	Categorias dos grupos religiosos: o ambiente e a criação de sistemas religiosos; a expressão da religião; a organização religiosa no espaço; a distribuição geográfica das religiões. A transformação da paisagem focalizada em diferentes sistemas religiosos.

Fonte: Adaptado de Rosendahl (2008) e Stoddard (1968)

Tradicionalmente, o estudo das religiões pela Geografia, pelo que se depreende do quadro acima, se divide em duas etapas. A primeira, dos anos de 1940 aos 1970, é bem demarcada através dos estudos dos símbolos e representações do sagrado e do profano. A segunda, a partir dos anos de 1970, se caracteriza pela abordagem humanística, uma vez que a evidência verifica-se na vivência e nas trocas simbólicas que se realizam no lugar sagrado. (ROSENDAHL, 2008).

É relevante ressaltar ainda que a produção da pesquisa geográfica durante a década de 1990 enfatiza dois pontos centrais, o sagrado e o profano, sendo a experiência do sagrado relacionada com a sociedade e o espaço. O grande desenvolvimento da geografia da religião efetivou-se a partir da década de 1980, tendo como referencial as teorias dos geógrafos expostas acima.

Para o homem religioso, a definição de espaço sagrado encontra-se na Bíblia, quando o Senhor diz a Moisés: “Não te chegues para cá; tira os sapatos dos pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa.” (Êxodo, 3:5) Assim, como terra santa, o espaço é efetivamente sagrado, portanto homogêneo, o que leva o homem a comunicar-se com os

deuses a partir deste espaço.

Conforme Eliade (2008, p. 29):

[...] no recinto sagrado torna-se possível a comunicação com os deuses, conseqüentemente, deve existir uma “porta” para o alto, por onde os deuses podem descer à Terra e o homem pode subir simbolicamente ao Céu. Assim acontece em numerosas religiões: o templo constitui, por assim dizer, uma “abertura” para o alto e assegura a comunicação com o mundo dos deuses.

Considerando-se a fé do homem religioso, o cemitério é um espaço sagrado onde se encontra a “porta” que unirá o homem a Deus, depois da morte, e isso só é possível, para subir ao céu, em função do espaço sagrado. É de se considerar também que o próprio túmulo onde é depositado o cadáver tem a mesma ideia do templo onde se realizam as práticas religiosas, pois muitos destes são verdadeiros templos em miniatura, com a mesma estrutura arquitetônica, guardadas as devidas proporções.

Neste sentido, Rosendahl (1996, p. 30) afirma que:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o homem sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade.

Por ser um espaço sagrado, o cemitério torna-se um verdadeiro relicário para o corpo e seus despojos ali depositados. O sagrado, no entanto, não é, necessariamente, apenas o que é protegido pela religião, mas sim o que é protegido de violação ou intrusão. (MIRANDA NETTO, 1987). A própria lei civil protege os mortos e as violações de suas moradas. O Código Penal Brasileiro, instituto jurídico componente do ordenamento jurídico pátrio, também mantém protegidos os mortos. Veja-se no quadro abaixo os crimes contra o respeito aos mortos, estipulados no:

CODIGO PENAL BRASIL
Decreto-Lei nº 2.848 de 07.12.1940
alterado pela Lei nº 9.777 em 26/12/98

QUADRO Nº 5: DOS CRIMES CONTRA O RESPEITO AOS MORTOS

FATO	PENA	AGRAVANTE
Art. 209 – Impedir ou perturbar enterro ou cerimônia fúnebre.	Detenção de 1 (um) mês a 1(um) ano, ou multa.	Se há emprego de violência a pena é aumentada de um terço, sem prejuízo das correspondentes à violação.
Art. 210 – Violar ou profanar sepultura ou urna funerária	Reclusão de 1 (um) a 3(três) anos.	
Art. 211 – Destruir, subtrair ou ocultar cadáver ou parte dele.	Reclusão de 1 (um) a 3 (três) anos e multa.	
Art. 212 – Vilipendiar cadáver ou suas cinzas.	Detenção de 1 (um) a 3 (três) anos, e multa.	

Fonte: Adaptado do Decreto-Lei nº 2.848 de 07.12.1940

Para um melhor entendimento das penas, frisa-se que a detenção temporária é a menor delas, ao passo que a reclusão é a mais severa das penas principais, pois neste caso o condenado fica privado da liberdade pessoal, encarcerado em penitenciária. (SANTOS, 2001 ; NÁULFEL, 1976). A violação ou profanação de sepultura ou urna mortuária é o crime que sofre maior pena, portanto, a sepultura tanto é protegida por lei como pela própria teoria do estudo do sagrado. Os crimes de destruição de cadáver e de vilipêndio não interessam diretamente a este estudo.

Pelo Código de Direito Canônico e pelo Código Penal Brasileiro, constata-se que o sagrado é objeto de proteção legal, recebendo a proteção tanto da Igreja como do próprio Estado. Como as leis se formam a partir das práticas reiteradas de uma determinada sociedade, que, com o tempo, se tornam objetos de projetos e acabam se transformado em leis, entende-se que a proteção ao sagrado já existia como tradição, pois o decreto que institucionalizou o Código Penal, no Brasil, só ocorreu em 1940.

Quando os enterramentos eram realizados dentro das igrejas, esta proteção do sagrado já possuía o aval da Igreja. Com o advento dos cemitérios laicos, o espaço sagrado recebeu a aprovação da Igreja e, posteriormente, do próprio Estado. No subitem seguinte elucidar-se-á como surgiram os cemitérios a partir da censura dos higienistas do século XIX.

3.1- Histórico e Censura dos Higienistas

A questão da secularização dos cemitérios começou no Brasil em 1801, quando, segundo Castro (2007, p. 69),

o príncipe regente de Portugal expediu uma ordem régia determinando que em seus domínios ultramarinos, para o bem da saúde pública, fossem proibidos os sepultamentos nas igrejas, prescrevendo orientações precisas para a construção de cemitérios extramuros nas cidades.

O assunto voltou à pauta somente com a vinda da Corte portuguesa, em 1808. Ao se instalar no Rio de Janeiro, a família real entendeu como necessário que fossem melhoradas as condições higiênicas e a aparência da cidade, que passou a ser a sede do poder. Dentre as medidas tomadas pela Corte, houve a confirmação da ordem régia de 1801, deslocando os sepultamentos para zonas afastadas das áreas urbanas.

Conforme esta Ordem Régia:

os danos a que está exposta a saúde pública, por se enterrarem os cadáveres nas igrejas que ficam dentro das cidades populosas, visto que os vapores que se exalam dos mesmos cadáveres impregnam a atmosfera, vem ser a causa de que os vivos respirem um ar corrupto e infeccionado, e que por isso estejam sujeitos e muitas vezes padeçam moléstias epidêmicas e perigosas. (Ordem Régia nº 10/1801: Ordens e Avisos para o Rio de Janeiro, cod. 575, pp 194-196. Disponível em <http://www2.iict.pt/index.php?idc=82> consultado em 20/09/2012)

Esta medida, no entanto, só se efetivaria na terceira e quarta décadas daquele século, continuando a Corte, mesmo depois da independência, a conviver com o costume fúnebre dos sepultamentos nas igrejas. Com o aumento da população e, conseqüentemente, o aumento do número de mortos, a situação se agravaria ao longo dos anos, chegando as correntes higienistas a afirmarem que os sepultamentos nas igrejas causavam várias doenças para a comunidade.

O assunto levantado em 1801 pela ordem régia voltaria à baila outra vez em 1825, quando o Imperador D. Pedro I, oficialmente, no dia 18 de novembro daquele ano, divulgou uma portaria dando ordens para o fim dos sepultamentos nas igrejas.

Segundo Castro (2007, p. 70):

Adotando o discurso higienista, ele atribuía ligação direta entre a prática funerária tradicional, fruto da “ignorância e superstição”, e as “terríveis enfermidades” oriundas das exalações pútridas que saíam das sepulturas, “infeccionando o ar” e contaminando tudo que estivesse em suas proximidades.

A partir deste momento, intensificou-se o movimento higienista ligado à teoria dos miasmas, a qual predominava no pensamento médico oitocentista e afirmava ser necessária a erradicação destes miasmas para o benefício da saúde pública. As escolas de medicina francesa e as demais escolas europeias defendiam, desde o final do século

XVIII, a teoria dos miasmas, que consistia na infecção do ar atmosférico. Esta teoria perdurou até o final do século XIX e defendia que o ar se contaminava a partir de todas as emanções nocivas que atacavam o corpo humano. Um cadáver em decomposição, portanto, contaminava o ar com o miasma.

O miasma só é perceptível pelo olfato e o mais perigoso deles emana do próprio homem, esteja ele vivo ou morto. As infecções são adquiridas por todos os pontos do corpo, mas, principalmente, pelas vias respiratórias, estando o homem mergulhado em uma atmosfera miasmática. Aqueles indivíduos fracos ou debilitados são os mais vulneráveis para adquirirem doenças pelo ar contaminado pelo miasma. (CHENOVIZ, 1890).

A questão da Geografia e da Climatologia Médica que trata do assunto foi abordada durante os séculos XVIII e XIX, a partir de várias obras, tornando possível reconstruir a relação entre Ciências Sociais e Geografia. O pensamento brasileiro está exposto em obras escritas por Nina Rodrigues, através de seus tratados de Antropologia Física; Afrânio Peixoto, com *Clima e Saúde: introdução biogeográfica à civilização brasileira*; Samuel Pessoa em *Introdução à Geografia Médica*, e Josué de Castro, na obra *Geografia e Geopolítica da fome*.

Conforme Costa (2010, p. 101):

No Ceará destaca-se o médico e historiador Guilherme Studart, autor de *Geografia do Ceará* (1924) e *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará* (1909), o farmacêutico Rodolpho Theophilo, autor de *A fome* (1890), *História das Secas no Ceará 1877/1880* (1883) e *Seccas no Ceará* (1891) e o médico Gavião Gonzaga, autor de *Climatologia e Nosologia do Ceará* (1925).

Conforme o exposto acima, todos estes pensadores receberam a influência direta de higienistas europeus, tais como Clemon Lombard (obras de 1877 e 1880), Becquerel (1887), Rochard (1888), Arnould (também 1888), todos estudiosos que escreveram tratados de higiene pública, sobre Geografia e Climatologias Médicas, que centravam-se, em sua totalidade, na teoria dos miasmas.

Nota-se que a corrente de pensamento europeu publicou obras entre 1877 e 1880, mas a discussão dessa questão no Ceará só teve início a partir de 1890, considerando-se a dificuldade em se publicar no Ceará do final do século XIX.

Centrado nestas teorias, o Brasil iniciou em suas capitais a construção dos cemitérios laicos, tendo sido o Cemitério do Campo Santo, em Salvador, o primeiro a ser construído, em 1836. Abaixo, quadro com os nomes de cemitérios mais antigos de

cada capital brasileira e ano de fundação. Embora não se tendo conseguido dia, mês e ano de inauguração de todos eles, constam aqui a maioria destas informações.

**QUADRO Nº 6: CEMITÉRIOS MAIS ANTIGOS DAS
CAPITAIS BRASILEIRAS**

Estado/Capital	Nome do Cemitério	Ano de Inauguração	Observações
ACRE/Rio Branco	São João Batista	1903	
ALAGOAS/Maceió	Nossa Senhora da Piedade	1850	
AMAPÁ/Macapá	Nossa Senhora da Conceição		
AMAZONAS/Manaus	São João Batista	05/04/1891	Tombado pelo Governo do Estado do Amazonas através do Decreto Lei Nº 11.198 de 16/06/1988
BAHIA/Salvador	Campo Santo	1836	
CEARÁ/Fortaleza	São João Batista	1862	Com processo de tombamento pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, aguardando avaliação do Comphic: Cemitério São João Batista (reabertura) Endereço: Rua Padre Mororó, nº 487 – Centro. Cep.: 60-015-220 – Fortaleza/Ce Processo Nº 139030/2011
DISTRITO FEDERAL/Brasília	Campo da Esperança	1960	Cemitério Jardim
ESPÍRITO SANTO/Vitória	da Irmandade de São Benedito do Rosário	1833	
GOIÁS/Goiânia	Nossa Senhora de Santana	1939	
MARANHÃO/São Luis	São Pantaleão (mais conhecido como Cemitério do Gavião)	1855	Antes conhecido como Cemitério de São José da Misericórdia, por ter sido administrado pela Irmandade da Misericórdia.

MATO GROSSO DO SUL/Campo Grande	Santo Antônio	1919	
MATO GROSSO/Cuiabá	Nossa Senhora da Piedade	1875	Tombado pela Portaria Nº 15/98 – D.O. 08/06/98
MINAS GERAIS/Belo Horizonte	Nosso Senhor do Bomfim	1897	
PARÁ/Belém	Santa Izabel Nossa Senhora da Soledade (desativado)	1850	Tombado como patrimônio paisagístico nacional pelo Iphan em 1964
PARAIBA/João Pessoa	Senhor da Boa Sentença	1856	
PARANÁ/Curitiba	São Francisco de Paula	01/01/1883	
PERNAMBUCO/Recife	Senhor Bom Jesus da Redenção de Santo Amaro das Salinas	01/03/1851	
PIAUI/Teresina	São José	1862	
RIO DE JANEIRO/Rio de Janeiro	São João Batista	04/12/1852	Criado pelo Decreto Nº 482, de 16 de outubro de 1851, foi oficialmente inaugurado em 04/12/1852
RIO GRANDE DO NORTE/ Natal	Alecreim	1856	
RIO GRANDE DO SUL/Porto Alegre	Santa Casa de Misericórdia	Abril de 1850	
RONDÔNIA/Porto Velho	dos Inocentes da Candelária (desativado)	1915 1907	O Cemitério dos Inocentes era Reservado aos operários estrangeiros que morriam nas obras da ferrovia Madeira/Marmore. A Portaria Nº 231 de 13/07/2007 do Iphan reconhece este cemitério como monumento integrante do patrimônio cultural brasileiro
RORAIMA/Boa Vista	Nossa Senhora da Conceição		
			O primeiro cemitério de Florianópolis inaugurado em 1840 funcionou até

SANTA CATARINA/Florianópolis	São Francisco de Assis (Itacorubi)	1925	1903 na área onde hoje se encontra o Parque da Luz, na cabeceira da Ponte Hercílio Luz.
SÃO PAULO/São Paulo	Municipal da Consolação	1858	Cemitério da Colônia, antigo Cemitério Alemão
	de Parelheiros (desativado)	1827	
SERGIPE/Aracaju	Santa Isabel	25/02/1862	
TOCANTINS/Palma	São Miguel Taquaralto Municipal Jardim da Paz	2008	Cemitério Jardim

Fonte: autor (2010) adaptado de vários sites.

3.2- Monumentos Funerários e Cemitérios Monumentos

O hábito de enterrar os mortos integra a cultura da sociedade ocidental desde tempos imemoriais. Os ritos e não só os túmulos integram traços marcantes da cultura de um povo, guardando todas as peculiaridades dos modos de fazer de cada sociedade.

Desta sorte, Lewis (2000, p. 31) afirma que:

Cultura é o conjunto de valores, tradições, costumes e formas de vida de um grupo específico de pessoas, os quais variam de acordo com as características ambientais, envolvendo as geográficas, as climáticas, as sociais e culturais, as econômicas, legais, políticas e tecnológicas. As culturas não podem ser chamadas de melhores, piores, ruins ou boas. Elas simplesmente são diferentes.

Portanto, o ambiente, o clima, a geografia, economia, política, todos estes fatores irão influenciar no processo cultural. Os valores, as tradições e os costumes têm influência direta nos ritos e, especificamente, nos ritos fúnebres. A maneira de construir os túmulos está diretamente ligada a estas condições, e com base nesses fatores organiza socialmente o espaço cemiterial.

A própria alusão à morte com relação às necrópoles oitocentistas, como foram denominados estes tipos de cemitérios, expressa a recusa da morte do outro e, conseqüentemente, suplanta a imortalização do homem. Conforme Catrogra (1999, p. 16 e 17), a memória e a imortalização:

[...] deram origem a uma nova cenografia e a um novo culto dos mortos, assim como ao reaparecimento das velhas qualificações da morte como “morte-sono”. Isto explica que a morada do morto se tenha arquitectonicamente elevado, não só a sucessora e sucedânea do “tecto eclesiástico” (o jazigo-capela), mas também a “casa”, e que a sepultura, tal como a *casa da família* (dos pais, dos avós) tenha passado a ser o outro centro privilegiado de *identificação* e de *filiação* de gerações. E todas estas necessidades simbólicas fizeram da necrópole um *analogon* da cidade dos vivos.

É interessante observar que a alusão ao cemitério como cidade dos vivos tem forte simbologia com a casa, a morada, o abrigo. Enquanto o túmulo tem por tarefa devorar e digerir o cadáver, o próprio homem o sobrepõe de significados com símbolos de vida, pois ao participar de um velório ou de um enterro cada assistente antevê sua própria morte e esta ideia de putrefação do corpo e de finitude não lhe é agradável. Desta forma, os símbolos e os elementos da própria cultura encobrem e amenizam esta dura realidade.

Os monumentos funerários estão intrinsecamente ligados à história cultural da humanidade. Conforme Bayard (19996, p. 213):

Monumentos funerários e templos foram construídos menos para a conservação do corpo material, que desaparece, do que para reter e fixar a alma [...]. O túmulo individual é, assim, a “última morada”, a casa, como o cemitério é a imagem da cidade [...].

Esta citação denota que o monumento integra efetivamente um processo cultural, pois, se o corpo fenece, para que serviriam tais monumentos? Para perpetuar a memória do morto, além de comprovar a passagem do mesmo pela terra. Uma vez que o corpo físico desaparece, o homem lança mão da cultura, e neste caso a cultura visível, pois esta mesma possui duas características, além da visível a invisível. (HOFSTED, 1983).

Esta prática é encontrada ao longo da história. Inicialmente, ainda no período neolítico antigo, cerca de 5.500 a.C., surgem monumentos construídos de pedras secas ou de grande lajes, conhecidos como megálitos. Este processo sucedeu as cavidades naturais típicas do homem pré-histórico, que encontrava nas cavernas e grutas os melhores lugares para os monumentos funerários.

O fenômeno megalítico espalhou-se pela Europa, notadamente no oeste da França, e é encontrado ainda na Ásia, na Índia, China e Japão. Dentre os megálitos, destacam-se o *menir*, que significa pedra longa; o *cromlech*; o *dólmen*; o *cairn*. Todos estes lugares reuniam um recinto sagrado e serviam para espaço de enterramentos. (BAYARD, 1996) Estes são os espaços de arquitetura mais antigos conhecidos da

humanidade.

Inicialmente, os vivos enterravam os mortos no centro da aldeia para que os mesmos pudessem continuar participando da atividade dos vivos. Com a evolução, surgiram os sepulcros com câmaras, chamados de hipogeus. Estes podiam ser localizados sob a terra, conforme encontramos os túmulos na atualidade, ou ainda túmulos imitando casas, com o sepultamento realizado na superfície. Este modelo foi encontrado em cidades do interior do Rio Grande do Sul, conforme veremos abaixo, no monumento com quatro hipogeus. Nota-se que o hipogeu, hoje conhecido como vetas, está no plano superior ao solo. Nos primórdios, tinha a mesma ideia da gruta natural e se faz presente desde o período neolítico.

FOTO Nº 1: CEMITÉRIO PÚBLICO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, RIO GRANDE DO SUL



Fonte: Silva (2012).

O hipogeu (gavetas) para os sepultamentos conta ainda com o espaço sagrado para realizar o culto ao morto. Ao lado das gavetas encontra-se a chamada “capela”, composta sempre de altar com genuflexório, com crucifixo e imagens dos santos de quem o morto era devoto. Esta prática foi introduzida no século XIX. O altar segue o

rito da igreja e presta-se para pequenas orações, como a recitação do terço com acendimento de velas, mas nenhum ofício é celebrado nela. Ao surgir no século XIX, apresenta-se em estilo gótico e, no caso em tela, já em um estilo *klin*, seguindo-se a linha da evolução cultural. Reverencia-se o morto ainda com uma placa com os seus dados geográficos e com epitáfios, que traduzem a filosofia de vida do morto.

FOTO Nº 2: CEMITÉRIO PÚBLICO DE SÃO FRANCISCO DE PAULA, RIO GRANDE DO SUL



Fonte: Silva (2012).

Depois do hipogeu surgiu o costume do enterramento nas catacumbas, que se caracterizavam por receber grande número de corpos. De acordo com Bayard, (1996, p. 235):

As catacumbas, vastos cemitérios subterrâneos, têm muitas galerias. Em Roma, cerca de sessenta catacumbas com galerias superpostas se estendem por mais de 1 000 km. As catacumbas de Paris, antigas pedreiras, são justamente célebres: centenas de quilômetros de galerias talhadas no subsolo, com o ossário subterrâneo de Denfert-Rochereau concretizado por pavilhão construído por Claude Nicolas Ledoux: seis milhões de esqueletos provenientes dos antigos cemitérios de Paris, especialmente dos Santos Inocentes. Transferidos

a partir de 1800, repartidos em superfície de um hectare, formam a maior necrópole do mundo.

FOTO Nº 3: CATACUMBAS DE PARIS



Fonte: <http://viagem.uol.com.br/album/2012/10/30/lugares-assombrados-pelo-mundo.jhtm>. (2012)

Reminiscências das catacumbas encontram-se, de maneira geral, nos cemitérios da modernidade, onde há vários exemplos de enterramentos em conjunto, notadamente no cemitério de Santo Amaro, em Recife.

As diversas civilizações possuíam monumentos funerários que passaram para a história. A cultura se perpetua e evolui conforme a humanidade progride e vai realizando e atualizando as leituras dos fazeres das sociedades. O quadro abaixo mostra monumentos funerários importantes para a história, sendo que o termo usual para designar estes edifícios é Panteão. Para os gregos e romanos, eram templos consagrados aos deuses, e para as civilizações posteriores os edifícios consagram a memória dos homens ilustres, guardando seus restos mortais.

Com o mesmo significado surgiu o termo mausoléu. Este termo é usado desde a idade antiga, quando Artemísia, esposa do rei do império persa, Mausolo, mandou erigir um monumento após a morte do marido, visando perpetuar sua memória, nos anos 300 a.C. O monumento era tão grandioso que foi considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo. A partir daí o termo mausoléu passou a designar grandes tumbas que serviram e/ou servem para sepultamentos.

QUADRO Nº 7: ILUSTRAÇÃO DE ALGUNS MONUMENTOS FUNERÁRIOS

MONUMENTO FUNERÁRIO	ANO E/OU PERÍODO DE CONSTRUÇÃO	LOCALIZAÇÃO	DADOS RELEVANTES
Mastaba	Cerca de 3.500 a.C.	Egito	Precedeu as pirâmides.
Pirâmides	2.550 a. C.	Egito	Cem pirâmides, sendo a maior e mais famosa a pirâmide de Quéops. Uma das sete maravilhas do mundo antigo ainda existente.
Pirâmides	Construídas até 300 d.C.	Núbia (vale do rio Nilo, atualmente parte do Egito e do Sudão)	Cerca de 220. Serviram de tumba para os reis e rainhas de Napata e Meroé. Tinham ângulo mais acentuado do que as egípcias.
Mausoléu de Helicarnasso	Construído entre 353 e 350 a.C.	Helicarnasso, atual Bodrum (Turquia)	45 metros de altura, construído para ser a tumba de Mausolo. Uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo.
Escorial	Construído entre 1562 e 1584	Madri (Espanha)	No conjunto há uma Basílica, o Panteão Real e o Mosteiro. É monumento Patrimônio da Humanidade (Unesco). O Panteão dos Reis localiza-se debaixo do Presbitério ocupando uma capela circular onde estão sepultados os monarcas e as rainhas-mãe dos Reis.
			Patrimônio da Humanidade (Unesco), anunciado em 2007 como uma das Novas Sete Maravilhas do Mundo Moderno. Tumba de Arynmad Banu Begam, esposa favorita do Imperador Shah Jahan.

Taj Mahal	1630 a 1652	Agra (Índia)	Construção toda em mármore branco e incrustado com pedras semipreciosas. Cúpula costurada com fios de ouro.
Mausoléu Imperial	1939	Petrópolis (Rio de Janeiro, Brasil)	Capela situada à direita do lado da Catedral de São Pedro de Alcântara. Guarda os restos mortais do Imperador D. Pedro II, da Imperatriz Tereza Cristina, de sua filha Princesa Isabel e o genro Conde d'Eu e os netos Príncipe Pedro de Alcântara e sua esposa D. Isabel Dobrzenicz.
Mausoléu de Lenin	1925	Moscou (Rússia)	Primeiro líder soviético. O corpo foi embalsamado e exposto.
Mausoléu de Mao Tsé-Tung	1976	Pequin (China)	Corpo embalsamado e exposto dentro de um caixão de cristal.
Mausoléu do ex presidente brasileiro Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco	Construção iniciada em maio de 1970 e inaugurada em 18 de junho de 1972	Fortaleza (Ceará, Brasil)	A Capela da Meditação, onde se encontram os restos mortais do ex Presidente e de sua esposa D. Argentina Viana Castelo Branco. Os restos mortais foram trasladados do Cemitério de São João Batista, do Rio de Janeiro em 18 de junho de 1972. A Capela é local de arbítrio, a porta de passagem, onde o indivíduo deve escolher entre o espírito e matéria. A iniciativa da construção do Mausoléu foi do Governador Plácido Aderaldo Castelo.
Monumento aos			Os pracinhas mortos durante a segunda mundial foram enterrados em

Mortos da Segunda Guerra Mundial	Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)	Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, Brasil)	cemitério militar na cidade de Pistóia, na Itália, e trasladados para o monumento em 1960. O monumento homenageia 468 mortos em combate.
----------------------------------	---	---	--

Fonte: autor (2012) adaptado de Cristian (2006), Joyce (2005), Miranda Netto (1987), Piovezani (2011) e Rosselli (1974).

Dentre os panteões citados na figura acima, destaca-se o mausoléu da família imperial brasileira, instalado na Catedral de São Pedro de Alcântara, venerado como patrono da monarquia brasileira e instituído no reinado de D. Pedro I. O panteão segue uma tradição portuguesa, segundo a qual os panteões reais eram instalados dentro da igreja, seguindo uma tradição secular dos sepultamentos. As igrejas eram construídas com grande magnitude para abrigar os restos mortais destas famílias. O fato de se ter construído o mausoléu imperial brasileiro na cidade de Petrópolis se deve à ligação da cidade com a família imperial. Em 1843, através do decreto 155, D. Pedro II determinou a construção de um Palácio de Verão, uma igreja e um cemitério. A igreja, hoje catedral, foi apadrinhada pelo próprio imperador. Desta sorte, surgiu a primeira cidade planejada da América Latina, que servia de cidade de veraneio para a família imperial.

O imperador brasileiro morreu no exílio e foi enterrado no panteão da igreja de São Vicente de Fora, Portugal, terra de seus antepassados. Os despojos do imperador e da imperatriz foram repatriados em 1925 e permaneceram na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, que na época era a igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo. Em 1953, foram repatriados os restos da Princesa Isabel e do Conde d'Eu, que haviam sido sepultados no cemitério da cidade de Eu, França. Por fim, em 1990, o mausoléu recebeu os restos mortais do neto e da esposa do imperador.

FOTO Nº 4: MAUSOLÉU IMPERIAL - PETRÓPOLIS (RJ)



Fonte: <http://visitarpetropolis.wordpress.com> (2012)

Como exemplos de mausoléus públicos no Brasil, citamos aqui dois monumentos: o Mausoléu Monumento aos Pracinhas e o Mausoléu Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco.

O Mausoléu Monumento aos Pracinhas, construído no aterro do Flamengo, abriga um grande número de mortos, heróis da pátria durante a Segunda Grande Guerra Mundial. O mausoléu encontra-se no subsolo e abriga 468 jazigos. Foi projetado pelos arquitetos Marcos Konder Neto e Hélio Ribas Marinho.

FOTO Nº 5: MAUSOLÉU MONUMENTO AOS PRACINHAS - RIO DE JANEIRO (RJ)



Fonte: <http://www.guiadasemana.com.br/rio-de-janeiro/turismo/pontos-turisticos/mausoleu-monumento-aos-pracinhas> (2012)

O Mausoléu do ex Presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, construído junto ao complexo arquitetônico do Palácio da Luz, sede do executivo cearense, foi projetado pelo arquiteto Sérgio Bernardes. Possui um balanço de 30 m de extensão, que representa a filosofia da edificação: a projeção do pensamento no espaço. A Capela da Meditação é local de arbítrio, a porta de passagem, onde o indivíduo deve escolher entre o espírito e a matéria. Localizadas ao final do balanço, na parede revestida de amarelo, as duas urnas mortuárias encontram-se dispostas obedecendo à ordem de precedência, o Presidente à direita e sua esposa à esquerda do dispositivo. As urnas são em aço inoxidável, revestidas de acrílico, e encontram-se dispostas em forma de “V”, com os corpos unidos pela cabeça, simbolizando a razão..

**FOTO Nº 6: MAUSOLÉU DO EX-PRESIDENTE HUMBERTO DE ALENCAR
CASTELO BRANCO**



Fonte: Silva (2012)

Pelo exposto até aqui, depreende-se que os monumentos funerários estão presentes em todas as civilizações, guardando entre si os aspectos culturais de cada uma delas. Destaca-se também que os monumentos são monumentais não só pelos materiais empregados, mas também pela própria grandeza de suas concepções. O simbolismo se faz presente, como no caso do Mausoléu do Presidente Castelo Branco, através da própria concepção arquitetônica. No caso dos mausoléus e monumentos fúnebres isolados nos cemitérios, os mesmos representam o próprio cemitério individualizado.

Para o turismo, que no segmento do planejamento turístico busca classificar as edificações, importa também destacar a arquitetura fúnebre, já que estes monumentos constituem-se em atrativos turísticos individualizados. Em todas as culturas existem os cemitérios monumentais, que possuem em suas dependências construções grandiosas, consideradas monumentos artísticos, pelos próprios materiais empregados em suas construções. Os materiais requintados e as esculturas em pedra talhada e bronze são elementos que caracterizam a monumentalidade. Outro elemento que também vai

caracterizar a monumentalidade é a própria história, representada pelas figuras dos mortos ali sepultados. A cultura se processa através de seus elementos materiais e imateriais, e, sendo assim, a própria vida dos fiéis defuntos inumados nestes cemitérios representa esta monumentalidade.

Deve-se destacar aqui que a bibliografia sobre este tema é bastante escassa, sendo raras as publicações sobre cemitérios, uma vez que o estudo dos cemitérios como *locus* de visitação turística é bastante recente. Entretanto, existe um fluxo turístico considerável nos cem terios mais importantes do mundo, em cidades da Europa, Ásia, Américas. Em 2009, a revista Forbes publicou uma lista com os dez cem terios mais famosos do mundo, sendo que seis deles estão nos Estados Unidos. Da lista ficaram de fora cem terios com tradição em visitação por turistas na Europa, como   o caso do cem terio dos Prazeres, em Lisboa.

Por mais que se tenham procurado publicações em livros ou artigos científicos, nada foi encontrado sobre este tema. Mas existem vários sítios na internet que tratam do assunto e da divulgação do turismo cemiterial. A partir destas leituras, elencaram-se doze cem terios, notadamente no mundo ocidental, que são considerados cem terios monumentos, seja pela cultura material ali representada ou pela cultura imaterial que se percebe a partir dos túmulos de pessoas de destaque naquela sociedade.

No quadro abaixo são elencados alguns desses cem terios monumentos:

QUADRO N  8: CEM TERIOS MONUMENTOS

PAÍS	CEM�TERIO/CIDADE
Inglaterra	Warstone Lane - Birmingham
França	Montparnasse - Paris P�re Lachaise - Paris
Itália	Acat�lico de Roma - Roma San Michele - Veneza
Espanha	Almudena - Madri
Portugal	Prazeres - Lisboa
Estados Unidos	Nacional de Arlington - Washington
Cl�mbia	São Pedro – Medellín
Argentina	Recoleta - Buenos Aires
Brasil	Consolação - São Paulo

Fonte: autor (2012)

O critério utilizado para a escolha dos países aqui representados se deve às relações internacionais destes países com o Brasil, ressaltando-se que a escolha dos Estados Unidos se deve à representatividade dos cemitérios jardins, que a princípio não se coadunam com a tese aqui apresentada. A influência de Portugal, Espanha, Itália, França e Inglaterra para a história e cultura do Brasil é patente desde a colonização até os dias atuais. A Colômbia aparece na lista por contar com um cemitério declarado museu, fato não comum no resto do mundo, além deste cemitério ter sido declarado como Monumento Nacional Colombiano, em 1999. A Argentina aparece na lista por ser o cemitério da Recoleta um destino turístico consagrado há décadas. O fato é que os cemitérios brasileiros, dentre os muitos visitados nas mais diversas cidades e estados do país, desde o ano de 2000, quando se começou a estudar este tema, têm inúmeras semelhanças com os cemitérios monumentos elencados nesta lista.

Em Birgminghan, localizada no centro da Inglaterra, encontra-se o cemitério de Warstone Lane, construído em estilo gótico. Este cemitério é registrado no *English Heritage* como de especial interesse histórico, sendo, portanto, patrimônio nacional inglês. Como monumento, seu destaque são as catacumbas, que foram construídas utilizando-se da própria topografia do terreno. As mesmas foram escavadas em rocha de arenito localizada no meio do terreno e, a partir desta intervenção, construíram-se as catacumbas em semicírculo de dois níveis.

Este cemitério foi inaugurado no início do século XIX para fiéis da Igreja Anglicana e, posteriormente, passou a receber sepultamentos de fiéis de todos os credos. Foi fechado em 1982 por encontrar-se em sua área totalmente ocupada e não possuir mais espaço para novos túmulos. O principal estilo dos túmulos é o gótico talhado em rochas.

No bairro parisiense de Monte Parnaso, situado ao sul de Paris, encontra-se um dos grandes cemitérios de Paris, o cemitério Montparnasse. O bairro recebe este nome por ter existido até o ano de 1725, naquela região, uma colina chamada Parnaso, que desapareceu para que a cidade continuasse a crescer através do nivelamento com o centro de Paris. O bairro, localizado na margem esquerda do rio Sena, possui seus limites compreendidos entre o boulevard do Monte Parnaso e a rua de Rennes.

Neste famoso bairro, Napoleão Bonaparte mandou construir um cemitério na primeira década do século XIX. Os túmulos guardam entre si um padrão de tamanho e cor, sobressaindo-se as obras de arte que os encimam. Como destaque de monumentalidade do cemitério, encontra-se ao centro uma estatua em bronze do

escultor H. Dailion, intitulada de “Anjo do Sono Eterno”, e que serve de marco para aqueles que circulam pelo cemitério. Atualmente, o preço de um terreno neste cemitério gira em torno 16.000 euros.

FOTO Nº 7 - O ANJO DO SONO ETERNO



Fonte: <http://dicasdefrances.blogspot.com.br/2010/07/cemiterios-de-paris.html> (2013)

A monumentalidade deste cemitério também se deve aos ilustres mortos ali sepultados. Dentre eles destacam-se Paul Vidal de La Blache, geógrafo, considerado o fundador da Escola Francesa de Geografia, que apregoou o possibilismo na Geografia; o pintor brasileiro, pernambucano, Cícero Dias; o sociólogo Émile Durkheim e os filósofos Jean Paul Sartre e sua mulher Simone de Beauvoir, para citar somente alguns. Estes túmulos contam com grande fluxo de visitação, o que identifica a monumentalidade do lugar.

Mas o maior cemitério de Paris é o Père La Chaise, com uma área de 430.000 m². É considerado o mais famoso do mundo pelos guias turísticos europeus. Construído também no início do século XIX, situa-se a leste de Paris e foi concebido pelo arquiteto de formação neoclássica Alexandre Théodore Brongniat, em 1803, tendo sido inaugurado em 1804.

O nome é uma homenagem ao Padre François d'Aix de la Chaise, popularmente conhecido como Père la Chaise. O Padre la Chaise foi confessor do rei francês Luis XIV. O cemitério conta com 70.000 sepulturas e recebe 2.000.000 de visitantes anualmente. (www.visaoespiritativ/perelachaise.php).

FOTO Nº 8 - ENTRADA DO CEMITÉRIO PÈRE LA CHAISE



Fonte: <http://dicasdefrances.blogspot.com.br/2010/07/ceimiterios-de-paris.html> (2013)

O Monumento aos Mortos de 1899, obra do escultor Albert Bartholomé, situa-se em uma das confluências da alameda do cemitério, sendo uma escultura em grandes proporções. Seiscentos e noventa mil monumentos funerários foram inventariados e constam de estatuária monumental, com capelas e jazigos de enorme riqueza.

O desenho da planta do cemitério projetado pelo arquiteto propicia um distanciamento entre os túmulos e este recurso evidencia a beleza das esculturas e monumentos. A própria topografia do terreno em auge permite um percurso e uma compreensão de todo o espaço. Construído em um bosque, esta característica ainda perdura até os dias atuais, pois o local é predominantemente arborizado.

É o cemitério que conta com o maior número de autoridades de todas as áreas ali sepultadas, e entre elas destacam-se escritores e poetas de várias nacionalidades, tais como: Honoré de Balzac, escritor francês; Oscar Wilde, escritor e dramaturgo irlandês; Jean de la Fontaine, poeta francês; Marcel Proust, escritor francês. Escultores e pintores também encontram-se ali sepultados: Eugène Delacroix, pintor francês; Horácio Pinto da Hora, pintor brasileiro nascido em Sergipe e um dos mais destacados do Romantismo; Amadeo Modigliani, pintor e escultor italiano. Dentre os filósofos, sociólogos e historiadores, destacam-se: Pierre Boudieu, sociólogo francês; Fernand Braudel, historiador francês; Jacques Joseph Champolion, arqueólogo francês; Auguste Comte, filósofo francês. Da área musical elencam-se Maria Callas, cantora lírica greco-

americana; Frédéric Chopin, compositor polaco; Jim Morrison, cantor norte-americano; Édith Piaf, cantora francesa. Das artes cênicas e visuais se encontram enterrados no Père La Chaise: Molière, dramaturgo; Yves Montand, ator e cantor ítalo-franco; Marcel Camus, cineasta francês; Annie Girardot, atriz francesa; Maria Schneider, atriz francesa; Georges Méliès, francês precursor do cinema mundial. Entre outras personalidades ali sepultadas sobressaem-se: Alan Kardec, codificador do espiritismo; Laura Marx, militante comunista e filha de Karl Marx; Carolina Bonaparte, rainha consorte do reino de Nápoles; Isadora Duncan, dançarina norte-americana e inventora da dança moderna. Assim, somente pelas ilustres celebridades ali sepultadas este cemitério já seria considerado um cemitério monumento.

É importante observar que Paris ditou a cultura para o mundo, notadamente no século XIX, e por esta razão, por ser um centro de irradiação do pensamento do mundo ocidental, muitas pessoas acorreram à França para lá aprender e/ou aperfeiçoar suas técnicas e conhecimentos. Prova disso são os dois brasileiros que se radicaram em Paris, pois para lá seguiram para melhorar seus conhecimentos e desenvolver suas artes, encontrando-se sepultados nesta famosa necrópole monumento.

Na Itália destacam-se dois cemitérios que têm as prerrogativas de monumentalidade. O cemitério Acatólico de Roma foi fundado no início do século XIX e está localizado próximo à Porta de São Paulo. Recebe defuntos de várias religiões e os túmulos são de grande beleza artística, destacando-se como lápide mais famosa a do escultor norte-americano William Wetmore Story, que a esculpiu para o túmulo de sua mulher Emelyn Story e, posteriormente, ele também foi supultado no mesmo túmulo. Ali se encontram sepultados Amelia Rosselli, poetisa italiana, e Antônio Gramsci, fundador do partido comunista italiano.

Na ilha de San Michele foi construído, em 1807, o cemitério da cidade de Veneza. A escolha da ilha para abrigar o cemitério deu-se na época napoleônica, através de decreto, considerando-se a insalubridade dos terrenos de Veneza para abrigar um cemitério. Por este fato, a ilha é conhecida popularmente como “ilha dos mortos”, existindo ali, além do cemitério, uma única igreja. O cemitério possui em sua entrada um portão gótico encimado por São Miguel com um dragão, estatuária rica em sua forma e material utilizado.

Um fato particularizado nos enterramentos em San Michele é que os cortejos funerários saem de Veneja em gôndulas funerárias, embarcações que, por si só, já constituem um aspecto da monumentalidade. No *Archivo Pitoresco* (1859, p. 358)

encontra-se uma descrição a esse respeito:

As gôndulas funerárias em Veneza são cobertas de pano escarlate: os padres que acompanham os mortos vestem da mesma côr. [...] São Miguel de Murano, cujo jardim e porticos são reservados às sepulturas dos venezianos ricos e dos estrangeiros, merece porém visitado.

Um fato bastante curioso é que no cemitério há uma seção especial exclusiva para gondoleiros e fabricantes de barcos, uma vez que esta atividade profissional tem papel preponderante em todos os enterros de Veneza. O memorial dos gondoleiros possui uma fachada toda talhada no mármore, mostrando um estaleiro e uma gôndola em tamanho original.

FOTO Nº 9 - ILHA E CEMITÉRIO SAN MICHELLE - VENEZA, ITÁLIA



Fonte: http://www.cemiteriosp.com.br/san_michele/san%20michele.htm (2012)

A indicação de visitação para este cemitério já era proposta em 1859, talvez pelo número de pessoas ilustres ali sepultadas, inclusive estrangeiros como: Igor Stravinsky, compositor russo; Ezra Pound, poeta, músico e crítico literário americano; Serguei Pavlovich Diaguilev, fundador do Balé Russo, nascido em Perm, na Rússia.

Também na Europa ocidental encontra-se um dos maiores cemitérios europeus, com capacidade de carga para 800 mil sepultados. O Cemitério Nossa Senhora da

Almudena, em Madri, foi construído em 1884 e recebeu o nome da padroeira da cidade.

Foi projetado por Fernando Arbós em 1868 e inaugurado em 1884. Tal é a grandiosidade deste cemitério, que nele pode-se encontrar uma grande variedade de estilos de túmulos, que vão do modernismo, passando pelo gótico, neogótico, barroco, neobarroco, bizantino, dentre os mais prestigiados.

Existem agências de turismo em Madri que comercializam pacotes turísticos a este cemitério e o foco principal são as personalidades ali sepultadas, e dentre estas se destacam: Vicente Aleixandre y Merlo, poeta espanhol ganhador do Nobel de Literatura em 1977; Pio Barojas, escritor espanhol; Lola Flores, atriz, cantora e bailarina de flamenco espanhola, uma das maiores expressões da dança flamenga de todos os tempos; Santigado Ramón y Cajal, médico considerado o pai da neurociência moderna, Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1906; Juan Carlos Onetti, romancista e contista uruguaio; Benito Pérez Galdós, escritor realista espanhol, que refletiu em sua obra toda a Espanha do século XIX; José Cubero Sánchez, toureiro francês, conhecido como Yiyo e morto aos 21 anos, vítima de uma cornada durante uma tourada; Pablo Iglesias Posse, espanhol fundador do Partido Socialista Espanhol. Merece registro ainda o fato de que uma centena de autoridades do mundo político, artístico, eclesiástico, encontra-se sepultada no Almudena.

O maior cemitério de Lisboa situa-se no lado ocidental da cidade, no bairro de Campo Ourique. Em 1833, Lisboa foi atingida por um surto de cólera *morbis*, trazendo como consequência a necessidade da criação do cemitério. O pórtico de entrada é de autoria do arquiteto Domingos Parente da Silva. O cemitério foi construído na Quinta dos Prazeres, herdando o empreendimento o nome originário do lugar.

Nas dependências do cemitério encontra-se ainda preservada a antiga sala de necrópsias de Lisboa, que na atualidade é aberta à visita. Ali o visitante encontra exposições temporárias sobre a arte funerária. O cemitério conta com um diferencial: quatro salas, no primeiro piso, são destinadas à exposição permanente, onde se destacam quatro núcleos de objetos funerários: “A Fé”, com imagens cultuadas pelos fiéis; “A Luz”, onde encontram-se expostos objetos que geram a luminosidade para auxiliar o morto a encontrar a luz eterna; “As Flores”, que ornamentam os túmulos e impregnam o ambiente com perfumes, e “A Ostentação”, reunindo as peças de artes encontradas na iconografia funerária. Este espaço é conhecido como Núcleo Museológico do Cemitério dos Prazeres. O curioso é que todo o acervo foi recolhido dentro do próprio cemitério, junto a túmulos abandonados.

Desde sua inauguração, este cemitério tornou-se o cemitério das famílias lisboetas dominantes, que expõem estilos arquitetônicos em seus túmulos e usam de revestimentos caros acompanhados de obras de arte no segmento da escultura. Estas sepulturas traduzem a monumentalidade do lugar.

No Cemitério dos Prazeres destaca-se o mausoléu de Pedro de Sousa Holstein (1781-1850), o Duque de Palmela, político e militar português. É o maior mausoléu particular da Europa e nele estão sepultados aproximadamente 200 corpos, todos pertencentes a mesma família, salvo exceção de dois padres, que eram amigos da família.

FOTO Nº 10 - O MAUSOLÉU RECRIA A SIMBOLOGIA DE UM TEMPLO MAÇÔNICO



Fonte: <http://abemdanacao.blogs.sapo.pt/641285.html>. (2012)

Nos Prazeres encontram-se sepultados centenas de portugueses ilustres, entre os quais se destacam: Fernando Antônio Nogueira Pessoa, escritor português ícone da literatura contemporânea; Adelina Martins de Campos, atriz portuguesa; Cândida Branca Flor, célebre cantora portuguesa; Carlos Paredes, nascido em Coimbra, foi compositor e guitarrista de renome; Maria de Lourdes Ribeiro, importante pintora portuguesa; Mário Cesariny, pintor e principal representante do surrealismo português; Amália Rodrigues, cantora e principal representante do fado português. Sepultada nos Prazeres, seus restos mortais foram trasladados para o Panteão Nacional, tamanha sua fama.

Chegando à América, temos o Cemitério Nacional de Arlington como o mais

tradicional e conhecido cemitério dos Estados Unidos. Localizado em frente à Washington D.C., encontra-se nas proximidades do Pentágono, símbolo do poder norte-americano. Ali se encontram sepultados mais de 300.000 corpos de veteranos de todas as guerras de que o país participou.

Mary Anne Lee, descendente da mulher de George Washington, era esposa do General Robert Lee, comandante da Guerra Civil americana. No terreno do palácio da família de Mary Anne Lee, onde existia a Arlington House, foi construído o Cemitério Nacional de Arlington, ainda no século XIX. Neste cemitério, além de militares e seus familiares, encontram-se enterradas personalidades ligadas à história estadunidense, como os astronautas da nave Challenger e políticos famosos como o Senador Robert Kennedy. O presidente John Kennedy e sua mulher Jacqueline Onassis Kennedy estão sepultados em lugar de destaque, onde, permanentemente, encontra-se uma pira ardente. O cemitério torna-se monumento não só pela arquitetura, pois sua principal característica é a de um cemitério jardim, mas, sobretudo, pelos ilustres mortos ali sepultados.

O anfiteatro do Memorial do Cemitério de Arlington é o mausoléu que abriga soldados das duas grandes guerras mundiais e foi inaugurado em 1929, projetado pelo arquiteto Thomas Hastings. Disposto em semicírculo, apresenta colunatas em mármore branco oriundo das pedreiras de Danby de Vermont. As colunatas formam um belo conjunto arquitetônico, juntamente com o conjunto do anfiteatro.

Fundado em 22 de setembro de 1842, por iniciativa do médico Pedro Uribe Restrepo, juntamente com mais cinquenta sócios, foi bento em 21 de maio de 1845 o primeiro cemitério privado da então Vila da Candelária, hoje Medellín, Colômbia. É o primeiro cemitério transformado em museu na América Latina, pela Rede de Museus da província de Antioquia, documento assinado em 29 de outubro de 1998. Este foi o primeiro passo para que o Ministério da Cultura Colombiano declarasse o cemitério como “Bem de Interesse Cultural de Caráter Nacional”, em 26 de novembro de 1999, através da Resolução nº 1616 do Ministério da Cultura. (GIRALDO, 2002).

Giraldo (2002, p. 23), ao escrever sobre o cemitério, convida o leitor:

Anima-te, visita o cemitério. Deixa-te surpreender por seu mundo imaginário. Decifra seus mistérios. Aproxima-te dele com o olhar curioso e sensível da criança que quer se aprofundar em todos os segredos da vida e do mundo.

O convite é enfático pelo diferencial que há neste cemitério museu. Só o fato do espaço ser transformado em museu já guarda uma curiosidade. Ademais, há uma programação artística cultural durante todo o ano, sendo de grande destaque o evento mensal que acontece na noite de lua cheia, com a garantia de divertimento e boa qualidade cultural aos visitantes.

Como não pode deixar de ser, durante toda a semana há visitas guiadas ao museu e procura-se mostrar ao visitante a arquitetura, as figuras e formas dos túmulos, lembrando também as vivências, paixões, sentimentos daqueles que nos precederam no tempo. Perceber o amor que surge a partir da dor da perda do ente querido é uma das preocupações e da filosofia apregoada por este cemitério museu.

Dentre as muitas personalidades ali inumadas, destacam-se: Franciso Antonio Zea, naturalista e jornalista colombiano, vice presidente de Simón Bolívar; Mariano Ospina Rodrigues, Presidente da Colômbia de 1857 a 1861; Jose Maria Sierra, comerciante de grande projeção em Antioquia; Nicanor Restrepo, industrial colombiano que forneceu o bronze para muitas das esculturas do cemitério onde hoje está enterrado; Sofia Ospina de Navarro, colombiana que teve forte liderança junto à comunidade em sua época; Mons. Manuel José Siena Ríos, sacerdote colombiano, um dos fundadores e primeiro Reitor da Pontifícia Universidade Bolivariana de Medellín; Pedro Nel Gómez Agudelo, engenheiro, arquiteto, urbanista, pintor e escultor colombiano, um dos mais importantes muralistas do século XX; Pedro Justo Berrío, presidente da província de Antioquia de 1864 a 1873.

Também na América do Sul, destaca-se em Buenos Aires o Cemitério do Norte, ou da Recoleta. Este foi projetado com traçado e desenho do arquiteto e engenheiro francês Próspero Catelin, que atuou como chefe de obras públicas de Buenos Aires, durante a primeira metade do século XIX. Seu estilo se enquadra principalmente no neoclassicismo, cujo principal exemplo é o pórtico deste cemitério. O cemitério foi benfiteado pelo Deão da Catedral portenha, D. Mariano Zabaleta, em 17 de novembro de 1822.

Conforme Mato (2001, p. 15):

O Cemitério do Norte foi decretado monumento nacional em 1946 (por Edelmiro Farrell – decreto 3039 – através da lei 12.665 de monumento Histórico Nacional) e passou a denominar-se Cemitério da Recoleta desde 1949, nome pelo qual é conhecido até esta data.

O Presidente Edelmiro Farrell foi o responsável pelo decreto que tornou o cemitério um Monumento Nacional, por ser este o mais antigo e aristocrático da cidade, contando com 82 mausoléus declarados Monumentos Históricos Nacionais. O cemitério conta com 4.700 mausoléus, sendo 82 destacados, quer seja pelas majestosas obras de arte que abriga ou pela relevância para a história argentina dos mortos ali sepultados.

A arquitetura de todo o conjunto da obra se sobressai por apresentar estilos variados, que vão do barroco, do neogótico, ao art nouveau e art decor. Cheios de estética e, sobretudo, de ostentação, os túmulos grandiosos em tamanho e embelezamento artístico abrigam a elite e a aristocracia argentina.

O Recoleta tornou-se, ao longo do tempo portenho, um repositório de ilustres argentinos que ajudaram a formar, contar e fazer a história. Hoje é considerado um verdadeiro panteão da pátria, sendo na atualidade o metro quadrado mais caro de Buenos Aires. Dentre os famosos artistas e escultores consagrados que contam com obras no cemitério, sobressaem-se: Luiz Perlotti, Carlos Romairone, Rene Sargent, Alfredo Bigatti, Jean Alexandre Falguière, Antonin Mercie e Luiz Carriere.

Entre as autoridades ali sepultadas, encontram-se os seguintes ex-Presidentes da Argentina: Bartolomé Mitre (1862 a 1868); Domingo Faustino Sarmiento (1868 a 1874); Nicolas Avellaneda (1874 a 1880); Miguel Juárez Celmon (1886 a 1890) e Carlos Pellegrini (1890 a 1892). Ali também se encontram inumados: Luiz Federico Leloir, médico e bioquímico argentino nascido na França e ganhador do Nobel de Química em 1937; Carlos Saavedra Lamas, portenho agraciado com o Nobel da Paz em 1936, e Eva Perón, ex-primeira dama argentina morta durante a gestão de seu marido. Muito benquista por todos os argentinos, Eva Perón teve seu corpo embalsamado e exposto por muitos anos, mas com o advento do regime militar simpatizantes do peronismo enviaram o corpo de Evita para a Espanha, onde foi sepultado. Terminado o regime militar, o corpo foi espatriado e finalmente sepultado no Recoleta, no jazigo de sua família. É de longe o túmulo mais visitado do cemitério.

FOTO Nº 11 - TÚMULO DE EVITA PERÓN



Fonte: <http://viajandocomaman.com.br/site/buenos-aires-cemiterio-da-recoleta/recoleta3/> (2013)

A monumentalidade do Cemitério da Recoleta reside em vários aspectos, destacando-se, sobretudo, a grandiosidade da estatuária mortuária esculpida por artistas famosos de todo o mundo. A riqueza destas estátuas reside também nos materiais com os quais elas foram esculpidas, sem contar com a fama dos próprios escultores. Este cemitério foi declarado monumento Histórico Nacional na década de 1940.

O Brasil, que também passou por todas as fases dos demais cemitérios, concernentes a sua construção e ao modo de enterramento extra-muros, conta com cemitérios antigos que se destacam pela monumentalidade. O mais antigo de todos é o Campo Santo, de Salvador, inaugurado em 1836. No entanto, como cemitério de alto interesse turístico, o destaque maior é para o Cemitério da Consolação, em São Paulo, por constituir-se uma das referências na arte tumular no Brasil.

Recebendo o nome inicial de Cemitério Municipal, foi inaugurado em 15 de agosto de 1858. Posteriormente, mudou a denominação para Cemitério da Consolação, recebendo o nome do bairro onde teve seu início, ainda no século XVIII, por terem construído ali uma igreja em honra a Nossa Senhora da Consolação. A obra foi encomendada ao arquiteto, engenheiro e geógrafo alemão, radicado no Brasil, Carlos Rath. Um fato curioso é que o projetista também era geógrafo, e, no entanto, não foram encontradas referências sobre se este fato influenciou na forma totalmente plana do

cemitério. É sabido, entretanto, que o terreno escolhido para sua instalação fica no alto da Consolação, terreno por demais privilegiado na urbe paulistana. É de se apontar ainda que o arquiteto foi um dos mais importantes protestantes do século XIX, em São Paulo, o que não impediu que o cemitério fosse projetado dentro de todos os padrões cristãos.

Projetado para receber sepultamentos da comunidade de modo geral, no início eram inumadas ali pessoas de todas as classes sociais, dos escravos aos aristocratas. No final do século XIX e início do século XX, São Paulo viveu um período de intensa prosperidade advinda da aristocracia, da classe dos cafeicultores, o que levou à ascensão de uma expressiva burguesia. Nos primeiros anos do século XX, este segmento social passou a sepultar seus mortos na Consolação e as obras de arte começaram a se proliferar de forma acentuada. Cada família queria fazer um túmulo maior e mais ornado, o que acabou levando o cemitério a transformar-se em um monumento ímpar, em todo o Brasil, tal a grandiosidade e o renome dos escultores que ali trabalharam, com materiais dos mais caros disponíveis no mercado, que vão do mármore ao bronze.

Merece destaque o portal de entrada que, por si só, constitui-se em verdadeiro monumento, projetado, em 1902, por Ramos de Azevedo, engenheiro, arquiteto e professor, que também projetou o restauro da capela do cemitério. Segundo Martins (2011, p. 17):

O cemitério da Consolação foi o único existente na cidade até o ano de 1893, quando foi aberto o Cemitério do Braz da “4ª Parada”. Em 1897, seria inaugurado o cemitério do Araçá. A partir da construção destas duas outras necrópoles, o cemitério da Consolação – que antes atendia a todos os extratos sociais – inicia um processo de elitização consolidado nas décadas seguintes.

Com este acréscimo na capacidade de carga para os enterramentos em São Paulo, houve uma mudança na forma de apropriação do espaço do Cemitério da Consolação e a elite paulistana passou a ocupar a ala voltada para a Rua da Consolação, tornando-se este espaço cada vez mais aristocrático, fato que se pode comprovar até a atualidade.

Desde sua fundação, no entanto, o cemitério da Consolação recebeu mortos ilustres, pessoas que tiveram grande destaque na história brasileira nos mais diversos segmentos da sociedade. Destacam-se, entre tantos: Domitila de Castro e Canto Melo, a Marquesa de Santos, que doou o terreno para a construção do Cemitério, morta em 1867; Manuel Ferraz de Campos Sales, terceiro governador do estado de São Paulo e

quarto Presidente da República Brasileira; Francisco de Paulo Ramos de Azevedo, arquiteto que projetou o frontão do cemitério; Maria Olenewa, bailarina clássica russa radicada no Brasil; Giovanni Battista Líbero Badaró, jornalista, político e médico italiano radicado no Brasil; Mário Raul de Moraes Andrade, poeta, romancista, crítico de arte, musicólogo e participante ativo da Semana de Arte Moderna de 1922; José Oswald de Sousa Andrade, escritor, ensaísta e dramaturgo também integrante da Semana de Arte Moderna; Tarsila do Amaral, pintora de renome internacional; Washington Luis Pereira de Sousa, prefeito de São Paulo, governador de São Paulo e Presidente da República; Conde Francisco Matarazzo, industrial italiano; Monteiro Lobato, escritor; Guiomar Novais, pianista.

Merecem destaque as esculturas encontradas neste cemitério, obras de escultores e artistas nacionais e internacionais como: Amadeo Zani, italiano; Victor Brecheret, escultor ítalo-brasileiro; Galileu Emendabili, também escultor ítalo-brasileiro; Nicolla Rolo, ítalo-brasileiro; o maranhense Celso Antônio de Menezes; Francisco Leopoldo e Silva, paulista de Taubaté, que em 1926 concebeu a obra “Solidudo”, considerada o primeiro nu do cemitério. Toda esta estatuária comprova que o Cemitério da Consolação é um verdadeiro cemitério monumento. Tamanha é sua importância que o cemitério foi tombado em 2005 pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico de São Paulo, através da Resolução SC 28/05, de 28 de junho de 2005, publicada no DOE 09/07/05, p. 35. (http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cb189_RES.%20SC%20N%2028%20-%20Cemiterios%20da%20Consolacao%20Protestantes%20Ordem.pdf, 2012)

3.3- Símbolos da Arte Cemiterial Cristã

Ao longo da história o homem vem criando cultura, a qual se apresenta das mais variadas formas em cada sociedade. Uma das expressões culturais de grande relevo é a arte, pois esta representa as manifestações de ordem estética. A arte é produzida a partir das percepções e manifestações da própria sociedade, aliadas à ideia do artista em manifestar um conceito ou transmitir uma mensagem à comunidade.

Para todos os momentos da vida humana a arte se manifesta nas suas mais variadas formas. Os ritos de passagem são permeados por expressões artísticas. O homem comemora e prestigia os mais variados momentos da vida, que se iniciam com o nascimento e o acompanham até a morte. Para os católicos, o rito de entronização de um

novo cristão é celebrado pelo batismo, que se efetua também com arte, sendo a mais expressiva a música. Os cânticos entoados durante esta cerimônia constituem uma expressão da arte e esta acompanha o homem até o momento da morte.

Ao morrer, o rito do velório é permeado de expressões artísticas traduzidas outra vez pela música, assim como pelas coroas que são ofertadas ao morto, muitas delas verdadeiras obras de arte permeadas de uma simbologia específica. Por fim, a arte se perpetua *ad aeternum* na construção dos túmulos, muitos deles verdadeiros monumentos à memória do morto e de sua família.

Dentre as expressões usuais na história da arte, encontra-se a arte tumular, assim designadas as peças, geralmente esculturas, que são feitas para ornar os túmulos em geral. Esta arte é também conhecida como arte funerária e é realizada de acordo com o pensamento artístico de cada época, dentro de uma cosmovisão no contexto histórico, ideológico, econômico e social. São recursos artísticos que também buscam elucidar o antagonismo da vida e da morte. Esta arte comporta, sobretudo, a simbologia para representar a alegoria da morte, e é feita dos mais variados materiais, indo do mármore, granito, pedra de lioz, ao bronze, ferro fundido, dentre outros. O período histórico do apogeu desta arte verificou-se durante os séculos XVIII e XIX, sendo na atualidade menos expressiva, em função do próprio contexto histórico e do avanço dos chamados cemitérios jardins.

Comportando e abrigando uma simbologia difícil, a arte tumular conta com uma infinidade de símbolos, todos eles ligados à cristandade. O mundo dos símbolos constitui-se em um estudo difícil e tem sido investigado por antropólogos, historiadores das religiões, filósofos, psicanalistas, linguistas, teólogos, críticos de arte, dentre outros, cada um buscando o viés de sua formação e estudando os símbolos dentro de cada área.

Conforme Girard (1997, p. 10), “a própria noção de símbolo varia consideravelmente de autor para autor, de disciplina para disciplina; às vezes ela abrange parcialmente outras noções, como a metáfora, a imagem e o sinal”. Portanto, há a necessidade de delimitar-se a vertente de estudo dos símbolos necessários à arte cemiterial cristã.

Isto posto, é adequado buscar-se a etimologia da palavra para um entendimento lúcido do que se pretende definir. De acordo com Cunha (1996, p. 723), símbolo é “aquilo que, por um princípio de analogia, representa ou substitui outra coisa, signo, alegoria, comparação.” O termo é derivado do latim *symbolum* e do grego *symbolon*, e entendido como uma coisa que representa outra. Desta maneira, os símbolos da arte

cemiterial representam alegorias e são lidos a partir do princípio da analogia, existindo um significado para cada um deles. Os símbolos também comportam mais de uma leitura.

Para Silva (2012, p. 102)

Os símbolos acompanham a vida humana praticamente desde os primórdios da humanidade, pois pesquisas já comprovaram esta prática desde os fins do período paleolítico. Eles guardam em si um elemento universal e um elemento particular. Universal, porque absorvido pelos muitos processos históricos chegou até os dias atuais. Particular porque corresponde a uma época precisa, por ter sido concebido por uma sociedade determinada.

Assim é que o processo de analogia se relaciona com o elemento universal, passando-se o significado dos símbolos cristãos dos primórdios até os dias atuais. A cruz como símbolo do cristianismo, por exemplo, remonta há mais de 2.000 anos. Como elemento particular, o processo analógico pode ser evocado lembrando-se os diversos estilos arquitetônicos das construções dos túmulos, que vão do neogótico ao chamado estilo moderno, guardando os diversos períodos em que apareceram os mais variados estilos ao longo da história, dentro da cosmovisão dos pensamentos históricos, antropológicos, políticos, econômicos e sociais, conforme apresentado acima.

Há uma relação estreita entre o símbolo e o sagrado, e os lugares sagrados estão repletos de elementos simbólicos. Nos grandes centros de romaria, é comum acumularem-se símbolos em agradecimento a graças alcançadas pela interseção daquele santo. Mãos, pés, seios, coração e as mais diversas partes do corpo humano são talhados, em geral na madeira ou em cera, para indicar o local da cura. Neste sentido, conforme Nasser (2003, p.37)

O símbolo aproxima o divino do humano, é a ponte que os liga, como as duas metades da mesma medalha. Está presente em todos os momentos em que houver uma *passagem*, um período de *transição* da vida humana. Quando a presença do outro (ou Outro) se faz necessária para dar direção e significado a uma ausência, a uma perda ou a uma vitória.

Neste sentido, os cemitérios são repositórios de símbolos, que têm a função amenizar a perda da pessoa querida, e a arte tumular tem trabalhado neste sentido há séculos. Quando todas as formas de expressões humanas comuns são esgotadas, e diante do desconhecido, usa-se a linguagem simbólica.

Corroborando com este pensamento, Nasser (2003, p. 11) observa que:

A linguagem simbólica, considerada enquanto um ato de amor, promove o lançamento e uma entrega de cada um de nós para o que não se consegue nomear, para o que não se consegue resposta e explicação imediata, buscando o conhecimento que é, ao mesmo tempo, autoconhecimento. Compreendendo alguns símbolos, compreende-se algo mais de si mesmo.

Visando facilitar o estudo deste tema bastante complexo, no referente aos aspectos de interpretação dos símbolos, mesmo sabendo-se que há um elemento universal na leitura dos mesmos, Girard propõe quatro ordens de realidade a partir de quatro classes, subindo da última para a primeira. Desta forma, tem-se o quadro abaixo, para um entendimento mais claro das classes simbólicas.

QUADRO Nº 9: CLASSES DOS SÍMBOLOS CONFORME GIRARD

SÍMBOLOS DE QUARTA CLASSE	Usados pelas ciências exatas o “símbolo químico” o “símbolo matemático” o “símbolo físico” já integram a linguagem corrente. $f(x)$ é abstrato onde o f denota todas as formas funcionais e o x todos os números possíveis.
SÍMBOLOS DE TERCEIRA CLASSE	São os emblemas convencionais, a bandeira nacional, o louro como símbolo da vitória e da glória, os brasões familiares e clericais.
SÍMBOLO DE SEGUNDA CLASSE	Forma num simbolismo mais profundo. São símbolos de valor moral, símbolos de poder e símbolos de um saber. A pomba que representa a paz é símbolo de valor moral, o cetro representa o poder real e a cruz, como símbolo do cristianismo, representa um saber. Todos eles são exemplos de símbolos de segunda classe.
SÍMBOLO DE PRIMEIRA CLASSE	Esta classe abrange os símbolos oníricos, aqueles relativos aos sonhos e que interessam principalmente a psicologia, assim como os símbolos míticos e religiosos. Os símbolos míticos religiosos escapam do domínio dos sentidos e buscam o mundo do divino ou o mundo obscuro do mal.

Fonte: Girard (1997, p. 26 a 32)

Postas as classes dos símbolos que servirão para a análise do estudo realizado, é conveniente também que se apresentem as quatro categorias de coisas simbólicas, teoria desenvolvida pelo mesmo autor e referente aos símbolos bíblicos que, por sua vez, fundamentam os símbolos da arte cemiterial. Estas quatro experiências básicas sustentam o que ele denomina de símbolos teofânicos, matriciais, ponerológicos e símbolos de verticalidade cósmica.

De acordo com o autor, os símbolos teofânicos são o fogo, vento, nuvem, trovão, sismo. Estes símbolos estão presentes na Bíblia nas mais diversas passagens e não é raro encontrá-los esculpidos na arte tumular. Os símbolos ponerológicos são água, trevas, vento, fermento, animais hostis que lembram as forças de anti-salvação, também presentes na Bíblia. Como símbolos matriciais estão o fogo, água, trevas, pedra, madeira, terra, grande peixe, lembrando todos eles o mistério cíclico da vida e da morte. Por fim, os símbolos de verticalidade cósmica são nuvem, pedra e madeiras eretas, voláteis, pontes entre céu e terra, que representam a necessidade de salvação além do espaço terrestre.

Convém destacar que os símbolos teofânicos estão ligados à aparição ou revelação de Deus, enquanto que os poneológicos ligam-se à doutrina teológica da perversidade do mal. Já os matriciais referem-se ao lugar onde alguma coisa nasce ou é gerada e, por fim, os da verticalidade cósmica ligam-se ao além, ao pós-morte. Alguns destes símbolos apresentam-se em mais de uma categoria, conforme se visualiza do quadro abaixo:

QUADRO Nº 10: CATEGORIAS DOS SÍMBOLOS

Teofânicos	Fogo Vento Nuvens Trovão Sismo
Ponerológicos	Água Trevas Vento Fermento Animais hostis
Matriciais	Fogo Água Trevas Pedra Madeira Terra Grande peixe
Verticalidade Cósmica	Nuvem Pedra e Madeira eretas

	Voláteis Ponte entre céu e terra
Teofânico e Matricial	Fogo
Ponerológico e Matricial	Água Trevas
Teofânico e Ponerológico	Vento
Teofânico e Verticalidade Cósmica	Nuvem
Matricial e Verticalidade Cósmica	Pedra Madeira

Fonte: Adaptado de Girard (1997).

Na teoria apresentada por Nasser (2003), os elementos fogo, água, terra, ar e trevas, que são estudados do ponto de vista antropológico, apresentam-se através do estudo da metáfora relacionada aos símbolos, que descreve o significado de cada um destes elementos.

Os símbolos também são objetos de estudo da psicanálise, que busca elucidar os sonhos através destes. A teoria foi encetada por Jung (2008, p. 117), que afirma que:

Quando um psicanalista se interessa por símbolos, ocupa-se, em primeiro lugar, dos símbolos *naturais*, distintos dos símbolos *culturais*. Os primeiros são derivados dos conteúdos inconscientes da psique e, portanto, representam um número imenso de variações das imagens arquetípicas essenciais. [...] Os símbolos culturais, por outro lado, são aqueles que foram empregados para expressar “verdades eternas” e que ainda são utilizados em muitas religiões.

Denota-se, por esta teoria, que a mesma parece simples demais para esta área do estudo, contando com tão somente duas classificações. No entanto, é de grande complexidade, uma vez que esta teoria visa elucidar os sonhos, estudo este permeado de grande abstração. No pertinente aos símbolos naturais, a estrutura apresentada é universal e provém do inconsciente coletivo e das produções imaginárias do indivíduo. Já os culturais formam-se a partir da criação humana e buscam expressar “verdades eternas”, no dizer do próprio autor. Estes, embora estudados pela psicanálise e psicologia, empregam-se ao estudo cemiterial, tendo em vista que a fênix, por exemplo, surge das cinzas, segundo a tradição, simbolizando o Cristo redivivo e sendo, portanto, um símbolo da ressurreição para os corpos que estão sepultados naquele túmulo onde ele encima.

Durante o século XIX, o papel dos símbolos foi relegado a um segundo plano, por influência do positivismo e cientificismo, mas nem assim eles deixaram de existir.

Coincidentemente, também neste século surgiram os cemitérios laicos e neles, principalmente a burguesia, pôde ostentar seu poder através da arte cemiterial. A aristocracia sobressaía-se pelo bom gosto e refinamento dos monumentos e a burguesia pela grandiosidade das obras. Em todas elas sobressaíam-se os símbolos, os quais chegaram ao seu enfraquecimento no final daquele século, devido às correntes filosóficas acima apresentadas.

Conforme Eliade (2002, p. 12)

Começamos a compreender hoje algo que o século XIX não podia nem mesmo pressentir: que o símbolo, o mito, a imagem pertencem à substância da vida espiritual, que podemos camuflá-los, mutilá-los, degradá-los, mas que jamais poderemos extirpá-los.

Embora tenham ficado esquecidos por algum tempo, perpassaram os períodos e permaneceram chegando até a atualidade, mantendo seus significados. Abaixo se apresentam 80 (oitenta) símbolos encontrados nos túmulos do Cemitério São João Batista, em Fortaleza, com seus respectivos significados.

O Acanto, vegetação típica das circunvizinhanças do mar Mediterrâneo e uma variável do cardo, é elemento decorativo desde a antiguidade clássica, sendo característica do capitel coríntio. Desde o tempo antigo é usual utilizá-lo na arquitetura sepulcral, por ser vinculado com a imortalidade, simbolizando, portanto, o jardim do céu.

A Águia simboliza o exército, a batalha, a vitória, sendo considerado o mais forte de todos os pássaros. Por voar muito alto e ter uma visão muito arguta, foi considerada pelos povos assírios, persas e babilônicos como símbolo da altitude espiritual. É um pássaro reverenciado em todas as culturas como elemento de destaque. É ainda considerada símbolo da vida ressuscitada.

Alfa e ômega, a primeira e última letra do alfabeto grego, simbolizam as chaves do universo, indicando a passagem bíblica do princípio e do fim (A e Ω). A prática de utilizar estas letras em maiúsculas nos túmulos aparece depois do século V em Roma, quando passam a ornar as catacumbas.

O Altar é o lugar mais sagrado presente em todas as religiões e é o espaço onde se oferece o sacrifício divino. A teologia considera três conteúdos para o altar, sendo o primeiro, literalmente, o altar como mesa santa da ceia do Senhor; alegoricamente é representado como o próprio corpo de Cristo, e moralmente o coração de cada homem. Disposto em patamar, seus degraus representam as virtudes do homem que delas necessita para ascender ao céu. É comum a presença do altar em túmulos em formato de

capelas.

O Amor Perfeito é uma planta rasteira e selvagem que teve origem na Europa e transplantou-se ao Brasil, onde se aclimatou de forma satisfatória, notadamente nas regiões mais frias. É conhecido como erva da trindade, por possuir em sua flor três cores em tons de azul, roxo e branco, representando assim a trindade santa. Também é símbolo de reflexão, pensamento e amor poderoso, como o amor de mãe. É comum encontrá-la em túmulos do estilo romântico, onde há a presença de jardins.

A Ampulheta, relógio de areia dos primórdios da civilização, nos remete ao fim do tempo de vida terrena e seu reinício em outro plano, pelo fato da ampulheta necessitar ser virada para iniciar uma nova contagem de tempo. A ampulheta também representa o símbolo da virtude cardeal da esperança, pois para o cristão a morte remete à vida eterna, portanto, à imortalidade, sendo esta a esperança de todo cristão. Simboliza o transcurso e o escoamento do tempo de vida.

A Ânfora é peça usada na antiguidade. É um vaso grande e bojudo feito de barro, com pescoço estreito, usado para guardar mantimentos, vinhos, óleos. A ânfora representa o homem como vaso da graça e simboliza a fragilidade da vida humana, pois o homem é tão vulnerável à morte como o vaso frágil de barro.

A imagem da esperança, da confiança, da salvação é representada pela âncora, pois ela sustenta o navio evitando o seu desvio. Muito cedo esta imagem foi utilizada pelos povos do Mediterrâneo antigo. É o mais antigo e genuíno símbolo cristão. Segundo Hb 6, 19ss, Cristo é a âncora da alma, simbolizando, portanto, a esperança do cristão pela felicidade eterna. Foi largamente usada pelos primeiros cristãos para disfarçar a cruz que indicava o lugar das reuniões secretas. É um dos mais antigos símbolos da cristandade.

Um dos símbolos milenares que acompanha a história são os anjos, palavra oriunda do grego *Angelus*, que significa mensageiro. São eles os portadores das boas novas e da proteção divina para o homem cristão. Para Grzych (2011, p. 23 e 24), “a imagem dos anjos como concebemos no cristianismo ocidental provavelmente tem suas origens na antiga religião persa, o Zoroastrismo, (559 aC-651 dC), que foi a religião mais poderosa do mundo no tempo de Jesus Cristo.” Estes seres espirituais adotavam um praticante para proteção, passando a ser o seu patrono. Hoje eles representam, no cristianismo, a figura do anjo da guarda.

Os símbolos representados pelos anjos são muitos e diversificados. A presença destes na Bíblia é intensa e variada, e com o judaísmo pós-exílio surgiu uma doutrina

formal dos chamados “exércitos celestes” e de uma “Corte de Deus”. Conforme Heinz-Mohr (1994 p. 24)

A ideia de hierarquias angélicas proveio principalmente da teologia judaico-tardia, influenciada por elementos extrajudaicos e ganha reelaboração perfeita e sistemática na “Hierarquia celeste” do pseudo-Dionísio Aeropagita (séc. VI). Admite (usando insinuações de Cl 1,16; Ef 1,12; 3,10; Rm 8,38s) nove coros de anjos (três vezes o número santo três): tronos, querubins, serafins; potestades, principados, forças; anjos, arcanjos, virtudes.

Como classificação diferenciada da acima apresentada, encontra-se a Súmula de classificação de São Tomás, bem como a classificação desenvolvida por Dante Alighieri na Divina Comédia. Ambos consolidaram a hierarquia dos anjos, onde estes são descritos em três categorias ou esferas. Na primeira esfera, posicionada mais próxima a Deus, estão os serafins, querubins e tronos. Na segunda esfera, mais afastada do centro do círculo, estão os domínios, as virtudes e os potestades ou poderes. Por fim, na terceira esfera, os anjos que atuam como mensageiros celestiais são os principados, os arcanjos e os anjos. (GRZICH, 2001)

Percebe-se, entre as classificações apresentadas, uma pequena variação, mas o fato é que nove anjos se apresentam dentro da simbologia do número três, considerado santo. Usando-se a primeira classificação, explica-se a simbologia de cada um deles iniciando-se pelos tronos, que são tidos como os anjos da guarda do planeta e têm como missão trazer o julgamento individual, assim como o julgamento da sociedade como um todo. Os querubins, que passaram a ser retratados em forma de bebê ou cupido, a partir dos anos de 1600, são os guardiões da luz e das estrelas e têm como missão ajudar para que o plano divino seja cumprido, além de guardar o caminho até a morada eterna. Os serafins espantam a escuridão e purificam o universo. É a ordem considerada mais elevada, pois eles são os guardiões perante o trono de Deus.

Os anjos do nascimento e da morte são os potestades ou poderes. Buscam a simetria, equilíbrio e compaixão, trazendo também o poder do intelecto, abençoando professores e educadores. Os principados, ligados à persistência, são os guardiões dos líderes e governantes, ajudando-os a tomar decisões sábias. Os anjos forças, também chamados de domínios, simbolizam a harmonia entre as forças passivas e ativas; são os executivos de todos os grupos angelicais situados além deles.

Os anjos estão mais próximos da humanidade e são os mensageiros de Deus que cuidam do homem. Cada ser humano, ao nascer, recebe um anjo para acompanhá-lo durante a vida terrena, é seu anjo da guarda. Os arcanjos agem como anjo da guarda dos

líderes mundiais e são príncipes entre os anjos. O Velho Testamento menciona Miguel, que ocupa o lugar mais elevado e é representado como guerreiro que vence o demônio. Conforme Souza (2009, p. 3), “o nome Miguel significa ‘quem como Deus’. É por isso considerado chefe dos exércitos celestiais e venerado como protetor da Igreja Católica, defensor das decisões divinas e opositor do mal.”

Gabriel está associado a uma trombeta anunciando a voz de Deus; Rafael é o chefe dos anjos da guarda, anjo da providência, e Uriel possui como símbolo o pergaminho e é o líder dos serafins. Estes anjos têm como características a sinceridade e a força de vontade. As virtudes são chamadas quando se necessita de coragem e estes derramam bençãos na forma de milagres e encorajamento, caracterizando-se pela força e determinação.

Os anjos como símbolos e alegorias cemiteriais são os elementos que mais se apresentam na arte funerária, estando presentes em uma boa parte dos túmulos, ou como estátuas em alto relevo nas paredes sepulcrais. Um exemplo é a imagem do anjo apontando ao céu para indicar que o morto era considerado em sua comunidade como uma boa pessoa e agora espera a benção de alcançar o paraíso. Quando se tem um anjo reflexivo com a mão no queixo pode-se estar representando o julgamento de Deus a respeito daquele morto ali enterrado, quando há certeza da absolvição dos atos praticados em vida. Um anjo triste indica a desolação diante da morte. A figura de um anjo acompanhando o morto é a condução daquela alma ao lugar divino. Assim, são muitas e variadas as representações alegóricas dos anjos na arte tumular.

A Balança se apresenta como símbolo de justiça desde a antiguidade e foi encontrada em epitáfios cristãos primitivos nas catacumbas romanas e em muitas instalações sepulcrais. Além de simbolizar a justiça, é também símbolo da prudência e do equilíbrio. O anjo São Miguel e o Profeta Ezequiel são representados tendo na mão uma balança, indicando assim a justiça e o equilíbrio divino.

O Baldaquino encontra-se presente em muitos túmulos que seguem, sobretudo, a arte bizantina. É uma espécie de abóbada que, originalmente, era feita de tecido que perdura até hoje nas procissões, servindo para a proteção do Santíssimo. Na arquitetura cristã tomou o mesmo significado, tendo forma de abóbada ou teto para cobrir lugares sagrados. Não é à toa que os baldaquinos nas igrejas estão acima do altar mor. O baldaquino passou a integrar a arquitetura funerária durante a Idade Média, encimando as sepulturas que se encontravam dentro das igrejas. Simboliza, por fim, a proteção ao lugar sagrado.

Outro símbolo não menos comum na arte cemiterial é o bastão ou cajado, que representa a força e o conhecimento de coisas invisíveis, sendo, portanto, símbolo da divindade que cura. Deus cura a todos aqueles que se arrependem no momento da morte e esta cura divina da alma é simbolizada pelo bastão. Não é sem sentido que a vara de condão ou varinha mágica transforma tudo.

Um Broto de Rosa encontra-se sempre em túmulos de crianças mortas, até a puberdade, por representar uma morte prematura. A rosa botão ainda encontra-se por desabrochar e formar uma vida mais plena. A alusão ao broto é simbolizada pela criança ou o púbere.

Aos eleitos que gozam da alegria do paraíso, a representação é um cacho de uva. É símbolo surgido na arte românica e representado por um jovem ajoelhado, tendo nas mãos um cacho de uva. A alusão de que a uva, ao ser espremida, produz o suco, alia-se ao sacrifício de Cristo, que deu seu sangue para a remissão do homem através do sofrimento e da morte terrena. As uvas representam Jesus.

O Cálice é largamente utilizado nas alegorias de sepulturas de padres, por representar os sacramentos cristãos. Nos primórdios da história, quando a religião era praticada dentro das casas, colocava-se nele o vinho consagrado para o sacrifício. Quando surgiram as igrejas e os cultos, esse costume passou a ser praticado e permanece até a modernidade. Hoje serve para ser depositado o sangue imolado de Cristo pela humanidade.

O Cardo é o símbolo do sofrimento terreno, por ser associado a sua forma de planta espinhosa. Associado à tristeza, é uma variação da coroa de Jesus que passa a representar o bem. Está presente também nos santos mártires, por representar as paixões por eles suportadas, a exemplo de Cristo.

O Cetro é símbolo de realeza, e indica soberania. Faz alusão ao ramo e, portanto, à árvore da vida. É um símbolo coletivo, pois, de acordo com Amorc (1982, p. 14)

Os símbolos podem ser considerados como individuais, coletivos, ou Cósmicos. Um símbolo que é derivado da própria experiência do indivíduo e lhe é peculiar, é um símbolo individual. Uma jóia, por exemplo, pode ter um significado simbólico particular, devido a algum evento ou sentimento a ela associado. Símbolos coletivos são aqueles que são usados por grupos de caráter religioso, ordens fraternais, grupos sociais, e grupos educacionais ou desportivos.

Acrescentar-se-ia que o símbolo coletivo tem caráter de universalidade e, no caso do cetro, este se apresenta como símbolo do poder há milênios, indicando não somente o poderio terrestre, mas, a partir do momento em que os algozes de Cristo

puseram um cetro em sua mão, seu poder passou a ser divino.

Representando, de modo geral, a eternidade, o Círculo se faz presente na iconografia cristã. Imagem da perfeição, o centro é o pai do círculo, podendo-se entender isso também em relação a Deus e sua criação. Tendo-se o círculo como figura da infinitude, ele torna-se imagem privilegiada do céu. (HEINZ-MOHR, 1994). Três círculos interconectados representam a trindade santa, e dois círculos sobrepostos representam a união entre céu e terra.

A coluna na Roma antiga simbolizava o domínio do poder. Foram famosas as colunas de Trajano e Rolando. Tradição oriunda desde o período neolítico, as pedras dispostas em direção ao alto representavam a ligação com o divino. Com a base e o capital, a coluna simboliza também a árvore da vida e o eixo do mundo. Árvore da vida porque esta é cíclica e se refaz a cada temporada, trocando as folhas e oferecendo frutos, representando a vitória sobre a morte. A árvore é como o homem, goza da verticalidade que aponta aos céus. A coluna é símbolo cósmico da ligação entre o céu e a terra. Outro símbolo que carrega esta ideia é a coluna partida, que simboliza uma vida ceifada ainda na juventude, mas ainda assim interligando-se com o céu. Também pode representar o túmulo do último membro de uma família.

A Concha é ornato comum desde os povos pré-cristãos, em monumentos funerários. É símbolo do Santo Sepulcro e da Ressurreição. Posta no túmulo, indica que aquele morto um dia ressuscitará. Durante a Idade Média foi usada como símbolo mariano por representar a fecundidade.

Ao Coração são atribuídos alguns significados, como o que se encontra na linguagem bíblica, relacionado à condescendência, desejo e amor. A partir daí passa a significar o amor divino e a coragem, isso pelo fato de que desde muito cedo a humanidade o relaciona ao princípio vital e às faculdades afetivas. Durante o período do Renascimento e do Barroco, o coração toma a imagem definitiva do amor celeste e terrestre, da virtude e da caridade. Aparece ainda na simbologia sangrando e perfurado, como nas imagens do Sagrado Coração de Jesus e de Maria, como referência ao sofrimento de Cristo pelos pecados humanos.

A Coroa foi, de início, tão somente sinal da dignidade real. Posteriormente, se revestiu de simbologias. Uma delas é de ser colocada no alto da cabeça tomando, por esta razão, um significado de transcendência. Pelo fato de ser redonda também passa a significar a perfeição; e por conter materiais preciosos, como o ouro, ou de cunho

sacrificial de flores e folhas, recebe a conotação de honra, glória, alegria. A coroa de espinhos de Cristo, por sua vez, simboliza o sofrimento.

A coroa mortuária traz a mesma simbologia da perfeição da coroa real. Por esta razão se oferece à família do morto uma coroa de flores em sinal indicativo de que a vida do morto foi perfeita e a vida eterna também será. Esta prática remonta ao cristianismo primitivo pelo fato dos túmulos encontrarem-se, com frequência, dentro de um jardim, onde era costume arrancar as flores e colocá-las sobre os túmulos.

A Cortina ou Manto é usado, na realidade, para proteger o corpo ou alguma outra coisa. A cortina que se coloca nas janelas tem por funcionalidade proteger a casa do sol ou da luz em excesso. O manto que utiliza sobre a roupa tem função de proteger o corpo do frio e assim por diante. Na arte cemiterial, a cortina ou o manto tem a mesma função, simbolizando a proteção dos restos mortais. É comum encontrar-se a urna coberta com um manto simbolizando a proteção daquelas cinzas. Também é símbolo de proteção e dignidade o véu que, por longo tempo, foi usado pelas mulheres para entrar nas igrejas.

Outro adorno da arte tumular muito encontrado é o crânio ou caveira. Este símbolo surgiu no século XVII, quando se esculpiu o crânio associado a um fêmur sobreposto aos ossos cruzados. No século XVIII, os artesãos criaram variações e o símbolo de solidificou. No Cemitério São João Batista há uma inscrição latina abaixo do desenho esculpido no mármore: *memento mori*, isto é, lembra-te que hás de morrer. O crânio com os dois fêmures sobrepostos representa, portanto, a transitoriedade do homem na terra. Há também a incidência do crânio alado, simbolizando não só a transitoriedade terrena, mas também a esperança de alçar voo para a vida eterna.

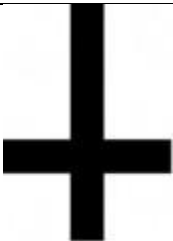
A Cruz é um dos símbolos mais representativos do cristianismo, comportando mais de uma leitura. Foi um dos instrumentos do flagelo de Cristo. É símbolo antigo e largamente difundido em muitas culturas. Observa-se que há uma intersecção das duas ligações de pontos diametralmente opostos simbolizando a unidade dos extremos, podendo-se entender nesta junção o eixo do mundo, ou seja, o céu e a terra. Encontrou-se a comprovação da primeira representação da cruz em monumento cristão no ano de 134 a.C, através de uma inscrição no lugar Palmira. Encontrada desde o período pré-cristão, a cruz assume a simbologia dos quatro pontos cardeais, das quatro estações do ano e dos quatro elementos.

Conforme Heinz-Mohor (1994, p. 343), aludindo à cruz, quatro é

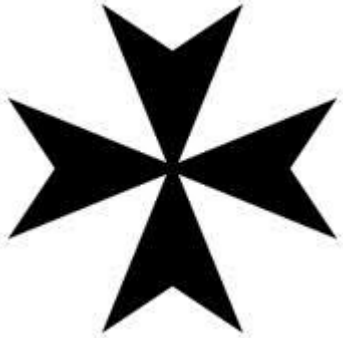
O número tradicional do universo terrestre, dos elementos, do quadrado, das estações anuais, dos rios do paraíso (Gn 2,10ss: Fison, Geon, Tigre, Eufrates) que regem as quatro regiões da terra; dos humores no homem, que é responsável pela divisão dos quatro temperamentos (sanguíneo, fleugmático, colérico, melancólico); das quatro letras que constituem o nome de Adão. [...] A construção cúbico-quadrada é bastante difundida na arquitetura das igrejas e repousa sobre o cubo.

Nota-se uma quantidade de símbolos em um único objeto, representando, portanto, uma unidade, o equilíbrio a partir do instrumento maior do sofrimento de Cristo para salvar a humanidade. A cruz cristã aparece de várias formas e as mais comuns são apresentadas por Koch (2001), em estudo de estilos das arquiteturas. Abaixo se vê o quadro com os variados modelos e significados:

QUADRO Nº 11: CRUZ DE CRISTO

NOME DA CRUZ	DESCRIÇÃO	DESENHO
Cruz Grega	Tipo preferido na arquitetura sacra bizantina. Desta cruz e da cruz latina deriva a grande maioria dos tipos de cruzes.	
Cruz Latina	Tipo predominante na arquitetura religiosa ocidental da Idade Média é a cruz da paixão	
Cruz em T ou de Santo Antônio	Em geral suplício para os ladrões. Chamada também de Tau. É a cruz da profecia ou do antigo testamento por representar o bastão de Moisés. É símbolo do centro do mundo.	
Cruz de São Pedro	Crucificado de cabeça para baixo por acreditar-se que a cruz latina invertida representaria o oposto da cristandade.	
Cruz de Santo André	Os textos mais antigos descrevem que André teria sido atado e não pregado, cruz conhecida como <i>crux decussata</i> . Foi padronizada no final da Idade Média	

Cruz de Caravaca ou Cruz de Lorena ou Cruz de Borganha	É uma cruz de duas barras em uma linha vertical cruzada por duas paralelas menores, e que, até o século XX, possuíam o mesmo tamanho, passando depois a barra superior a ser menor. É uma relíquia cristã de origem espanhola por ter aparecido em Caravaca de la Cruz, Espanha, no ano de 1232, contam que existem fragmentos da cruz de Cristo e por isso milagrosa.	
Cruz Egípcia	Para os egípcios, símbolo da vida e símbolo da vida eterna. A haste superior vertical é substituída por uma alça ovalada.	
Cruz Pontifícia ou Pontifical ou Cruz Papal ou Cruz Tripla	Também conhecida como Hierofonte. Consta de três barras sendo a inferior a maior e diminuindo de tamanho até a superior. As três barras representam as três funções do Papa como sucessor de Pedro, sacerdócio, jurisdição e magistério. Os braços transversais correspondem ainda ao sacerdote, mestre e pastor.	
Cruz de Constantino	É o monograma de Cristo formado pelas letras gregas X (chi) e P (rho) iniciais da palavra CHRistus. Constantino, imperador romano, converteu-se ao cristianismo e mandou construir a Igreja do Santo Sepulcro, em Jerusalém, no local onde havia o templo de Afrodite, sob o túmulo de Jesus. Adotou o <i>cri rho</i> como emblema, daí a cruz ser conhecida pelo seu nome.	

Cruz Russa ou Ortodoxa ou Bizantina ou Eslava	A barra transversal inferior representa provavelmente o supedâneo. É a mais difundida na Igreja Ortodoxa. A barra superior representa a inscrição de Cristo, a central a crucificação e a inferior o supedâneo.	
Cruz de Âncora	Tem forma de um sinal de adição. Esta cruz significa um novo começo e também a esperança. A cruz representa o Cristo que salva vidas. Era a representação camuflada da cruz nos primeiros séculos do cristianismo.	
Cruz Trifólia ou Cruz da Trindade	Os três círculos interseccionados representam a trindade	
Cruz de Malta ou de São João	É o símbolo dos números, onde as oito pontas representam as oito bem-aventuranças. Também é símbolo do guerreiro cristão.	
Cruz da ordem dos Cavaleiros Templários	Também chamada de cruz coroada, se faz presente até o século XIX e XX nos túmulos de nobres para indicar o título. No São João Batista em Fortaleza a maior incidência é de Barões.	 Coroa de Barão

Fonte: adaptado de Koch (2001) e Heinz-Mohr (1994)

Merece menção um tipo de escultura bastante encontrado no cemitério São João Batista, em Fortaleza, da cruz e mulher. Uma mulher apoiada numa cruz que representa a fé. Esta escultura é uma alusão de que o falecido teve uma vida pautada na religiosidade e na fé. É bastante encontrada também em túmulos de maçons, por representar a interseção do plano material com o transcendental em seus eixos.

Nos primórdios do cristianismo não se podia imaginar o caminho do céu senão na forma de subida. Túmulos com sete degraus ou três representam o desenvolvimento

espiritual. Representam também a ascensão e a comunicação entre céu e terra. A escada representa ainda o diálogo entre os homens e Deus. Quando é feita de degraus largos e finos, intercalados, representa os altos e baixos do morto durante a vida terrena.

A Espada representa uma simbologia ampla, tendo significado, na Idade Média, a palavra de Deus ou o espírito. Dentre os demais significados, citam-se a força e a coragem viril; símbolo solar; símbolo fálico; símbolo da decisão e da justiça medieval. É ainda símbolo da força e do sol, cujo golpe rápido se pode comparar com o relâmpago, tal a agilidade de seu manipulador. As espadas cruzadas significam que o morto morreu em combate, por este ser também símbolo representativo militar.

Outro símbolo comum é o esqueleto, que é o anúncio e o instrumento de um novo estado de vida, significando a personificação da morte quando retratado em posse de uma foice. Conforme Heinz-Mohr (1994, p. 151):

A lenda dos três mortos e dos três vivos, procedente do Oriente, narra como três nobres, voltando despreocupados da caça, viram de repente diante de si numa encruzilhada três cadáveres em três caixões em estado de putrefação adiantada e devorados por vermes, que se levantaram e disseram: “O que sois, nós o fomos; o que somos, haveis de ser!” A arte figurativa retornou esse motivo desde o séc. XIII, mas especialmente no Renascimento, e o desenvolveu drasticamente, sobretudo na França.

A divulgação da representação da morte foi preocupação da igreja durante a Idade Média, e a partir do século XIV surgiu a tendência de tornar a morte ainda mais assustadora e ameaçadora. Antes deste período, se representavam os mortos no momento de falecer e, a partir daí, passavam a representá-lo em seu estado mais degradante de putrefação até o descarte total, quando se apresentava como esqueleto.

Como símbolos de luz se utilizam as estrelas, por sua capacidade de atravessar as trevas travando uma constante batalha entre forças espirituais e materiais. São símbolos do espírito e da luz espiritual que ilumina as trevas. Os povos antigos acreditavam que as estrelas eram os antepassados que eram colocados no céu. A estrela de cinco pontas, símbolo de Salomão, representa os cinco livros do Mosaico, assim como os cinco elementos alquímicos. A estrela de Davi é um símbolo tipicamente judeu e possui seis pontas, sendo composta por dois triângulos entrelaçados representando a proteção divina.

Pássaro da mitologia grega, a fênix vivia 1000 anos, quando então entrava em combustão para depois ressurgir das cinzas. Por isto simboliza a imagem da

imortalidade da alma humana. A arte medieval representa-a junto com o pelicano. A fênix simboliza Cristo que vence a imortalidade.

Flores, folhas e frutos representam a vitória da alma sobre o pecado e a morte. São símbolos ofertados ao morto durante o velório e perenizados nas esculturas cemiteriais dos túmulos. A flor representa a imagem das virtudes da alma enquanto o ramalhete de flores é sinal da perfeição espiritual; a coroa de flores é o símbolo da perfeição, por apresentar-se em forma de círculo. Representam ainda a transitoriedade da vida terrena, uma vez que, arrancadas da planta, as flores, frutos e folhas perecem de forma muito rápida.

A tradição das flores se popularizou na arte funerária durante o século XIX. As diversas flores têm significados específicos, como: a acácia simboliza a imortalidade da alma; a flor-de-lis simboliza a paixão, a chama e o ardor; os lírios representam a inocência da alma restabelecida após a morte, assim como esplendorosa pureza; a margarida alude à infância de Cristo, significando a pureza infantil; o amor perfeito a memória e humildade do falecido; a rosa vermelha, símbolo antiquíssimo do amor, alude à taça que apanha o sangue de Cristo e o sacrifício do próprio Cristo, e a branca a pureza e virgindade. O girassol, no cristianismo, é símbolo do amor de Deus, da alma que emana pensamentos para Deus, sendo assim, portanto, símbolo da oração.

A foice tornou-se muito cedo símbolo da morte. Isso ocorre, de maneira geral, com os símbolos agrícolas, a exemplo também do machado, usado para ceifar forragens, cereais, dentre outros. A simbologia deve-se à analogia do instrumento, pois o mesmo se usa para cortar, conseqüentemente, segmentar a vida de um vegetal. A foice simboliza assim a morte. Em várias ocasiões está associada à figura do esqueleto que a sustenta.

O globo representa símbolo do poder por fazer parte da simbologia do círculo, que indica a perfeição, tornando-se símbolo do universo ideal. Ele exprime a totalidade do céu e da terra, aqui se encontrando a origem das abóbadas como cúpulas de igrejas. O globo terrestre é símbolo da criação e imagem da sabedoria universal. O globo alado, símbolo divino da cultura egípcia e adotado pelo cristianismo, significa o poder divino supremo.

Como ornato tumular encontra-se a grinalda ou guirlanda. O ornato tem a função de embelezamento de um edifício, por exemplo, e é posto em seu frontão. As guirlandas são feitas, via de regra, com elementos fitomórficos para, além de embelezamento, simbolizar o morto. A grinalda tem origem na civilização grega e perdurou até a

atualidade como elemento representativo da vitória ou da redenção do cristianismo. É bastante usual colocar-se grinalda em túmulos de artistas e também de militares. A grinalda de rosas simboliza as virtudes do falecido.

A harpa é um instrumento antigo, conhecido pelos egípcios desde o segundo milênio antes de Cristo. É o símbolo da ligação entre o mundo terrestre e o celestial, por produzir um som harmônico. É também o símbolo do amor na forma de arte, notadamente a poesia e a música. Está intrinsecamente ligada a Santa Cecília, a padroeira da música. É comum encontrar a harpa em túmulos de músicos, compositores, poetas.

A hera, planta sempre verde, desde a antiguidade simboliza a fertilidade e a vida eterna, pelo fato de ser uma planta trepadeira e estar sempre buscando as alturas. De acordo com Heinz-Mohr (1994, pp. 180 e 181), a hera:

É símbolo da amizade e fidelidade. Devem-se entender como alusão à união fiel e à vida eterna também as representações muito frequentes de folhas de hera em sarcófagos primitivos cristãos e afrescos nas catacumbas. A hera significa que alma vive ainda que o corpo esteja morto.

O hexagrama também é conhecido como a estrela de seis pontas, como se depreende da própria etimologia do termo. Simbolizando a união dos contrários, o hexagrama representa a água e o fogo, o ar e a terra, simbolizando a fé e o judaísmo. Também conhecida como a estrela de Davi, no Cemitério de São João Batista há vários túmulos ornados com este símbolo, certamente túmulos de judeus que acorreram ao Ceará. Na psicanálise, na visão de Jung, representa a união do pessoal e impessoal gozando da interpenetração do mundo visível e invisível.

Não raro encontram-se nos altos-relevos dos túmulos os instrumentos da paixão de Cristo como símbolos do martírio e da ressurreição: além da cruz, os cravos com o martelo; a coroa de espinhos, que é o afresco mais comum nas catacumbas; a cana com a qual os soldados golpearam Jesus e colocaram em sua mão simbolizando o cetro; a coluna do flagelo, muito comum em cima de alguns túmulos; a esponja; as trinta moedas com as quais Judas traiu Jesus; o galo da negação de Pedro; a túnica para retirada do corpo da cruz com as escadas. Todos estes elementos, em conjunto ou separados, representam a paixão do morto pela terra, além da própria paixão de Cristo.

A presença de janelas nas capelas do Cemitério São João Batista é incidência recorrente, principalmente naquelas que têm o estilo neogótico. As janelas, com seus vitrais, são repletas de fortes conteúdos simbólicos. Os próprios vitrais altos e coloridos

indicam a pompa e as cores da cidade eterna aonde o morto deverá ser conduzido. A entrada da luz no recinto da capela é a ponte que liga o céu e a terra, e por onde o morto deverá ser conduzido à luz eterna.

O lagarto é um animal prudente e possuidor de grande agilidade, típico de regiões secas e ensolaradas, e por esta razão está associado à simbologia da luz e do sol, portanto, à simbologia da ressurreição. Outra analogia de renascimento é a mudança anual de sua pele, relacionada com a renovação da vida. No São João Batista é símbolo incidente em cruzeiras românticas, isto é, aquelas cruzeiras com elementos fitomórficos.

A lança é uma das mais antigas armas de arremesso. Na arte medieval, a lança representa o símbolo fálico da vida, indicando sinal do raio de sol. Aparece também no mesmo período como instrumento da justiça divina. Posteriormente, passou a representar o eixo do mundo e atributo de fortaleza, traduzindo-se assim como virtude cardeal. É símbolo comum nos afrescos de túmulos.

O Livro aberto é arte recorrente encontrada em cemitérios, geralmente disposto acima das lápides, e constitui símbolo do conhecimento e sabedoria, sendo também símbolo do universo. Identifica-se com a árvore da vida, tendo como elementos análogos as folhas onde as letras corporificam a totalidade do homem. O livro, quando se apresenta fechado, é como a matéria virginal, e o livro aberto é matéria fecundada. Significa também a memória do falecido ali sepultado.

O Menorá é um castiçal de sete braços, usado tipicamente no judaísmo, e um dos mais difundidos. Representa os sete dias em que Deus criou a terra. Este castiçal simboliza os arbustos em chamas que Moisés viu no Monte Sinai. Representa a presença de Deus e a luz do mundo. No São João Batista é símbolo recorrente em tumbas de judeus.

O Monograma de Cristo é símbolo largamente utilizado na arte cemiterial. Conforme Heinz-Mohr (1994, p. 255), no monograma:

[...] aparece primeiro a letra C, assim como também IX (Jesus Cristo) e XP (Cristo). [...] divisou-se mais tarde um significado simbólico não sem importância desse monograma: o sinal IX em círculo é uma roda com seis raios, ou seja, símbolo cósmico e solar (a liturgia chama Cristo de sol invictus, sol não vencido). O segundo sinal, que se distingue do primeiro somente pelo acréscimo da asa do R, significa: o sol no alto do eixo do mundo, o olho da agulha, a porta estreita, e ultimamente, até mesmo a porta do sol, fruto da redenção por Cristo.

É símbolo cósmico e solar e pode aparecer também com variações das letras gregas, ou Sol ou Lua, Alfa e Ômega, IHS - abreviação do nome de Jesus Cristo (Jesus Salvador dos Homens).

O Ostensório é adorno recorrente em túmulos de sacerdotes. Utensílio destinado a guardar a hóstia, que originalmente era a vítima oferecida em sacrifício à divindade, no tabernáculo do altar mor, tem em sua forma externa a lembrança do mundo. Pela forma circular e com o centro emitindo raios, aproxima-se da simbologia do sol. Constitui-se em símbolo relicário do corpo de Cristo e, conseqüentemente, da ressurreição.

A Palma ou palmeira ou ramo de palma é simbologia muito antiga e difundida entre todos os povos. Para o povo babilônio, a palmeira que cresce até 20 metros de altura e vive até 300 anos era considerada árvore divina. A antiga simbologia da palma se refere à vitória, ascensão, renascimento e imortalidade. Dos mais antigos símbolos preferidos pelos cristãos, a palma é, juntamente com a âncora e a pomba, um dos primeiros representantes da simbologia cristã. A palma é também símbolo da virgindade e do martírio, sendo atributo dos santos que morreram pelo martírio. Os afrescos de palmas na arte tumular significam que o cristão, morrendo confiantemente, obtém a vitória da fé.

A rocha, popularmente conhecida por pedra, é símbolo da força de Deus protetor. Largamente utilizadas na construção de túmulos, as rochas decorativas ou ornamentais, de preferência, são o alabastro, lápis-lazúli, a pedra de lioz, o mármore, o granito, o pórfiro, todas capazes de receber polimento. Merece menção a pedra de lioz, largamente utilizada na arte tumular do Cemitério São João Batista. Lioz ou pedra de lioz é um calcário que ocorre em Portugal, na região de Lisboa, e que durante o século XIX e início do século XX foi bastante exportada para Fortaleza, pelo fato dos túmulos serem encomendados em Lisboa. Chegando ao Ceará, eram encaixadas e montavam-se os monumentos a partir dos encaixes. Além de revestir os monumentos funerários, por sua dureza simboliza os poderes divinos, a eternidade, a força concentrada e a imutabilidade.

O Pelicano é uma ave aquática encontrada em todos os continentes, à exceção da Antártida. É ave que tem grande zelo pelos filhotes, fincando o bico no peito para estrangular mais ainda o peixe antes de alimentar o filhote. Desta forma, suas penas brancas ficam avermelhadas com o sangue do peixe. Por esta razão, durante a Idade Média passou a ser símbolo do Cristo crucificado. É também símbolo do amor de pai e

mãe autoablativo. Foi símbolo bastante divulgado pela pregação das Ordens Mendicantes. Do século XVII a meados do século XIX, gozou de especial popularidade e grande difusão, sendo encontrado em adornos tumulares.

A Pena de escrever aparece na simbologia cemiterial juntamente com o pergaminho, pele de cordeiro curtida e especialmente preparada, usada para nele se escrever nos primórdios da escrita. Quando aparecem em túmulos, é um indicativo de que o morto foi homem dedicado às letras. Quando aparece enrolado com a pena ao lado representa que a vida se desdobra com dúvidas. É símbolo de cultura do morto. A folha de papel e o próprio pergaminho, antecessor desta, representam a relação entre o tempo e a vida, ou seja, a brevidade da vida terrena.

A Pietá, escultura de Maria com Jesus ao colo, depois de ser retirado da cruz, tem uma forte simbologia e representa o desejo materno de que a alma seja bem recebida nos céus. Maria, após acompanhar o martírio, padecimento e morte do filho, recebe o corpo piedosamente no colo e representa a figura da desolação, clamando ao pai o recebimento da alma do filho. É comum esta escultura encimando túmulos.

A Pomba é largamente prestigiada na arte cristã por representar o símbolo do Espírito Santo. A pomba branca significa a simplicidade, a pureza e a alma no estado da paz celestial. Conforme os evangelhos, a pomba simboliza também os sete dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. É ornamento sempre presente nos afrescos da arte tumular.

O Relâmpago está presente nas teofanias, que são as aparições ou revelações de Deus. Sendo o mais forte e rápido fogo do céu, simboliza a centelha da vida. No cemitério São João Batista é representado na lápide do túmulo de um jovem livreiro, assassinado aos 21 anos de idade. Seu pai era professor de largo prestígio cultural na Fortaleza das primeiras décadas do século XX, e, como conhecedor da cultura cristã, ele próprio desenhou o túmulo do filho carregado de simbologias, dentre elas a representação do relâmpago.

A simbologia da serpente é de grande riqueza e complicação. No Antigo Testamento aparece como animal impuro, representando o pecado. Entretanto, na arte cristã e na Bíblia apresenta ambiguidade. Pelo fato de mudar de pele, é símbolo do poder contínuo da renovação. O fato do olhar fixo dirigido às suas vítimas simboliza o saber penetrante e a onipresença. A serpente que morde o próprio rabo, formando desta maneira um círculo, representa o tempo que se renova continuamente, o decorrer do ano

e as repetições temporais. Presente nos báculos dos bispos, representa a presença de Cristo. É símbolo recorrente em esculturas tumulares.

A Tocha é a alegoria da verdade e da purificação pela iluminação. Elemento tumular dos mais utilizados, significa também a luz eterna, assim como a vela acesa e o costume de acenderem-se velas aos mortos. Uma tocha invertida significa o fim da vida terrena, pois ao inverter-se a tocha diminui-se o oxigênio e a tendência é que a chama se apague. É comum também a representação de duas tochas entrelaçadas, cruzadas e amarradas com elementos fitomórficos.

O Triângulo refere-se ao número três, representando a trindade. Representa também Deus na harmonia, quando representado com o olho ao meio. Para os maçons, o triângulo é símbolo da força, da beleza e da sabedoria de Deus, sendo a pedra fundamental do templo maçom, da riqueza dos minerais, dos vegetais e dos animais. É também símbolo do nascimento, da maturidade e da morte. É encontrado no cemitério São João Batista, notadamente no mausoléu da maçonaria.

A Trombeta é instrumento musical de um único tom e representa a voz de Deus anunciando o castigo ou chamando para o juízo final, e é geralmente tocada por anjos. Também simboliza o desejo de fama e de glória. São comuns alegorias de anjos tocando a trombeta em cima de túmulos.

O Trigo é elemento litúrgico e, juntamente com o cacho de uva, representa a eucaristia. É alegoria representada nos túmulos de sacerdotes e simboliza o nascimento e a morte, uma vez que só se nasce para a vida eterna quando se morre. Durante a Idade Média o grão de trigo simbolizava Cristo. O feixe de trigo encontrado nas alegorias tumulares representa a fertilidade e prosperidade no sentido terreno, e indica que o morto viveu de forma próspera.

A Urna Mortuária é um relicário onde se depositam as cinzas de um morto. É alegoria recorrente sobre os túmulos, coberta com um manto e um anjo vigiando-a com semblante desolado, representando a tristeza pela morte. Intimamente ligada ao vaso, simboliza o corpo separado da alma. O vaso, via de regra, representa o homem, a obra de Deus e, sobretudo, o seu corpo, a casca frágil da alma.

Por fim, entre os símbolos mais recorrentes no cemitério de São João Batista encontram-se as velas. Curiosamente, estas não integram os afrescos ou alegorias das catacumbas, apenas são acesas diante ou dentro dos túmulos. Aqui se encontra a representação da cultura material e imaterial. Material, no sentido da construção do próprio túmulo, e imaterial por não estar integrada à construção propriamente dita,

sendo apenas um costume de acender-se vela nos túmulos e para os mortos. A vela é símbolo de luz e da alma individual; símbolo da relação entre espírito e matéria. Como símbolo de luz, é representada pelo fato da mecha acesa derreter a cera, tendo-se aí a relação entre o espírito e a matéria.

O estudo do cemitério como espaço sagrado comporta a revisão literária de todos estes elementos acima expostos. A complexidade do entendimento, aliada à quantidade de itens estudados, notadamente dentro da simbologia, servirão de elementos básicos para a análise da pesquisa. A seção que se segue vai caracterizar o Cemitério São João Batista em Fortaleza, Ceará, como *locus* de inumações a partir do início da segunda metade do século XIX.

4 - CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA EM FORTALEZA, CEARÁ

A colonização do estado do Ceará iniciou-se em 1603, quando o português Pero Coelho chegou com a primeira expedição vinda de Pernambuco para ocupar estas terras. As primeiras tentativas foram malogradas, mas o colonizador voltou em 1612 para, definitivamente, povoá-las, capitaneado, desta feita, por Martim Soares Moreno.

Embora nas primeiras tentativas tenham se fixado à margem direita do rio Ceará, no bairro hoje denominado Barra do Ceará, a colonização efetivou-se a partir da construção do Forte de Nossa Senhora da Assunção, à margem esquerda do riacho Pajeú. A fortificação ali existente, considerando-se suas evoluções, inicialmente de pau a pique, depois de alvenaria, ainda existe ali até hoje.

Nos primórdios, os portugueses construíram ali o forte de São Tiago e em torno dele surgiu um pequeno aglomerado, denominado de Nova Lisboa. Posteriormente, já em 1612, Martin Soares Moreno construiu, sobre as ruínas do primeiro forte, um novo forte denominado de São Sebastião.

Já em 1649 deu-se a construção de novo forte, em novo local, no morro denominado Marajaitiva, a partir da invasão holandesa no Ceará, capitaneada por Matias Beck. Os holandeses permaneceram na posse da capitania do Ceará somente por um espaço de seis anos, tempo em que trataram da demolição do Forte de São Sebastião, à margem do rio Ceará, e construíram o Forte Schoonenborch.

Após a retomada da terra pelos portugueses, este forte passou a chamar-se Forte de Nossa Senhora da Assunção, constituindo-se no embrião do núcleo urbano da Fortaleza atual. (FIGUEIREDO, 2011)

A ocupação foi ocorrendo lentamente, após a saída dos holandeses, e depois de 77 anos o lugarejo tornou-se vila. De acordo com Arruda Junior (2012):

A vila de Fortaleza foi instalada a 13 de abril de 1726, com a pompa e solenidade presidida pelo capitão-mor Manuel Francês, por resolução do Conselho Ultramarino de 11 de março de 1723, que criava a Vila de Fortaleza do Ceará Grande. (ARRUDA JUNIOR, 2012).

A vila cresceu em torno dos conceitos da época, a igreja, o pelourinho e a casa de câmara e cadeia. O crescimento se deu de forma lenta, visto que existiam outros centros comerciais de maior importância na capitania, haja vista a vila não possuir uma atividade comercial significativa. Naquele momento, Aracati vivia uma fase de grande

desenvolvimento econômico, tendo como principal atividade as charqueadas, que eram exportadas para as demais capitanias da colônia através do porto de Aracati, sediado às margens do Rio Jaguaribe.

FIGURA Nº 1: MAPA DA COSTA DO CEARÁ EM 1692 COM A PONTA DO MUCURIPE

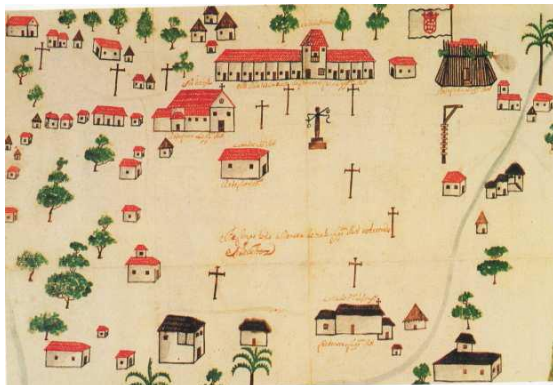


Fonte: Siará_1629_por_Albernaz.PNG (486 × 376 pixels, tamanho: 427 kB, tipo MIME: image/png) (2012)

Somente em 17 de março 1823, o Imperador Dom Pedro I elevou a vila à categoria de cidade. Ainda assim, o desenvolvimento de Fortaleza só começou a acelerar, efetivamente, durante o segundo reinado, no século XIX. O progresso proposto por D. Pedro II, para um império maior e abrangente, refletiu neste desenvolvimento.

De acordo com Figueiredo et al (2011), “o primeiro traçado para a cidade de Fortaleza foi realizado em 1726 pelo Capitão-mor Manuel Francês”, conforme as figuras abaixo:

**FIGURA Nº 2:
PLANTA DE FORTALEZA**



Fonte: <http://fortalezanobre.blogspot.com> (2012)

**FIGURA Nº 3:
MAQUETE DA CIDADE DE
FORTALEZA**



Fonte: <http://fortalezanobre.blogspot.com> (2012)

Ainda segundo Figueiredo et al (2011):

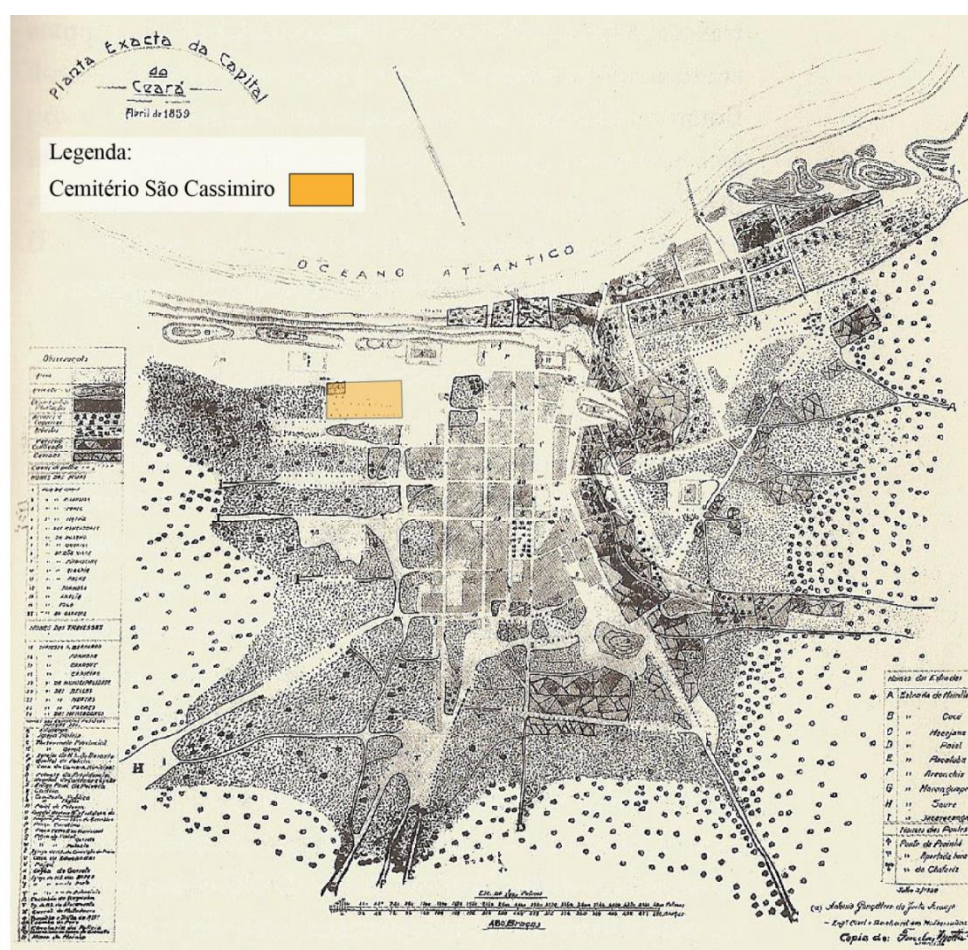
Em 1859, o engenheiro Adolfo Herbster realizou um levantamento da planta da cidade e desenvolveu um mapa cartográfico. Em 1875, desenvolveu a Planta da Cidade e Subúrbios obedecendo à mesma geometria do traçado urbano iniciado por Silva Paulet. Vale salientar que os planos urbanísticos de Silva Paulet (1812) e Adolfo Herbster (1875), assim como diversos outros, preocupavam-se tão somente com a funcionalidade do desenho urbano.

Relativamente à história de Fortaleza e ao tema em questão, este período vai interessar diretamente à pesquisa, visto que, a partir do final da primeira metade do século XIX, a questão dos sepultamentos passou a ser assunto de interesse do império e então teve início a construção dos cemitérios laicos.

Economicamente, Fortaleza passou a ligar-se com o Rio de Janeiro e com a Europa, a partir de 1866, ocasião em que foram criadas linhas regulares de navio a vapor com estes grandes centros. (DANTAS, 2009)

Este fato iria modificar o perfil da cidade, visto que as notícias e acontecimentos destes centros e as relações comerciais se intensificavam, propiciando o desenvolvimento como um todo. Data deste decênio também a criação da diocese do Ceará, assim como a instalação do Seminário da Prainha, passando a cultura e o ensino a difundir-se, embora para uma elite dominante. Com o desenvolvimento econômico, a materialização de estabelecimentos comerciais passou a influenciar no crescimento da cidade.

FIGURA Nº 4 - PLANTA DE FORTALEZA DE ADOLFO HEBSTER DE 1859



Fonte: <http://fortezanobre.blogspot.com> (2012)

Segundo Lemenhe (1991, apud DANTAS, 2009), em 1862, Fortaleza contava com os seguintes comércios:

QUADRO Nº 12: Fortaleza: estabelecimentos comerciais (1862)

ESTABELECIMENTOS	ESTRANGEIROS	BRASILEIROS	TOTAL
Escritórios de Comércio	07	05	12
Armazéns	12	04	16
Lojas de Fazenda	15	38	53
Casas de Roupas e Calçados	05	06	11
Tabernas	24	49	
Quitandas	16	87	
Boutiques	01	03	
Açougues	06	09	
TOTAL	76	201	

Fonte: Brasil (1964, p.414), Lemenhe (1991, p.122), In: DANTAS (2009, p. 191)

A economia no Ceará desenvolveu-se de forma acentuada a partir dos anos 50 e notadamente dos 60, do século XIX, principalmente com o aumento da exportação do

algodão, devido à Guerra Civil americana, que paralisou a exportação do algodão dos Estados Unidos para a Inglaterra, fazendo surgir outros exportadores emergentes, como no caso do Ceará. Esta atividade veio melhorar as relações comerciais do Ceará, notadamente Fortaleza, com os demais centros importadores.

Para o escoamento da produção do algodão, surgiu, em 1857, o projeto para a construção da estrada de ferro ligando Fortaleza ao sertão central e, posteriormente, ao Crato, chamado ramal sul, e Camocim a Ipu, passando por Sobral e, posteriormente, a Cratêus, chamado ramal norte. A construção da ferrovia deu-se, evidentemente, através de etapas, com tecnologia inglesa, ocasião em que muitos ingleses chegaram ao Ceará para trabalhar na construção da ferrovia e aqui se fixaram, definitivamente, depois de terminado o trabalho de construção. Esta população fez surgir o chamado cemitério inglês, no caso do Ceará, dentro do próprio cemitério laico da cidade, devido à fé protestante professada pelos ingleses.

Na década de 1860, segundo Leite (1994, p. 96):

houve maior dinamização do comércio cearense, possibilitando a expansão e diversificação do consumo de bens importados. Consumiam-se artigos de luxo, valorizando-se bastante as novidades provenientes da Europa. Este tipo de consumo indicava riqueza e *status* social, mantendo os privilégios do grupo dominante. (LEITE...)

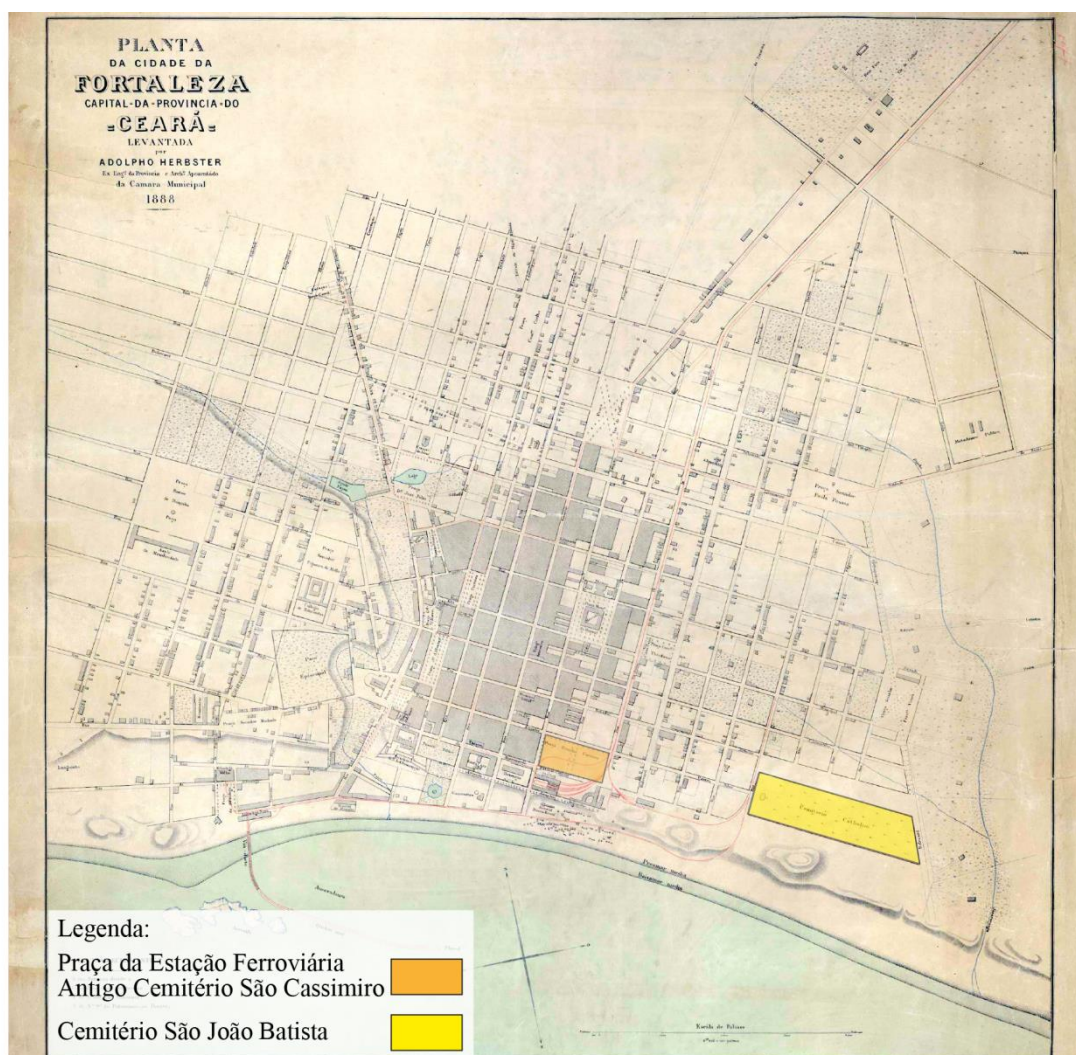
Estes aspectos da economia e do comércio da Fortaleza, do início da segunda metade do século XIX, influenciaram na arquitetura dos túmulos do cemitério São João Batista, com seus materiais de revestimento de primeira linha, todos importados de Portugal e Espanha, principalmente.

A cidade de Fortaleza, conforme Dantas (2009, p. 114):

é uma cidade plana, com pouquíssimas elevações, estando assentada sobre uma planície plio-pleistocênica, que contém duas grandes bacias hidrográficas, as do Cocó e do Maranguapinho – Ceará, além de outras secundárias formadas por riachos ou córregos de pequeno porte como o Pajeú (em cuja margem esquerda, próximo à sua foz, se instalou na cidade definitivamente) e o Maceió.”

Pelo que se depreende da descrição acima, a cidade plana se desenvolveu a partir do Forte de Nossa Senhora da Assunção, em direção ao oeste, e o primeiro cemitério foi construído no morro do Croatá, atualmente a Praça Castro Carreira, conhecida popularmente como Praça da Estação. Verifica-se, no mapa abaixo, a retilineidade da cidade em 1875, uns dez anos após a construção do Cemitério São João Batista, onde se pode localizar o primeiro cemitério da cidade e o atual São João Batista.

FIGURA Nº 5 - PLANTA DE FORTALEZA DE ADOLFO HEBSTER DE 1875



Fonte: http://fortalezaantiga.blogspot.com/2010/01/modernizacao_26.html (2012)

4.1- Os espaços sagrados e a territorialidade de enterramentos na Fortaleza da primeira metade do século XIX.

Localizada no litoral Atlântico, a uma latitude média de 21 metros acima do nível do mar, Fortaleza possui 34 km de praias com extensão de 313,8 km². Atualmente, possui uma população de 2.500.194 habitantes, contando na região metropolitana com 3.655.259 habitantes. É a capital de maior densidade demográfica do país, com 7.815,7 hab/km², a mais populosa do estado do Ceará, a quinta do Brasil e a 91^a mais populosa do mundo.

Para chegar a estes números, Fortaleza passou por vários períodos históricos, econômicos e sociais que contribuíram para o crescimento da urbe. No século XIX, em

sua primeira metade, a cidade é assim descrita por Accioly (2012, p. 110)

Fortaleza, nas primeiras décadas do século XIX, é ainda uma cidade modesta, começando a participar de um processo de transformação que iria diferenciá-la de forma marcante das demais cidades do Ceará. Devido à influência de dados empíricos e dada a existência de informações muitas vezes contraditórias, é difícil um critério de avaliação seguro. Admitamos como verdadeira a informação de que o acréscimo populacional de Fortaleza, entre 1813 e 1837, corresponde a 35,76%, passando de 12.195 para 16.557 habitantes, valor significativo para o período.

Em 1837, a cidade contava com uma população de 16.557 habitantes, e boa parcela desta população, ao morrer, era enterrada somente nas duas únicas igrejas existentes, mais uma capela militar. Eram estas: a Igreja do Rosário, a Matriz de São José e a capela do quartel da primeira linha. Somente após dois anos as sepulturas eram abertas para retirada dos ossos e, conseqüentemente, liberação de novos espaços para exumações. Desse modo, a oferta de vagas para enterramentos era menor que a quantidade de mortos, não havendo tempo suficiente para exumações que dessem origem a novos lugares dentro das igrejas. Nota-se que o primeiro cemitério de Fortaleza só foi inaugurado em 1848, onze anos após o levantamento dos dados acima apresentados.

A Igreja do Rosário surgiu em 1730, por iniciativa de um escravo africano que ali construiu uma igrejinha de taipa e palha em homenagem à Virgem do Rosário. Em 1742, o Padre Gomes Correia solicitou aos senhores de escravos que fizessem doações e permitissem que os escravos trabalhassem na manutenção da igreja e que ali fizessem suas devoções. A construção em pedra e cal ficou pronta em 1755 e esta passou a ser frequentada pela comunidade, sobretudo pelos negros.

De 1821 a 1854, a Igreja do Rosário passou à condição de Matriz, uma vez que a Matriz de São José, que se encontrava em ruínas, passava por reformas e todas as alaias e imagens de santos foram transferidas para o Rosário até o término dos trabalhos da matriz. Este templo foi tombado pelo patrimônio municipal de Fortaleza através do Decreto nº 11.958, de 11 de janeiro de 2006, por sua relevância histórica, e nele foi encontrado o maior número de sepultamentos sem identificação em igrejas, quando das prospecções arqueológicas para o seu tombamento.

Pelo exposto, entende-se que até a primeira metade do século XIX a territorialidade dos enterros em Fortaleza era bastante limitada. Em 1852, surgiu a Igreja do Patrocínio, e em 1854, a Igreja de São Bernardo, de pequenas dimensões, localizada

hoje no centro da cidade. Estas igrejas também serviram para inumações até a construção do Cemitério São João Batista, na década de 1860.

4.2- Surge o Cemitério São Casemiro

A questão higienista passou a ser discutida no Brasil ainda na primeira metade do século XIX, levando várias cidades a criar cemitérios, espaços até então inexistentes na realidade brasileira. No nordeste, especificamente, o ato de morrer e de se enterrar passava, necessariamente, pelas relações de poder, através dos senhorios das casas grandes.

As inumações no mundo ocidental eram realizadas, para os membros da sociedade dominante, dentro das igrejas. Os pobres eram jogados em valas rasas. No caso do Brasil, ainda no período da colônia, há registros de enterramentos realizados na zona rural e nas cidades.

Conforme Freyre (2006, p. 526):

Foi costume sepultarem-se os senhores e pessoas da família quase dentro de casa: em capelas que eram verdadeiras puxadas da habitação patriarcal. Os mortos ficavam na companhia dos vivos: até que os higienistas, já no segundo Império, começaram a perguntar: “até quando persistirá a triste prerrogativa dos mortos envenenarem os vivos?”.

Os escravos dos senhores de engenho contavam, perto da capela do engenho, com um cemitério para eles. Eram enterrados diretamente na terra e o local era indicado com cruzeiros de pau preto. Os escravos antigos na família morriam como os brancos, confessando-se, comungando e até missa era rezada pela alma do morto. Estas práticas eram típicas da zona rural

Já nas cidades a situação era mais caótica, sobretudo do ponto de vista do respeito com os mortos. Os ricos e abastados “compravam” seus espaços dentro das igrejas, com o incentivo da própria igreja, que se beneficiava das altas doações recebidas pela família do morto. Os escravos e pobres eram enterrados em covas rasas, em qualquer lugar. Ainda de acordo com Freyre (2006, p. 527):

E na cidade, com a falta de cemitérios durante os tempos coloniais [...] muitos negros foram enterrados na beira da praia: mas em sepulturas rasas, onde os cachorros quase sem esforço achavam o que roer e os urubus o que pinicar.

A questão dos enterramentos era tão grave que há relato feito por Maria Graham de cena presenciada na praia entre Olinda e Recife de um cachorro desenterrando o

braço de um negro. De acordo com esta senhora, os “negros novos” não tinham direito nem a sepultura rasa, estes eram atados a pedaços de pau e atirados na maré. Freyre afirma que neste ponto se pode acusar a Igreja, os padres e as Misericórdias no Brasil do não cumprimento de seus deveres. (FREYRE, 2006).

Os primeiros cemitérios para negros, indigentes e hereges foram criados pela Misericórdia, isso já na capital do Império. No entanto, o funcionamento era precário, os corpos eram enterrados em valas e faziam-se exumações antes do tempo.

Em contraponto a esta situação, encontrou-se nas Constituições Primárias do Arcebispado da Bahia, na primeira norma canônica organizada no Brasil, publicada em 1853, em seu artigo 844 (1853, p. 329), a seguinte determinação:

[...] achamos, (com muito grande magoa de nosso coração) que algumas pessoas esquecidas não só da alheia, mas da própria humanidade, madão enterrar os seus escravos no campo, e matto, como se forão brutos animais: sobre o que desejando Nós prover, e atalhar esta impiedade, mandamos, (5) sob pena de excomunhão maior *ipso facto incurrenda*, e de cinquenta cruzados pagos do aljube, applicados para o acusador, e suffragio para o escravo defunto, que nem-uma pessoa de qualquer estado, condição, e qualidade que seja, enterre, ou mande enterrar fóra do sagrado defunto algum, sendo Christão baptizado, ao qual conforme o direito se deve dar sepultura Ecclesiastica, não se verificando nelle algum impedimento dos que ao diante se seguem, pelo qual se deva negar. E mandamos dos Parochos, nossos Visitadores, que com particular cuidado, inquirão do sobredito.

Convém lembrar que a primeira impressão desta obra deu-se em Lisboa em 1719 e que o Sínodo que a instituiu é de 1709, portanto, a norma escrita é a que vigorava na época. A citada norma, além de oferecer sepultura para as classes dominantes no abrigo das igrejas, repudiava a ação dos enterramentos em campo aberto, condenando à pena de excomunhão quem não obedecesse aos preceitos, cobrando, inclusive, multa pelos enterramentos em locais inadequados.

Em Fortaleza, como já dito anteriormente, havia apenas duas igrejas e a província era subordinada à diocese de Olinda, cujo bispo era D. João Marques Perdigão. Em 1839, em visita a Fortaleza, quando a cidade ainda não contava com uma igreja Matriz e a igreja do Rosário, uma pequena capela, servia provisoriamente como Matriz, o bispo de Olinda considerou a debilidade dos enterramentos ali realizados, considerando-se tratar de igreja de pequeno porte e, mais ainda, capela.

FOTO Nº 12 - IGREJA DO ROSÁRIO



Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/83691858> (2013)

Sobre isto, escreve Vieira Junior (2005, págs. 80 e 81):

E nesse estreito recinto sepultavam-se vários cadáveres, “de maneira que a Casa de Deus se tem tornado um foco de podridão e peste!” Uma igreja estreita, lotada de fiéis que “buscavam remédios para a vida d’Alma, e que acabavam convivendo com um ambiente epidêmico, que ali circulam germes destruidores da vida do corpo” (Relatório de presidente de província, 1842, p. 17).

A incapacidade e insalubridade da convivência entre mortos e vivos no Rosário justificavam os planos provinciais para erguer na capital do Ceará o famoso cemitério do Croatá e a igreja Matriz.

Apesar dos problemas, Fortaleza só viria a construir o seu primeiro cemitério em 1848, doze anos após o surgimento do primeiro do Brasil. A história da construção deste primeiro cemitério remonta à Lei Provincial Nº 318, de 1º de agosto de 1844, relativa a cadáveres. Esta Lei autorizando a construção de cemitérios foi sancionada na gestão do presidente José Maria da Silva Bittencourt, que governou a província do Ceará de 2 de abril de 1843 a 4 de dezembro de 1844.

Conta a crônica de Fortaleza que a iniciativa de tal construção está ligada a fato relatado por Aderaldo:

[...] a esposa do Presidente da Província, residindo no prédio que futuramente se chamaria Palácio da Luz, foi assistir missa na igreja do Rosário e tropeçou em laje do piso, deslocando-a, o que possibilitou a emanção de odores desagradáveis, provenientes de cadáver em decomposição recentemente ali enterrado. Isso fez com que o Presidente determinasse a fundação de um cemitério, o que ocorreu próximo à futura estação da Rede Viação Cearense, o qual denominou São Casemiro, exatamente por ser esse o prenome do Presidente de então. (ADERALDO, 1993, p. 29)

Este fato ocorreu em 1848, durante a gestão do Presidente Casemiro José de Moraes Sarmiento, que governou a província de 14 de outubro de 1847 a 14 de abril de 1848. Este piauiense de Oeiras, nascido em 1813 e falecido em Angra dos Reis em 1860, estudou direito na Faculdade de Olinda, onde se casou com Isabel Cândida de Moraes Sarmiento, de tradicional família pernambucana. Foi advogado, jornalista, escritor, professor e político.

Mas as discussões sobre o referido cemitério remontam à década anterior ao da sua construção. Em discurso na Assembleia Legislativa Provincial, o Presidente da Província, Manuel Felizardo de Souza e Mello, assim se expressou:

A saúde pública reclama com instância que em a única e pequenina Igreja que existe nesta Capital, cesse o danoso uzo de sepultarem-se todos quantos aqui fallecem. He da maior importância que com a brevidade possível, para o Poente da cidade, na altura pouco mais, ou menos do Paiol da Polvora, que fica no caminho de Arronches se construa hum cemitério. Excusado he estender-me sobre a necessidade desta medida: vós sois testemunhas do pestifero ar que se respira na Igreja do Rozario, e deveis estar convencidos que graves males podem provir da inspiração dos miasmas exalados continuamente de inúmeros corpos em putrefação, apenas cobertos com pequenas camadas de terra mal apertado e algumas taboas apresentando grandes fendas. (MELLO, 1838, p.7)

A partir daquele ano, esta temática passou a ser rotina nos discursos dos presidentes da província. Neste mesmo discurso, o Presidente evocava a construção de cemitério não só em Fortaleza como na cidade de Aracati, que no século XVIII era grande porto de exportação de charque e portão de entrada de tudo o que circulava para o vizinho estado do Rio Grande do Norte.

No ano seguinte, o novo Presidente da Província, João Antônio de Miranda, assim se dirigiu em discurso que recitou durante a ocasião da abertura da Assembleia Legislativa provincial, no dia 1º de agosto de 1839.

Um cemitério nesta Cidade he objeto de minha particular atenção, e simpatia: mandei examinar um terreno próprio, para o que farão ouvidos os facultativos desta Capital, e no lugar destinado fiz designar um espaço, que fosse proporcional á população, e a seu presumível

augmento. Entendi que podia mandal-o edificar, e pretendi mesmo levar á efeito este meo projecto, por achal-o em minhas atribuições, porem recuei a vista do estado lamentável de nossas finanças. [...] Muito urge, que auxilies obra tão pia, ou pomdo-a á cargo da Camara Municipal, cazo, em que sempre os trabalhadores da Provincia, e os mais recursos, que tenho, lhe darão consideravel impulso, ou então consignado alguma quantia, com cujo auxilio o Governo possa afoitamente emprehendel-a. (MIRANDA,1839, p.2 e 3)

A partir de então, a ideia da construção do cemitério passou a ser discutida efetivamente, assim como a fragilidade econômica da província, considerando-se que para a construção de um cemitério os recursos seriam mínimos ao comparar-se com a construção de uma edificação. Uma capela e o muro para delimitar a área seriam as construções necessárias para tanto. Neste mesmo discurso, o Presidente abordava ainda a construção de cemitérios nas cidades de Cascavel e Sobral, perfazendo então quatro cemitérios, sendo um na capital e três no interior da província.

O local escolhido para a construção do primeiro cemitério de Fortaleza ficava a seis quarteirões da Sé, centro religioso da cidade, em direção ao oeste, onde hoje se encontra a Praça Castro Carreiro, popularmente conhecida como Praça da Estação. Como a cidade ainda não chegava até aquela área, o cemitério ficaria longe do casario, e assim escolheu-se o morro do Croatá, que distava quatro quarteirões da praia, no sentido sul. Foi assim que o cemitério, embora oficialmente chamado de Cemitério de São Casemiro, ficou conhecido como cemitério de Croatá.

Este ato perpetuou o nome do Presidente Casemiro junto ao povo cearense, uma vez que a necessidade da construção de um cemitério já vinha desde a gestão de Bittencourt, em 1844.

Conforme Ortigão (apud NOGUEIRA, 1907, p. 33):

o cemitério é o campo sagrado do respeito, da tolerância, do esquecimento de toda a discrepância de idéas, de toda a ofensa, de toda a injustiça, a mansão eterna do perdão e do amor para todos aquelles que padeceram na terra as amarguras comuns da grande humanidade, coberta em toda a redondez do Orbe pela larga benção de Jesus (As Farpas, Vol. 10, p. 258)

O cemitério tomou o nome do benfeitor e passou a chamar-se Cemitério de São Casemiro, tendo sido bento em 08 de maio de 1848, data do início de seu funcionamento. Nogueira (1907, p. 161) registra que após a construção do Cemitério de São Casemiro:

[...] edificou-se também outro Cemiterio anexo á Capellinha da Prainha, hoje Capella do Seminário, do qual ainda há vestígios, mas esse, apoz um único enterramento, foi logo vedado e inutilizado para

todos os misteres, em virtude da Lei Provincial nº 461 de 25 de Agosto de 1848; portanto todos se convenceram da sua funesta colocação, a barlavento da cidade.

Pelo texto de Nogueira, escrito em 1907, o citado cemitério ficava contíguo à Capela do Seminário da Prainha, situado no chamado Alto do Outeiro, hoje dando frente para a Av. Monsenhor Tabosa. Os vestígios, que o autor diz existirem, já não estão mais à vista, pois, ao lado e à frente do Seminário foram abertas as avenidas Dom Manuel, sentido praia sertão, e Monsenhor Tabosa, sentido leste oeste. Apesar das buscas diversas, não foi possível encontrar o nome deste cemitério, que se deduz não ter chegado a ser batizado, visto que nele houve tão somente um enterramento.

Encontrou-se discrepância em relação à data e ano de criação do São Casemiro, pois, conforme Menezes (1895, p. 197):

A lei n. 319 do 1 de agosto de 1844 mandou que se edificasse um Cemiterio junto ao morro do Croatá e o § 5. do art. 3º que a obra se iria fazendo com as consignações que nas leis orçamentarias se fossem decretando para esse fim, determinando ainda o art. 5. que satisfeita a Thesouraria o Cemiterio ficaria de propriedade da Santa Casa de Misericordia, que existisse, e não havendo seriam estes rendimentos aplicados a sua construção. [...] A obra teve começo no anno de 1844.

A crônica de Fortaleza registra que, em 1854, o cemitério já era pequeno para a mortandade da população da cidade, razão pela qual o então Presidente Vicente Pires da Motta peticionou junto à Assembleia Provincial um aumento para o referido cemitério, alegando em seu relatório anual o aparecimento do cólera *morbus*. O aumento do São Casemiro verificou-se em 1856, sendo acrescido de 150 palmos de frente e 300 de fundo, o que o aumentou três vezes do tamanho original. (MENEZES, 1895).

4.3- Cemitério São João Batista: potencialidades e impactos no entorno entre o espaço sagrado e não sagrado.

O Cemitério São João Batista é a mais antiga necrópole de Fortaleza, tendo sua construção iniciada em 1862, para substituir o antigo cemitério denominado de São Casemiro. A localização da primeira necrópole era onde hoje se encontra a Praça da Estação, e em seus domínios foram sepultadas muitas personalidades da história cearense da primeira metade do século XIX.

No entanto, um surto de cólera em Fortaleza, no início da década de 1850, e o tamanho da área do São Casemiro, que mesmo após sua ampliação continuava pequeno, não atendendo à demanda por sepultamentos da capital cearense, fizeram surgir a

necessidade de se construir um novo cemitério num local mais afastado da área urbana.

Desde sua inauguração no ano de 1866, o Cemitério São João Batista serviu de morada final para grandes nomes da elite cearense. O cemitério também foi um lugar de disputa de poder e onde as relações sociais foram reinventadas. Além disso, foi um local onde famílias inteiras tentaram reafirmar, na morte, laços estabelecidos ainda em vida. Os túmulos passaram a ser verdadeiros monumentos aos mortos, cheios de simbologias e de arte da melhor qualidade.

Como observa Cymbalista (2004, p. 4):

Em geral, a arquitetura sepulcral privada não competia com a monumentalidade da igreja, mas não era raro o desejo de ereção de monumentos, tumbas escalonadas, lápides com os brasões familiares por parte dos mais ricos ansiosos pela afirmação de sua individualidade, já desde o século XIV. Não seria exagero afirmar que uma das formas pelas quais as elites portuguesas aprenderam a tomar gosto pelos espaços diferenciados de autorepresentação foi a iniciativa de monumentalizar seus espaços fúnebres, nas capelas das igrejas do reino.

Como visto, a prática da monumentalidade remonta ao século XIV e chega ao Brasil trazido pela cultura portuguesa. Como a colonização Brasileira e, sobretudo, a nordestina e cearense deram-se eminentemente pelo povo português, as práticas, usos e costumes aqui tomaram corpo e feitio, embora com características próprias. O ato de enterrar e os ritos atinentes a ele são marcadamente de origem portuguesa.

Nesse sentido, segundo Batista (2002, p.21):

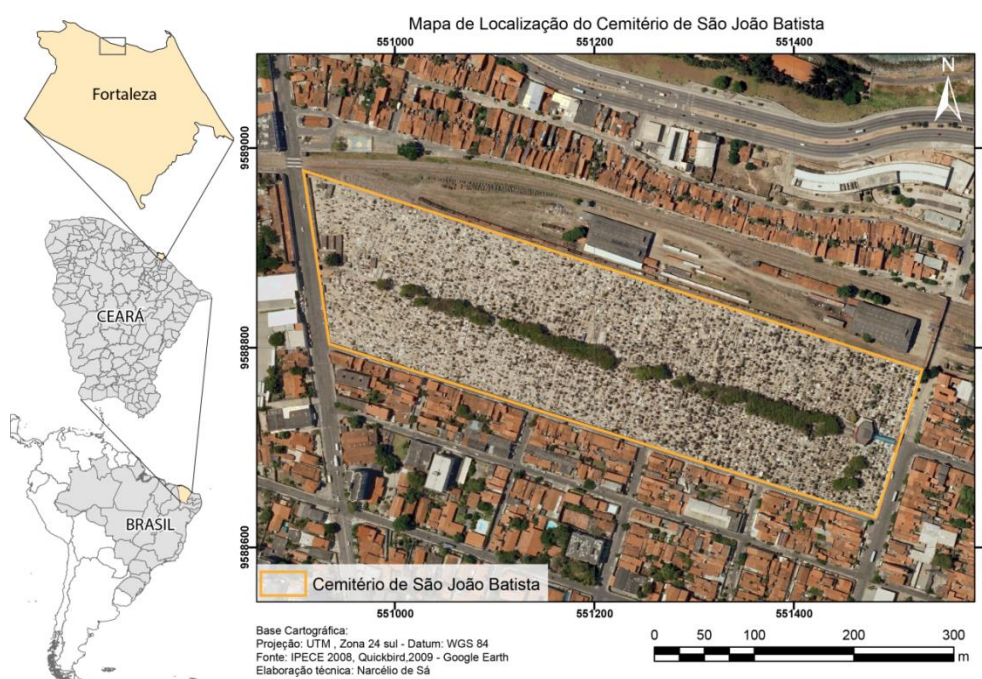
O grande investimento nos mausoléus reafirmava e legitimava, a céu aberto, o poderio econômico e político dessas famílias. A riqueza adquirida pelo comércio, seja ele de mercadorias ou escravos (também mercadorias), tornou possível o surgimento de uma certa “aristocracia local”, que encontrava, no cemitério, lugar público para ostentar o que até então era quase exclusivo do âmbito privado.

A escolha do local para a construção do Cemitério São João Batista ocorreu ainda no governo do então presidente da província José Bento da Cunha Figueiredo Júnior. O primeiro lugar a ser escolhido foi a Estrada de Soure, onde atualmente se encontra a Avenida Bezerra de Menezes. O local onde se construiria o São João Batista é onde atualmente está a Praça dos Libertadores (Otávio Bonfim). Porém, este espaço foi tido como inadequado, pelo fato de estar localizado muito próximo ao Riacho Jacarecanga, na época, principal fonte de abastecimento de água para Fortaleza. Infelizmente, o riacho, atualmente, encontra-se soterrado. (LIMA, 2000)

Escolhido o terreno, definitivamente a oeste da cidade, na então Rua das Flores, hoje Rua Castro e Silva, no bairro de Jacarecanga, a construção iniciou-se em 1862, passando a receber enterramento ainda neste ano, embora sua conclusão definitiva somente tenha acontecido em 1865. A benção e inauguração oficial da nova necrópole ocorreram em 5 de abril de 1866. O cemitério passou a ser administrado pela Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza, pelo fato desta Irmandade já administrar o Cemitério São Casemiro, estando a Santa Casa de Misericórdia à frente da administração até os dias de hoje. A Capela de São João Batista foi construída somente em 1868, sendo a obra concebida pelo artista João Francisco de Oliveira, sobre quem não foram encontradas maiores informações nas várias fontes consultadas. Data deste mesmo período a colocação do portão em ferro fundido e do gradio de ferro da frente do cemitério que dá para a Rua Padre Mororó.

Outro fato relevante sobre a localização do Cemitério São João Batista reside em sua localização, de frente para o nascente, a exatos 1,4 km em linha reta da frente da Catedral de São José, padroeiro do Ceará. A Diocese de Fortaleza, criada em 1854, foi fator de desenvolvimento para a cidade, ainda provinciana naquela época. A Rua que liga a Catedral ao Cemitério se chamava, então, Rua das Flores, não por acaso, mas uma menção a elementos simbólicos da morte.

FOTO N° 13 - LOCALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO DE SÃO JOÃO BATISTA



Fonte: Google (2013)

A escolha do terreno para a construção do cemitério prendeu-se a uma simbologia de vida e morte. Entendendo-se que a alma vem do céu e o homem se transforma cristão durante o batizado realizado na igreja, a rua representa a caminhada do morto pelo mundo até o cemitério. Depois de sepultado o corpo, a alma sobe outra vez ao céu.

FOTO Nº 14 - LOCALIZAÇÃO DA CATEDRAL METROPOLITANA E DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA



Fonte: Google (2013)

O Cemitério São João, hoje, encontra-se em zona central da cidade de Fortaleza, tendo sua frente virada para o nascente, onde começa a Rua Castro e Silva, que leva até a Catedral Metropolitana de Fortaleza. A sua frente está a Rua Pe. Mororó; ao Oeste (fundos) encontra-se a Av. Filomeno Gomes e do lado oposto da avenida uma antiga fábrica de redes desativada desde a década de 1980; ao Sul a Rua Tijubana, rua estreita com 92 casas residenciais de pequeno porte; a Norte limita-se com a Estrada de Ferro, antigamente Ramal Norte, que ligava a capital à cidade nortista do estado, Crateús, e hoje atende ao metrô de superfície do ramal norte, que liga Fortaleza à cidade de Caucaia, da zona metropolitana de Fortaleza.

Na Rua Pe. Mororó existem 12 casas, quase todas residenciais. O Cemitério tem 621 m de comprimento e 170 m de largura. Possui 25.000 túmulos, não existindo, desde a década de 70 do século passado, mais nenhum terreno à venda. A única possibilidade de compra de um terreno ou túmulo é a desistência dos concessionários atuais, que pode ocorrer quando estes deixam de pagar a manutenção e a administração coloca à venda estes túmulos ou terrenos, que são praticamente inexistentes.

Importa frisar aqui que a Santa Casa de Misericórdia doou uma fração do cemitério para sepultamentos de outras religiões, fato este considerado como atitude de zelo e generosidade pela cidade. Fortaleza, no século XIX, não recebeu grande afluência de estrangeiros, tendo sido a colônia inglesa talvez a maior delas, devido à construção da estrada de ferro, que foi totalmente criada e mantida, em seus primeiros tempos, com tecnologia inglesa. Os sepultamentos dos ingleses, em sua maioria de religião anglicana, verificavam-se em vários pontos do cemitério. No final do cemitério, quase chegando ao muro que dá para a Av. Filomeno Gomes, do lado poente e na ala sul, encontra-se até hoje um núcleo de sepulturas de judeus, túmulos estes praticamente todos abandonados.

O entorno do cemitério caracteriza-se por uma rua que está ao sul do comprimento da necrópole e poucas casas na rua à frente, que fica a leste. Este espaço não sagrado tem um uso bem distinto por ser espaço de residência dos que estão vivos.

Nos anos de 1990, a arqueóloga Tânia Andrade Lima realizou uma investigação detalhada sobre os signos tumulares no Cemitério do Catumbi e no Cemitério São João Batista do Rio de Janeiro e formulou tese sobre os padrões dominantes na representação da morte, através do estudo tumular. A teoria apresentada por ela foi comprovada em estudo realizado no Rio de Janeiro, à época capital federal.

No entanto, toda teoria deve ter uma sustentação que se aplique a qualquer lugar. No caso, esta teoria aplica-se perfeitamente ao Cemitério São João Batista, em Fortaleza. No atinente à arquitetura tumular, o São João Batista abriga todos os padrões citados pela pesquisadora e, com facilidade, identificam-se todos eles mesmo em visitas mais breves. Assim, a potencialidade para apreciação do belo encontra-se comprovadamente no Cemitério São João Batista, não sendo à toa que existe um processo de tombamento proposto pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, Processo Nº 139030/2011.

Segundo Coelho (2011, p. 6); “um povo que não reconhece e que não valoriza suas figuras históricas, religiosas ou não, tenderá a desnortear a sua própria identidade.” Por esta afirmativa também se comprova a existência da grande potencialidade do São

João Batista, uma vez que, conforme se comprovará no quinto capítulo, existem ali túmulos de muitas personalidades que contribuíram, sobremaneira, para a formação da história do Ceará.

O quadro abaixo apresenta a sistematização proposta por esta pesquisadora:

QUADRO Nº 13: PADRÕES DOMINANTES NA REPRESENTAÇÃO DA MORTE

PADRÃO	PERÍODO	CARACTERÍSTICAS
Inaugural	de 1850 a 1888	Classes dominantes da sociedade: aristocracia rural, alta burocracia civil e militar e os comerciantes. Os túmulos são importados da Europa, principalmente de Portugal. As representações da morte são escatológicas, macabras, mórbidas: caveiras com tíbias cruzadas, ampulhetas aladas, foices. Emprego das características neoclássicas e do neo-medievalismo romântico da idade média
De Transição	de 1889 a 1902	Corresponde à emergência da ordem capitalista republicana. Ascensão da burguesia e paradoxalmente notável empobrecimento da arquitetura tumular. A popularidade da cruz aumenta de forma notável desaparecendo os elementos escatológicos. A singeleza da cruz imitando galhos, cruz romântica, o surgimento do livro ou de pergaminhos como culto ao saber e alusão do Positivismo imperante. Modelos de túmulos mais simples e pobres. O compromisso com o concreto, o exato e o real através do desenvolvimento científico.
De Consolidação	de 1903 a 1930	A morte como grande espetáculo e a arte tumular como demonstração de força e poder sem precedentes. Opulência, ostentação, luxo, grandiloquência são as palavras de ordem nesse momento. Os anjos assumem uma posição de triunfalismo evocando a ressurreição. E a <i>Belle Epoque</i> , em todo o seu esplendor, que traz para o espaço funerário o <i>Art Nouveau</i> . Intenso decorativismo, a representação realista, o retratismo, as formas curvilíneas.

Fonte: Adaptado de Lima (1994)

Ao longo da pesquisa de campo realizada a respeito do tema proposto nesta tese, foram aplicadas 35 entrevistas com visitantes no próprio cemitério. Percebeu-se, a partir da entrevista 28, que as respostas começaram a repetir-se, não ocorrendo mais nenhuma resposta diferente das que já haviam sido coletadas. Desta sorte, achou-se conveniente diminuir o número das entrevistas, pois os entrevistados repetiam praticamente as

mesmas respostas.

No atinente às potencialidades do espaço sagrado, aplicaram-se entrevistas com o objetivo de investigar o entendimento dos visitantes do cemitério sobre aquele espaço, sendo os dados geográficos em forma fechada e as demais perguntas abertas. Relativamente ao sexo dos visitantes, 20% são do sexo masculino e 80% do sexo feminino. Nota-se que as mulheres frequentam mais o cemitério que os homens, em percentual consideravelmente mais alto.

No atinente à faixa etária, encontraram-se os seguintes percentuais: na faixa etária de 18 a 25 anos, 25,72% dos visitantes; entre 26 a 35 anos, um percentual de 22,86%; os que tinham a idade compreendida entre 36 e 45 anos representam 31,42% dos entrevistados, e entre 51 a 60 anos representam 20%. Neste aspecto, chama a atenção o alto índice da população jovem frequentando o cemitério. Uma relevante parcela destes jovens acompanhava a mãe na visita, tendo sido encontradas até famílias inteiras, isto é, os pais acompanhados dos filhos.

Quanto à escolaridade dos entrevistados, encontraram-se 48,58% com o ensino médio concluído e 51,42% com o curso superior concluído. Nota-se um equilíbrio na questão da escolaridade, pois não se encontrou ninguém com o ensino fundamental e nem com pós-graduação.

Um fato curioso são os dados relativos à ocupação. Dentre os entrevistados, identificaram-se as seguintes profissões: estudante, dona de casa, aposentada, autônomo, artesã, professor, funcionário público, agente de aeroporto, auxiliar administrativo, auxiliar de escritório, auxiliar de gerência, recepcionista, advogado, médico, economista. Ao todo, dentre os 35 visitantes, foram identificadas 15 profissões. Muitas pessoas estavam acompanhadas ou de parentes ou de colegas de trabalho, como foi o caso de um grupo com quatro funcionárias públicas e das famílias acompanhadas de três filhos estudantes. Encontrou-se também um grupo de cinco estudantes de enfermagem que foram realizar trabalho acadêmico dentro do estudo da tanatologia.

Nas questões abertas, foi perguntado aos entrevistados qual o significado do espaço do cemitério para eles. As respostas foram as mais diversas, tais como:

Morte, saudade - tristeza, depressão e morte - a palavra saudade faz alusão à reflexão sobre a morte, ainda não elucidada pelo homem. A depressão pode acontecer em função da morte que causa tristeza nos que ficam e ao visitar o cemitério as lembranças do dia

da morte reaparecem no visitante, causando uma sensação de depressão.

Sentimentos de tristeza e saudade - resposta com o mesmo sentido da resposta anterior, uma vez que o sentimento de tristeza invariavelmente leva ao sentimento da saudade.

Um espaço que remete à paz e à tranquilidade - enquanto identificação do espaço, o entrevistado refere-se ao “sossego” ao afirmar que o silêncio e o pouco movimento de pessoas lhe passa sentimento de paz.

Significado histórico - para este entrevistado aquele espaço tem significado histórico, no entanto ele não soube explicar em que sentido, ao ser instigado a uma resposta não conseguiu se expressar de forma clara e voltava sempre a afirmar que o lugar tem significado histórico.

Significado da morte - a morte é uma incógnita e o espaço é repleto deste significado, sobretudo pelas cruzes presentes em praticamente todos os túmulos, a cruz que significa a redenção dos pecados para o homem comum, posta acima de uma catacumba passa a representar a morte, o que efetivamente procede, pois Cristo padeceu e morreu na cruz.

Um espaço sagrado que dedicamos às pessoas queridas - Espaço de culto a quem já se foi - para os entes queridos o espaço torna-se sagrado pelo fato de saber-se que quem morreu está ali, embora o corpo se decomponha o túmulo passa a significar presença material do ente querido. Em outra resposta aparece a questão do culto que aqui pode ter dois sentidos, sendo o primeiro o sentido da reza do acendimento de velas e dos rituais próprios da ocasião, podendo ter também o sentido de cultuar a memória do morto.

Espaço macabro - um lugar pesado, carregado - representado pela simbologia da morte através dos signos escatológicos, entendendo-se que depois da morte todos se transformarão em ossos descarnados, como o exemplo da caveira com as tíbias cruzadas, como representação da morte desde a Idade Média. Estes símbolos dão a impressão do macabro, do assustador, pelo fato de todos nós nos transformarmos em caveiras. Aqui se aplica a teoria de Tuan, a topofobia pelo espaço. Em resposta de outro entrevistado tem-se um lugar pesado, carregado, podendo ser o peso uma alusão à tristeza pela perda e o carregado uma alusão ao peso da dor pela morte. Pesado e carregado também podem fazer alusão às energias que confluem quando se presencia e quando se fala da morte.

Espaço de reflexão - reflexão de como é a morte e o que acontece depois dela, a finitude deixa o homem intrigado, daí o espaço cemiterial levar a uma reflexão.

Espaço comum - percebe-se que o respondente não tem nenhuma ligação com este espaço, não se pode afirmar que seja tofobia, pois o mesmo não afirmou ter fobia pelo espaço, mas ser indiferente a ele.

Um local de resgate da história e da arte cearense - na verdade o resgate da arte é universal e não somente cearense. Ao considerar-se que os elementos alegóricos dos túmulos estão presentes nos cemitérios oitocentistas, esta arte é universal. A história é local, sem dúvida, pela memória dos fiéis defuntos ali sepultados, mas o fazer do túmulo, por exemplo, tanto pode ser universal como local. É universal por remeter aos primeiros tempos do cemitério, quando a sociedade importava os túmulos pré-fabricados na Europa, e local pela imitação dos modelos pelos mestres de obra.

Um espaço de respeito, consideração e lembranças - a alusão ao respeito e à consideração remete-nos à questão do espaço sagrado, fartamente comprovado na revisão literária. O visitante pode não ter o estudo teórico, mas intui o que seja o espaço sagrado, onde se realizam os ritos ao culto do morto. A lembrança acompanha sempre todos que visitam um cemitério, pois, de uma forma ou de outra, todos já vivenciaram a morte e o fato da vivência é comum, por esta razão a alusão à lembrança.

Um espaço aonde acaba a vida - aqui apresenta-se a finitude e pode-se interrogar: e a vida acaba mesmo? Para o entrevistado, pela resposta pragmática apresentada, acaba sim, mas fica o lugar e a territorialidade do culto.

Lugar que não guarda somente restos mortais, mas a memória - esta resposta de certa forma está inserida em outra anteriormente analisada, mas foi destacada pelo fato do entrevistado referir-se a lugar onde se guardam restos mortais fazendo ligação com a casa, pois no túmulo está o relicário de memória do morto.

Lembrança de quem já se foi - guardando paralelo com a resposta anterior, que é o culto à memória. A lembrança se perpetua no espaço e na territorialidade do cemitério. O visitante identifica naquele espaço a presença do morto.

História, arte e vida - resposta de certa forma repetida, pois já se analisou acima a questão da morte e da história. Mas aqui se acrescentou mais um elemento, a vida,

comprovando-se a crença na vida eterna. Efetivamente, o espaço abriga vida das mais diversas formas, mas a ideia do respondente foi certamente alusiva à vida eterna.

Lugar de simbologia religiosa - efetivamente o cemitério é um espaço repleto de simbologia religiosa, o túmulo representando a casa, a morada e, sobretudo, a morada eterna. Os símbolos estudados na revisão literária e que fazem alusão à religiosidade, tais como tochas invertidas, coroas de flores, guirlandas, tudo isso fazendo alusão à vida, que depois da morte torna-se eterna.

Espaço de descanso dos mortos - o uso desta metonímia remete à reflexão religiosa do descanso eterno, presente nas orações pelos mortos: “descanso eterno dai-lhe Senhor e a luz perpétua o resplendor”. Pode-se perguntar: como o morto pode descansar se não existe vida? Ora, a própria forma de arrumar o morto para a sepultura e a comparação da morte com o sono eterno propiciam a metonímia alusiva ao descanso.

Lugar de homenagens - a tradição do acendimento de velas nos túmulos e a deposição de flores representam a homenagem a que o entrevistado se refere. É postura comum em praticamente todos os visitantes este ritual, os que não levam flores levam invariavelmente velas para acender. Este costume foi comprovado com observação durante todo o período da pesquisa. O culto se caracteriza pela recitação do terço e as homenagens pela deposição de flores e acendimento de velas. É relevante frisar que nos túmulos capelas há o ritual da abertura, arrumação do altar, para, somente depois, iniciar-se o rito.

Espaço cultural - a cultura está efetivamente presente em todos os espaços e se traduz pelas mais diversas formas do fazer humano. Efetivamente o cemitério é um espaço cultural, onde se encontram a cultura material, visível nos túmulos, e a cultura imaterial, representada pelos ritos e rezas aos mortos.

Um local de respeito aos que em vida tiveram certa importância para a família, parentes e a sociedade – aqui, mais uma vez comprova-se a presença do conceito de espaço sagrado, a partir da palavra respeito. O respeito é próprio e está imbricado ao conceito de sagrado. A alusão de reverência ao morto traduzida no espaço e na territorialidade.

Duas respostas destacaram-se pelo inusitado dos pensamentos dos entrevistados. Um deles respondeu não saber definir o significado do espaço do cemitério e o outro

disse: *não tem significado algum, pois só visito quando tenho a quem visitar e, graças a Deus, não tenho muitos finados na minha família.* Aqui se depreende a questão da territorialidade e do sentimento de pertença, pois esta pessoa, como não tem finados na família, ou, se os têm, são parentes mais afastados, não identifica uma territorialidade naquele espaço. Quanto ao que não soube definir, o mesmo mostrou que também não possui referencial do espaço.

Sobre a frequência de visitação ao Cemitério São João Batista, encontrou-se um fato curioso, três jovens que estavam indo ao cemitério pela primeira vez, dois deles com 19 anos e um com 23 anos, para desenvolver um trabalho acadêmico. Estes representam 8,58% dos entrevistados. Em conversa informal após as entrevistas, disseram que não imaginavam que tinha tanta gente morta e que a morte não os assustava, pois nunca tiveram contato com ela. Questionaram o porquê de tantos túmulos “gigantes” se a pessoa já estava morta. Um destes três jovens foi quem respondeu não saber definir o significado do espaço do cemitério.

Os demais entrevistados disseram visitar o cemitério a cada três meses, 8,58%; 11,42% realizam visitas uma vez por mês; 28,57% uma vez por semana, e 42,85%, também incluídos nos demais percentuais, fazem visita no dia de finados. Um percentual significativo de 28,57% frequenta o cemitério às segundas feiras, por ser o dia das almas. As entrevistas não foram todas realizadas às segundas feiras, no entanto, coincidiu que estes entrevistados foram em outro dia da semana por motivo irregular para eles, como por terem tido problemas no dia. Pela significativa frequência semanal, comprovou-se que o culto ao morto é prática presente ainda nos dias atuais.

Em relação ao motivo da visita ao cemitério, as respostas foram as seguintes: por curiosidade, 2,84% dos entrevistados; rezar pelas almas, limpar o túmulo e acompanhar enterro com 8,58% dos entrevistados, sendo os mesmos que aproveitam a ocasião dos enterros para visitar o túmulo da família; 14,28% dos respondentes estavam no cemitério a estudo; 28,57% em visita regular aos mortos, o que corresponde ao número daqueles frequentadores semanais, e 28,57% disseram que faziam visita em finados. Sobre estes últimos, deduz-se que, além da visita no Dia de Finados, realizam outras, já que foram entrevistados em outras ocasiões.

No atinente à pergunta sobre como o entrevistado vê o espaço, as respostas foram as mais variadas. Alguns entrevistados confundiam com a pergunta anterior, que versava sobre o significado daquele espaço. Vejamos as respostas:

Como lugar que tem que existir porque um dia todo mundo morre; um espaço que abriga restos mortais - a consciência da existência de um espaço para abrigar os mortos. A presença da morte é constante e todos, tendo ou não passado pela experiência da morte na família, acabam pensando nela e, como ficou evidente, a existência do cemitério é imobiliário integrante da cidade.

Nunca tinha entrado em um cemitério, por isso tinha uma visão sinistra e de terror, agora que estou aqui tenho uma visão de paz, pois o lugar é muito tranquilo e bonito - a presença dos símbolos macabros, sobretudo aqueles chamados de escatológicos, principalmente a caveira e o manto negro, faziam o entrevistado ter visão sinistra ou de terror. Ao visitar o cemitério o entrevistado comprovou que realmente existem estes símbolos, mas observou também que há um aspecto agradável, de tranquilidade, pelo fato do espaço não contar com muitas pessoas, ser silencioso e possuir monumentos que para ele são bonitos esteticamente.

Espaço de grandiosidade pelas construções - a monumentalidade é fato comprovado por qualquer visitante, para este entrevistado foi o que mais se sobressaiu no conjunto. No caso do São João Batista, esta monumentalidade encontra-se presente principalmente no 1º e 2º Planos do cemitério. Essa grandiosidade também se apresenta nos detalhes; o entrevistado observou que em várias capelas existe até a presença de lustres com lâmpadas, e mais, se deu ao trabalho de perguntar a um coveiro se aquelas luzes funcionavam e o coveiro afirmou que sim. Outro detalhe que chamou a atenção deste entrevistado foi a presença de muitas esculturas em pedra e em bronze.

É onde podemos, de certa forma, continuar ao lado das pessoas que amamos em vida - aqui caracteriza-se a territorialidade, o lugar de pertença. No discurso do entrevistado, esta territorialidade se apresenta quando ele afirma *continuar ao lado das pessoas que amamos em vida*. Este “ao lado” indica lugar que é exatamente o túmulo, por isso afirma-se que o túmulo é a última morada, o espaço que abriga os restos mortais *ad perpetuam*.

Onde podemos rezar pelas almas, não só dos nossos entes, mas como por outras pessoas que precisam de oração - a comprovação de espaço sagrado, que vem a ser o campo de força e valores que elevam o homem religioso acima de si mesmo. Este espaço reflete-se pela materialidade do túmulo, mas que, como símbolo, transcende o plano material. Foi curioso observar que o entrevistado rezava por pessoas

desconhecidas, mas, tal fato veio comprovar a questão do pecado e da remissão dos mesmos, pois já que o morto não pode mais orar, então os vivos devem fazê-lo por ele.

Forma dos parentes considerarem os que já estiveram aqui - pela afirmativa comprova-se o lugar de memória, o espaço por excelência, onde se tem a lembrança permanente do morto.

Depósito de mortos com história e cultura - entende-se por depósito um lugar de guarda. A resposta parece seca e pragmática, no entanto, mostra a questão da história e cultura. O entrevistado talvez não tenha consciência dos valores de história e cultura, mas, no subconsciente, entende que aquele lugar é relicário de história, a do próprio morto ali enterrado e a da cultura material e imaterial, representadas pelos túmulos e ritos próprios ao culto do morto, como visitas de finados, recitação do terço, acendimento de velas, dentre outras.

Estas foram as respostas mais significativas, tendo algumas delas se repetido em mais de uma entrevista. Sobressaiu-se nas respostas a questão de se ver o espaço do cemitério como *memória aos mortos*, tendo sido esta uma resposta que se repetiu em dezoito entrevistas. Outras respostas foram *espaço de tristeza* e *espaço de paz*, que também se repetiram várias vezes.

Perguntado se o cemitério poderia ser de outra forma, uma boa parcela dos respondentes afirmou que o espaço *poderia ser mais limpo; deveria ter mais infraestrutura de apoio*. Estas foram as respostas predominantes e, no que se refere à limpeza, têm a ver com o acesso aos túmulos, uma vez que o cemitério não conta com pavimentação. No 1º Plano Sul algumas ruas são revestidas com gramas e outras com blocos de cimento quadrados formando o passeio, guardando uma distância de 10 cm entre eles. Isso dificulta o caminhar tranquilo. Já no 1º Plano Norte todas as ruas são de terra, ou seja, daquela terra fina própria da proximidade da praia, pois o cemitério está a cerca de 300 m da praia, conforme se verifica através da Foto nº 14. Os demais planos também têm a mesma precariedade de acesso, propiciando a dificuldade de varrição e, conseqüentemente, o surgimento de lixo gerado pelos visitantes, tais como restos de velas, flores murchas, sacos que certamente são levados pelos visitantes.

Outros entrevistados afirmaram que *nada precisa ser mudado, pois é um cemitério muito bonito* - esta resposta repetiu-se com oito entrevistados e alguns deles afirmaram estar muito satisfeitos em ter seus parentes sepultados ali. Outras respostas

que se repetiram dizem respeito às obras dos túmulos, *que poderiam ser mais preservadas*. Um destes entrevistados chegou a afirmar que *o governo poderia preservar as obras de artes que estão ali*, o que demonstra que o mesmo desconhece que a manutenção e conservação dos monumentos é responsabilidade do concessionário, competindo ao ente administrador tão somente a segurança e não a conservação.

Perguntou-se aos entrevistados se eles, em viagens a outras cidades, estados ou países, já tinham visitado outros cemitérios e qual a razão desta visita. Curiosamente, 40% dos inquiridos responderam sim, enquanto 60% nunca haviam visitado outros cemitérios. Entretanto, de todos os que visitaram outros cemitérios, a maioria o fez em cidades do interior do Ceará, predominantemente, e um no interior do Rio Grande do Norte, um em Curitiba, e todos eles foram participar de enterros de familiares. Somente um respondente afirmou ter visitado cemitério nos Estados Unidos em função do interesse de conhecer túmulos de pessoas famosas no mundo da música. Esta pergunta buscou identificar nos visitantes do São João Batista a prática de visitação a cemitérios e comprovou-se que somente um respondente tem este hábito.

A última pergunta da entrevista foi: Caso o cemitério São João Batista, em Fortaleza, venha a se transformar em um atrativo turístico, qual será sua visão desta iniciativa? Dos respondentes, 8,58% foram contra a iniciativa, enquanto 91,42% dos entrevistados mostraram-se a favor da transformação do cemitério em atrativo turístico. Vejam-se algumas respostas:

Eu não concordo. O cemitério dever ser visitado por amor e respeito, e não pela questão do lucro, do turismo. Além disso, essa visitação tiraria a privacidade das famílias que estão velando seus entes na capela - a entrevistada demonstra ter consciência do espaço sagrado ao referir-se ao amor e respeito durante a visitação. Vê o turismo como atividade lucrativa e preocupa-se com a situação dos que estão velando corpos na Capela.

Acho que não seria viável, pois, apesar de interessantes, os cemitérios ainda não são lucrativos para o turismo. Não haveria demanda para visitar o local - aqui aparece a questão da demanda, que o entrevistado afirma não existir. Há também a menção ao lucro gerado pelo turismo.

Discordo totalmente, pois os turistas tirariam a privacidade dos que visitam o cemitério

- procede a resposta do respondente, uma vez que uma grande quantidade de pessoas acaba retirando a privacidade de quem está ali rezando ou contemplando. Entretanto, entendemos que compete ao guia de turismo criar regras de respeito ao espaço e de modos de comportamento durante a visita.

É uma iniciativa positiva, pois o Cemitério São João Batista abriga grandes nomes da história do Ceará e isso seria um fato relevante para se elaborar roteiros culturais nesse local - aqui se percebe a consciência do entrevistado no que se refere aos mortos ali sepultados e que ajudaram a fazer a história do Ceará. Neste mesmo sentido existiram várias respostas, mas condensamos todas elas nesta única resposta.

A iniciativa é muito legal para pessoas que gostam de história e de arte e também para estudantes, já que estes devem conhecer e valorizar o que a cidade oferece culturalmente - nota-se a semelhança ou ideia com a afirmativa da resposta anterior.

Vejo como um progresso para o estado porque se valorizaria mais o cemitério e assim as autoridades cuidariam melhor dele - a ideia do respondente em passar a responsabilidade civil para a pessoa do Estado indica melhoria e progresso. Nota-se um certo positivismo, tendo como pressuposto que o Estado é o único ente que pode melhorar as condições atuais do lugar.

O cemitério é bonito e merece ser visitado, por isso é uma iniciativa positiva - a beleza do lugar é ressaltada para se justificar a iniciativa.

É mais um atrativo cultural para Fortaleza e isso é positivo, além disso, com o turismo este espaço seria melhor cuidado e preservado; Será ótimo, pois haverá uma melhoria na infraestrutura do cemitério, que passaria a dar maior atenção a questões como segurança, limpeza e preservação dos túmulos - nota-se pela resposta que a população, de certa forma, entende que para se desenvolver um lugar turisticamente há necessidade prévia de um planejamento, o qual deve observar todas as variáveis de preservação e manutenção. Acrescenta-se que este planejamento deve também se preocupar com a capacidade de carga, ou seja, o número de visitantes possível para o espaço. Quanto à questão da preservação do espaço, a iniciativa deve ser do concessionário, como já alertado em outra ocasião, o que compete ao administrador.

Penso que seria algo muito interessante para que as pessoas possam conhecer um pouco melhor a história das personalidades que fizeram em vida algo muito importante

e valioso para a cidade. Mostrando o valor religioso que influenciou as famílias influentes a demonstrar isso pelos seus entes queridos. Seria um conhecimento diferenciado para os visitantes - aqui sobressai a questão dos sepultados ilustres que fizeram história, além da questão da arte sepulcral. Ao referir-se ao valor religioso, o entrevistado entende que os futuros visitantes podem usufruir de um conhecimento diferenciado, isto é, um conhecimento que não é mostrado em outro lugar a não ser no cemitério, com a cultura e a arte surgidas a partir da morte.

Será interessante para aqueles que gostam de arte e história. É importante para que os turistas conheçam nossa história e os próprios cearenses, afinal países avançados já levam turistas a cemitério, como nos Estados Unidos e em Buenos Aires - este entrevistado é o que visitou um cemitério nos Estados Unidos e tem conhecimento de que esta prática já é usual em alguns países. Foi o único entrevistado a fazer menção a visitas a cemitérios como atividade de conhecimento.

Por tudo que foi exposto neste quarto capítulo, percebeu-se que muitos entrevistados apresentaram opiniões, embora não exatamente iguais, mas muito semelhantes. Daí a opção por se considerarem apenas 28 entrevistados, dos 36 escolhidos previamente.

5 - OS MONUMENTOS PARA VISITAÇÃO: MAPEAMENTO

Trabalhar roteiros turísticos é tarefa afeita ao agente de viagens e ao guia de turismo. A elaboração de roteiros é teoria estudada no planejamento turístico e divide-se em três níveis, sendo que o primeiro nível engloba ações que levam pouco tempo, poucos recursos e pouco pessoal envolvido. Os outros dois níveis apresentam maiores dificuldades

Para a elaboração de roteiros no Cemitério São João Batista, a grande dificuldade foi superada a partir deste estudo, pois o inventário dos túmulos que interessam à atividade turística já foi realizado, inventário este que durou dois anos e meio. É patente que permanece a possibilidade da criação de novos roteiros, sendo necessária a continuidade da inventariação de novos túmulos. Portanto, tanto o agente de viagens como o Guia de Turismo, caso desejarem, poderão montar variações dos roteiros ora propostos. Como destaque, dentre outros temas, chama atenção a monumentalidade dos símbolos mortuários presentes no cemitério como um todo e, de forma especial, nos monumentos mais suntuosos.

É relevante frisar que todos estes roteiros foram testados, tendo como público alvo alunos dos Cursos: Superior de Gestão de Turismo e Curso Técnico de Guia de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE, durante a realização da pesquisa. Assim, apresentam-se no quadro abaixo os roteiros com suas justificativas e características:

QUADRO Nº 14: JUSTIFICATIVAS E CARACTERÍSTICAS DOS ROTEIROS

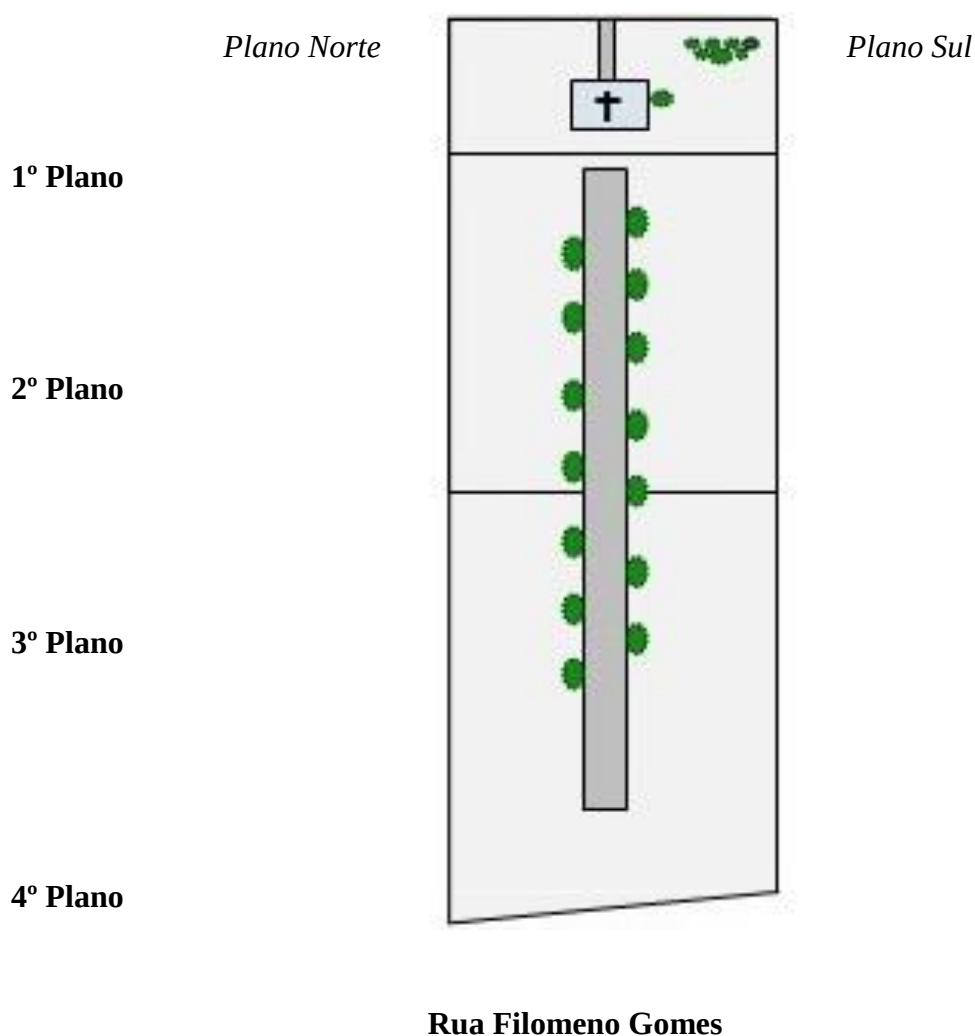
ROTEIRO	JUSTIFICATIVA-CARACATERÍSTICAS
os Barões	A representatividade da Província do Ceará no cenário do Brasil Império. Os túmulos deste roteiro obedecem às características do padrão inaugural da representação da morte.
dos Políticos	A representatividade da Província e do Estado do Ceará no cenário político nacional nos períodos do Império e República. Neste roteiro os túmulos se apresentam nos três padrões de representação da morte, o Inaugural, o de Transição e o de Consolidação.
dos Empresários	Com túmulos que representam também os três padrões, buscou-se resgatar a memória do comércio e das etapas áureas da economia do estado, tendo sido mapeados empresários de todos os períodos da história.

dos Religiosos	Com túmulos que representam os dois primeiros padrões, buscou-se resgatar a história eclesiástica do Ceará através dos religiosos ali sepultados.
dos Poetas e Escritores	No pertinente aos padrões de representação da morte, os túmulos se apresentam nos três padrões. No atinente à temática o Ceará tem sido um celeiro de grandes escritores, muitos deles com projeção nacional. Neste roteiro buscou-se ressaltar a produção literária do estado através de grandes representantes desta área.
dos Militares	Também com representação dos três padrões tumulares, não se poderia deixar de prestigiar esta classe de grande representatividade em nosso estado. Somente para citar uma das maiores autoridades do Exército brasileiro, encontra-se enterrado no São João Batista o Patrono da Infantaria do Exército Brasileiro, General Antônio de Sampaio, o que já justificaria a inclusão deste roteiro.
dos Arquitetos e Engenheiros	Com túmulos que se enquadram principalmente no padrão de consolidação, buscou-se este roteiro para evidenciar o crescimento e a própria história da cidade, através de arquitetos e engenheiros que modificaram o perfil de Fortaleza durante o século XX.
dos Comunicadores	O segmento de comunicação é sem dúvida elemento de desenvolvimento e os elencados para este roteiro tiveram papel fundamental no desenvolvimento do estado. Os túmulos enquadram-se no padrão de consolidação.
dos Médicos	Profissionais abnegados e muitos deles sanitaristas em uma Fortaleza carente de saúde, este roteiro exalta a grandiosidade desta profissão como benefício e melhorias para a população e, sobretudo os trabalhos relevantes destes mortos. Os túmulos classificam-se nos três padrões.
dos Professores	Figuras brilhantes e indispensáveis para o desenvolvimento da sociedade, não se poderia deixar de criar um Roteiro dos Professores. Homens que tiveram papel fundamental na educação do estado e que foram brilhantes na formação de muitas gerações. Os túmulos classificam-se nos três padrões.
dos Mártires	O homem martirizado é encontrado em todas as sociedades e Fortaleza não foge a esta regra. Embora a pesquisa não tenha apontado uma grande quantidade de mortos nesta categoria, considerando-se que dos 25.000 túmulos, foram inventariados somente 234, é relevante criar este roteiro, pois o mesmo poderá ser acrescido. Os túmulos classificam-se no padrão da consolidação.

Fonte: Autor (2013)

Abaixo, a Figura 6 mostra figuras ilustrativas da planta baixa do Cemitério São João Batista, que se encontra dividido em quatro planos, sendo os mesmos separados por uma alameda central dividindo o espaço em planos norte e sul. No primeiro plano, ao centro e a cinquenta metros do portão da entrada principal, que fica na Rua Padre Mororó, identifica-se a Capela de São João Batista. Na figura 7 mostra-se uma legenda dos roteiros propostos.

FIGURA Nº 6 - PLANTA BAIXA DO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA - RUA PADRE MORORÓ



Fonte: Autor (2012)

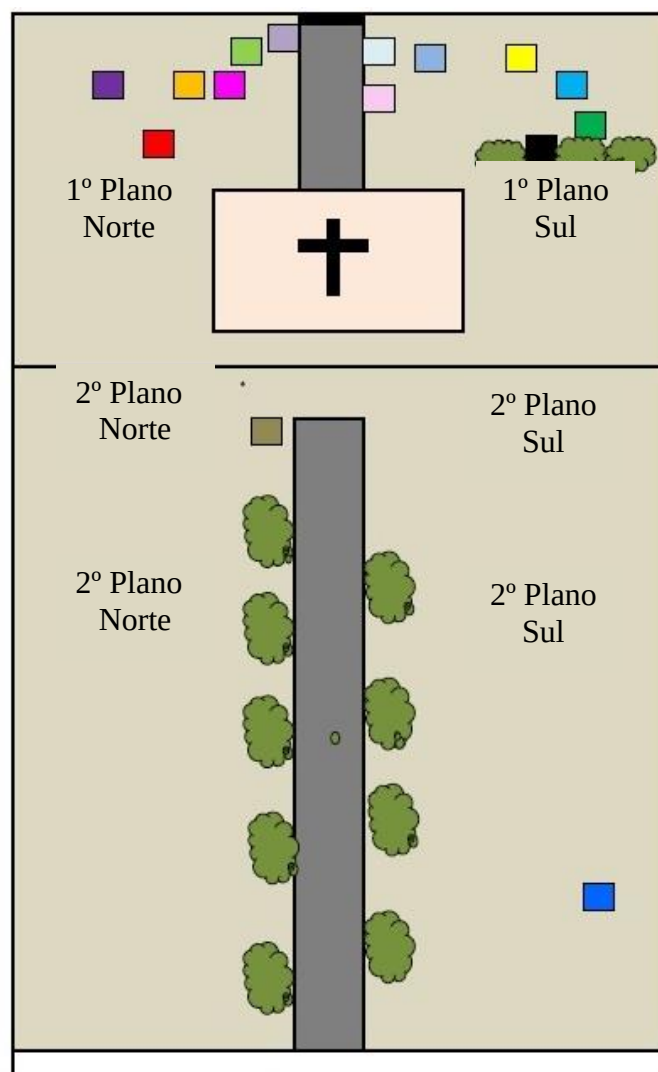
FIGURA Nº 7 - LEGENDA DOS ROTEIROS

Roteiro dos barões	Red
Roteiro dos políticos	Yellow
Roteiro dos empresários	Green
Roteiro dos religiosos	Light Blue
Roteiro dos poetas e escritores	Purple
Roteiro dos militares	Blue
Roteiro dos arquitetos e engenheiros	Orange
Roteiro dos comunicadores	Dark Red
Roteiro dos médicos	Pink
Roteiro dos professores	Magenta
Roteiro dos mártires	Dark Green
Outros túmulos relevantes para visitação	Black

Fonte: autor (2012)

A figura 8 mostra uma planta baixa ilustrativa com localização de alguns túmulos sugeridos nos roteiros. Destacam-se localizações dos túmulos dos barões, como Barão de Aquiraz, Barão de Ibiapina, Barão de Studart e Barão de Aratanha; dos políticos, como Senador Pompeu, Caio Prado, Boticário Ferreira e Virgílio Távora; dos empresários, como Plácido de Carvalho e Coronel Diogo; dos religiosos, representados por Frei Tito; dos poetas e escritores, representados por Galter R. Silva; dos militares, autenticamente representados pelo General Antônio de Sampaio; dos arquitetos e engenheiros, representados pelo túmulo de Adolpho Hebster; dos médicos como Rodolfo Teófilo e dos professores, representados legitimamente pelo Prof. Antônio Martins Filho.

FIGURA Nº 8 - PLANTA BAIXA ILUSTRATIVA COM LOCALIZAÇÃO DE ALGUNS TÚMULOS SUGERIDOS NOS ROTEIROS



Fonte: Autor (2013)

FIGURA Nº 9 - LEGENDAS DOS MAUSOLÉUS

Mausoléu do Senador Pompeu		Mausoléu Barão de Studart	
Mausoléu de Caio Prado		Mausoléu Adolpho Hérbster	
Mausoléu Barão de Aquiraz		Mausoléu Rodolpho Teófilo	
Mausoléu Barão de Ibiapaba		Mausoléu Antonio Martins Filho	
Mausoléu Boticário Ferreira		Mausoléu Plácido de Carvalho	
Mausoléu Gualter R. Silva		Mausoléu Cel. Diogo	
Mausoléu General Sampaio		Mausoléu Barão de Aratanha	
Mausoléu Virgílio Távora		Mausoléu Frei Tito de Alencar	

Fonte: Autor (2013)

ELABORAÇÃO DOS ROTEIROS

ROTEIRO DOS BARÕES

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes barões:

1. Barão e Baronesa de São Leonardo

Localização do túmulo: Rua 2- 1º Plano: Lado Norte

2. Barão de Santo Amaro

Localização do túmulo: Rua 2- 1º Plano: Lado Norte

3. Barão de Aquiraz (Dr. Gonçalo Baptista Vieira)

Localização do túmulo: Rua 3- 1º Plano: Lado Norte

4. Barão de Ibiapaba (Joaquim da Cunha Freire)

Localização do túmulo: Rua 3- 1º Plano: Lado Norte

5. Barão de Aratanha

Localização do túmulo: Rua 4- 2º Plano: Lado Norte

6. Barão de Studart

Localização do túmulo: Rua 03 - 1º Plano: Lado Sul

7. Barão do Crato (Bernardo Duarte Brandão)

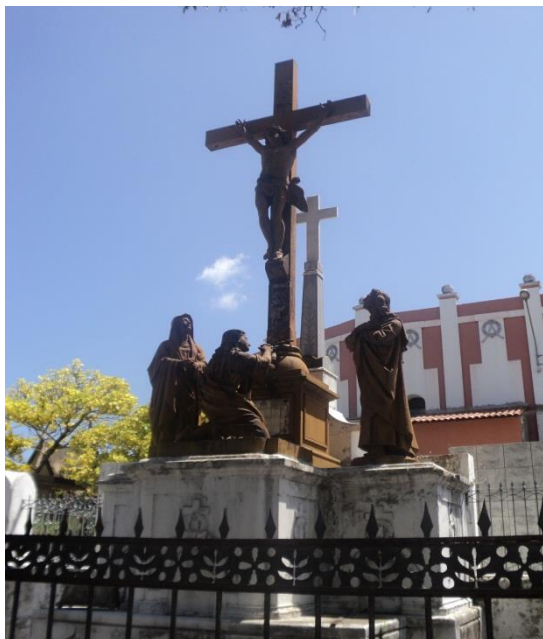
Localização do túmulo: Rua 05 - 1º Plano: Lado Sul

8. Barão de Camocim (Geminiano Maia)

Localização do túmulo: Rua 10 - 1º Plano: Lado Sul

Este roteiro alusivo ao Ceará Imperial faz referência a celebridades da história do estado. Figuras eminentes nas mais diversas áreas, e que podem estar presentes também em outros roteiros aqui propostos. Destacam-se aqui dois Barões: o Barão de Studart, título concedido pelo Vaticano a um dos pesquisadores e estudiosos mais significativos do estado no século XIX, tendo sido responsável por guardar a memória de muitos aspectos do estado. Suas obras até hoje servem de referência para trabalhos acadêmicos. O segundo, o Barão de Camocim, foi um rico comerciante, responsável pela modernização e pela implantação da chamada *Belle Epoque* na Fortaleza do século XIX. Homem de fino trato, casou-se com uma francesa da aristocracia, que trouxe a Fortaleza a elegância e o requinte da segunda metade do século XIX.

FOTO Nº 15 - TÚMULO DO BARÃO DE ARATANHA



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

FOTO Nº 16 - BARÃO DE SANTO AMARO



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS POLÍTICOS

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes políticos:

1. Tomás Pompeu de Souza Brasil (Senador Pompeu)

Localização do túmulo: Rua 01- 1º Plano: lado Norte/ No corredor principal de entrada

2. Governador Caio Prado

Localização do túmulo: Rua 01- 1º Plano: lado Norte

3. Dr. Miguel Fernandes Vieira

Localização do túmulo: Rua 3- 1º Plano: Lado Norte/ No corredor principal de entrada

4. Severiano Ribeiro da Cunha (Visconde do Cahuípe)

Localização do túmulo: Rua 3- 1º Plano: Lado Norte

5. Presidente Joaquim Magalhães

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: Lado Norte

6. Governador Raul Barbosa

Localização do túmulo: Rua 4 - 1º Plano: Lado Norte

7. Presidente João de Castro Ramos

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: Lado Norte

8. Antônio Rodrigues Ferreira

Localização do túmulo: Rua 5 - 1º Plano: Lado Norte

9. Desembargador Moreira

Localização do túmulo: Rua 9 - 2º Plano: Lado Norte

10. Parsifal Barroso

Localização do túmulo: Rua 34 - 2º Plano: Lado Sul

11. Governador César Cals

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: Lado Sul

12. Governador Virgílio Távora

Localização do túmulo: Rua 4 - 1º Plano: Lado Sul

13. Aziz Kalil Jereissati

Localização do túmulo: Rua 6 - 1º Plano: Lado Sul

14. Governador Plácido Aderaldo Castelo

Localização do túmulo: Rua 13 - 1º Plano: Lado Sul

15. Senador Fausto Cabral

Localização do túmulo: Rua 10 - 1º Plano: Lado Norte

16. Antonio Fiúza de Pontes

Localização do túmulo: Rua 08- 2º Plano: lado Sul

17. Comendador Luis Ribeiro da Cunha

Localização do túmulo: Rua 01- 1º Plano: lado Sul

18. Henrique Ellery

Localização do túmulo: Rua 07- 1º Plano: lado Norte

19. Governador Menezes Pimentel

Localização do túmulo: Rua 34 - 1º Plano: lado Norte

Através deste roteiro, o visitante do Cemitério São João Batista ou o turista, acompanhado de um Guia de Turismo, terá uma panorâmica geral da política cearense. Aqui se encontram elencados personalidades da vida pública e política do Ceará, que viveram no período imperial, tais como Thomas Pompeu de Sousa Brasil, que foi Senador pela Província do Ceará; Caio Prado, Presidente da Província, um paulista que revolucionou a política cearense e inovou a sociedade fortalezense na segunda metade do século XIX, tendo morrido no poder e contando com um dos túmulos mais

monumentais do cemitério; Miguel Fernandes Vieira e Presidente João de Castro Ramos; Antônio Rodrigues Ferreira, o Boticário Ferreira, político emblemático para a história de Fortaleza, niteroiense e Vereador por vários mandatos e Prefeito, todos políticos atuantes durante o segundo reinado.

Da primeira metade do século XX destacam-se Aziz Kalil Jereissati, Desembargador Moreira e Parsifal Barroso. Homens com atuação no senado, na Câmara dos Deputados e no Governo estadual, trouxeram grande desenvolvimento para o estado em suas gestões.

A partir dos anos de 1960, ressaltam-se as figuras dos Governadores e Senadores da República, Virgílio Augusto Fernandes Távora e César Cals de Oliveira Filho. Ambos foram governadores durante o regime militar e ambos eram Coronéis do Exército Brasileiro. Mesmo tendo atuado neste período de recessão política, muito fizeram pelo estado, principalmente o Governador César Cals, que foi o primeiro a pensar em uma política pública para o turismo no estado do Ceará.

FOTO Nº 17 - TÚMULO DE CAIO PRADO



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

FOTO Nº 18 - TÚMULO DE VIRGÍLIO TÁVORA



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS EMPRESÁRIOS

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes empresários:

1. Luiz Severiano Ribeiro

Localização do túmulo: Rua 01- 1º Plano: lado Norte

2. Gualter R. Silva

Localização do túmulo: Rua 03- 1º Plano: lado Norte

3. Pedro Philomeno Gomes

Localização do túmulo: Rua 10- 1º Plano: lado Norte

4. Família Luiz Vidal

Localização do túmulo: Rua 10- 1º Plano: lado Norte

5. Ignácio Gomes Parente

Localização do túmulo: Rua 09 - 2º Plano: lado Norte

6. Mirtyl Meyer

Localização do túmulo: Rua 12 - 2º Plano: lado Norte

7. José Gentil a. de Carvalho

Localização do túmulo: Rua 01 - 1º Plano: lado Sul

8. Família Otoch

Localização do túmulo: Rua 03 - 1º Plano: lado Sul

9. Pedro Lazar

Localização do túmulo: Rua 06 - 1º Plano: lado Sul

10. Plácido de Carvalho

Localização do túmulo: Rua 07 - 1º Plano: lado Sul

11. Cel Antonio Diogo

Localização do túmulo: Rua 08 - 1º Plano: lado Sul

12. Pio Rodrigues

Localização do túmulo: Rua 01 - 2º Plano: lado Sul

13. Paschoal de Castro Alves

Localização do túmulo: Rua 06 - 2º Plano: lado Sul

14. Família Romcy

Localização do túmulo: Rua 12 - 2º Plano: lado Sul

15. Genésio Queiroz

Localização do túmulo: Rua 01 - 2º Plano: lado Sul

Na área empresarial, foram muitos os que contribuíram para o desenvolvimento do estado, como Plácido de Carvalho, empreendedor do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, grande construtor, destacando-se entre suas obras o Hotel Excelsior, no coração de Fortaleza, em plena Praça do Ferreira, sendo até hoje o edifício considerado o mais alto do mundo construído exclusivamente em alvenaria (há controvérsias a esse respeito), com 13 andares de altura; Genésio Queiroz, pai do industrial Edson Queiroz, que formou a raiz de um dos maiores grupos empresariais do Brasil, o Grupo Edson Queiroz, formando hoje um conglomerado de empresas nas mais diversas áreas de atuação; Luis Severiano Ribeiro, destaque na área do entretenimento, através dos Cines São Luiz, que existiram em todo o Brasil; Pedro Lazar, empreendedor na área do turismo, notadamente na hotelaria, tendo construído um império através da cadeia hoteleira Hotéis Lazar, presente em todos os estados do nordeste brasileiro, funcionando até os dias de hoje o Hotel Lazar na região de Petrolina(PE) e Juazeiro(BA), além de atuar também na área de agências de turismo.

**FOTO Nº 19 - TÚMULO DE
PLÁCIDO DE CARVALHO**



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

**FOTO Nº 20 - TÚMULO DE
GAUTER SILVA**



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS RELIGIOSOS E ORDEM MAÇÔNICA

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes religiosos:

1. Monsenhor Vicente P. Teixeira

Localização do túmulo: Rua 08 - 1º Plano: lado Norte

2. Monsenhor Hipólito Gomes Brasil

Localização do túmulo: Rua 03 - 1º Plano: lado Sul

3. Monsenhor Dantas

Localização do túmulo: Rua 10 - 1º Plano: lado Sul

4. Monsenhor José Teixeira da Graça

Localização do túmulo: Rua 03 - 2º Plano: lado Sul

5. Monsenhor José Gurgel do Amaral Barbosa

Localização do túmulo: Rua 05 - 2º Plano: lado Sul

6. Família Monsenhor José Quinderé

Localização do túmulo: Rua 12 - 2º Plano: lado Sul

7. Monsenhor Horácio Teixeira

Localização do túmulo: Rua 33 - 2º Plano: lado Sul

8. Cônego Dr. Aureliano Mota

Localização do túmulo: Rua 40 - 2º Plano: lado Sul

9. Padre José Lourenço D'Aragão

Localização do túmulo: Rua 43 - 2º Plano: lado Sul

10. Ordem das irmãs de caridade de São Vicente de Paula

Localização do túmulo: Rua 04- 1º Plano: lado Norte

11. Ordem Maçônica

Localização do túmulo: Rua 05- 1º Plano: lado Sul

Com o intuito de resgatar a história eclesiástica, este roteiro privilegia túmulos de padres que marcaram a história cearense. O roteiro apresenta eminentemente Monsenhores e alguns deles tiveram grande relevância na Cúria Diocesana, ou Arquidiocesana de Fortaleza. Destacam-se as figuras de Monsenhor José Quinderé, que foi professor de renome na primeira metade do século XX, além de Secretário Geral do Bispado e um dos grandes benfeitores na construção da nova Catedral; do Cônego Dr. Aureliano Mota, homem de letras e que teve atuação em importantes cidades do interior

do Ceará, um dos poucos doutores do estado no início do século XX; Pe. José Lourenço Aragão, cearense de Ipu e um dos primeiros doutores daquela cidade, teve atuação marcante na Cúria de São Paulo, onde foi Diretor do Seminário da Consolação, além de escritor de grande atuação. É relevante frisar a atuação sempre presente e benéfica em prol da cidade da ordem maçônica no estado do Ceará.

ROTEIRO DOS POETAS E ESCRITORES

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes poetas e/ou escritores:

1. Antonio Barbosa de Freitas

Localização do túmulo: Rua 08 - 2º Plano: lado Norte

2. Antonelle Bezerra

Localização do túmulo: Rua 21 - 2º Plano: lado Norte

3. Carlos Câmara

Localização do túmulo: Rua 04- 1º Plano: lado Norte

4. Juvenal de Carvalho

Localização do túmulo: Rua 23 (voltado para a alameda principal) - 2º Plano: lado Norte

5. Paula Pessoa

Localização do túmulo: Rua 01 - 2º Plano: lado Norte

6. Raimundo Cela

Localização do túmulo: Rua 05- 1º Plano: lado Norte

7. Juvenal Galeno

Localização do túmulo: Rua 04 - 1º Plano: lado Sul

8. Alba Valdez

Localização do túmulo: Rua 05 - 1º Plano: lado Sul

9. Rodrigues Júnior

Localização do túmulo: Rua 06 - 2º Plano: lado Sul

10. Família Antônio Bandeira

Localização do túmulo: Rua 02 - 2º Plano: lado Sul

11. Manuel Amora

Localização do túmulo: Rua 07 - 1º Plano: lado Norte

12. Dolor Barreira

Localização do túmulo: Rua 17 - 2º Plano: lado Sul

13. Pedro Moniz

Localização do túmulo: Rua 17 - 2º Plano: lado Sul

14. Moreira Campos

Localização do túmulo: Rua 37 - 2º Plano: lado Sul

15. Natércia Campos

Localização do túmulo: Rua 37 - 2º Plano: lado Sul

16. Leonardo Mota

Localização do túmulo: Rua 40 - 2º Plano: lado Sul

17. Plautus Cunha

Localização do túmulo: Rua 45 - 2º Plano: lado Sul

18. Quintino Cunha

Localização do túmulo: Rua 16 - 3º Plano: lado Sul

Este roteiro é permeado de grandes nomes da literatura cearense, tendo alguns deles renome nacional e internacional na área das letras. Do século XIX, destacam-se Juvenal Galeno, um dos primeiros brasileiros a preocupar-se com o estudo do folclore, tendo inúmeras publicações nesta área; Dolor Barreira, figura eminente nas letras, tendo atuado não só na escrita mas, sobretudo, na área da educação do estado; Leonardo Mota, advogado com destaque na pesquisa do folclore, pois percorreu boa parte do estado colhetando material para seus muitos escritos, e era amigo pessoal de Câmara Cascudo, a quem subsidiou com muitas informações para as publicações deste. Por fim, destaca-se a figura grandiosa do maior contista do Ceará, Prof. Moreira Campos, que tem sua obra estudada, além do Brasil, em toda a Europa.

FOTO Nº 21 TÚMULO DE RODRIGUES JUNIOR



Fonte: Maria Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS MILITARES

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes militares:

1. Tácito Theóphilo Gaspar

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: Lado Norte

2. Cel. Antonio Gonçalves da Justa

Localização do túmulo: Rua 4 no corredor de entrada- 1º Plano: Lado Norte

3. Major Pedro de Araújo Sampaio

Localização do túmulo: Rua 19 - 2º Plano: Lado Norte

4. General Sampaio

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: Lado Sul

5. Marechal José Angelo de Moraes Rego

Localização do túmulo: Rua 08- 1º Plano: lado Norte

O roteiro dos Militares destaca-se pela grande atuação dos cearenses nas forças armadas brasileira, tendo como principal figura o General Antônio de Sampaio, cearense de Tamboril e Patrono da arma da Infantaria do Exército Brasileiro. Destaca-se ainda a figura do General Tácito Teófilo Gaspar, que foi Chefe Maior das Forças Armadas durante o governo militar, além de comandante da 10ª Região Militar, com sede em Fortaleza. Desfrutava dos mais altos conceitos nos meios militares e administrativos do país.

FOTO 22 - TÚMULO DO GENERAL SAMPAIO



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS ARQUITETOS E ENGENHEIROS

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes arquitetos ou engenheiros:

1. Adolpho Hérbster

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: lado Sul

2. Engenheiro Santana Júnior

Localização do túmulo: Rua 15 - 2º Plano: lado Sul

3. Emílio Hinko

Localização do túmulo: Rua 20 - 2º Plano: lado Sul

4. Pedro Natale Rossi

Localização do túmulo: Rua 20 - 2º Plano: lado Sul

Este roteiro resgata a história da arquitetura cearense através de proeminentes arquitetos e engenheiros. Figuras como Adolpho Hérbster, inglês que aqui chegou no século XIX e o primeiro a preocupar-se com o desenvolvimento urbano da cidade; Emílio Hinko, natural de Budapeste, radicou-se em Fortaleza e aqui viveu até sua morte em 2002, tem sua assinatura nos prédios de Fortaleza mais representativos da primeira metade do século XX: a sede do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, os Clubes Ideal e Náutico Atlético Cearense, a sede da Base Aérea de Fortaleza, todas construções de grandes dimensões; o engenheiro Pedro Natale Rossi, possuidor de reconhecido talento e criatividade, autor do projeto do Centro de Artesanato do Ceará – Ceart, no local onde primitivamente existiu o Palacete Plácido de Carvalho. Um fato curioso a seu respeito é que sua tia Pierina Rossi foi casada com Plácido.

FOTO Nº 23 - ADOLFO HEBSTER



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS COMUNICADORES

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes comunicadores:

1. João Dummar

Localização do túmulo: Rua 5 - 1º Plano: lado Norte

2. Patriolino Ribeiro

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: lado Sul

3. José Oswaldo Araújo

Localização do túmulo: Rua 43 – 2º Plano: lado Sul

4. Messias Araújo Pontes

Localização do túmulo: Rua - 1º Plano: lado Norte

FOTO Nº 24 - TÚMULO DE JOÃO DUMMAR



Fonte: Maria Régis Araújo (2010)

FOTO Nº 25 - TÚMULO DE PATRIOLINO RIBEIRO



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

FOTO Nº 26 - TÚMULO DO JORNALISTA OSWALDO ARAÚJO



Fonte: Maria Régis Araújo (2012)

**FOTO Nº 27 - TÚMULO DO RADIALISTA E JORNALISTA
MESSIAS PONTES**



Fonte: Solon Sales (2013)

Este roteiro, que poderá ser acrescido futuramente, prestigia a área de comunicação. João Dummar, jornalista e proprietário do Jornal O Povo, o mais antigo em circulação no Ceará, e Patriolino Ribeiro, foram importantes representantes da área de comunicação, tão necessária à sociedade. José Oswaldo de Araújo, jornalista devoto da imprensa, foi um dos pioneiros a editar jornal na zona norte do estado do Ceará, notadamente na progressista cidade de Ipu, no início do século XX, tendo contribuído para a criação dos jornais Correio do Norte e Gazeta do Sertão, periódicos que circularam em toda a zona norte, levando a comunicação àqueles municípios. Messias Pontes, radialista e jornalista combatente, tendo sido torturado como preso político durante o regime militar tornou-se, depois de anistiado, uma voz fulgurante em favor dos mais fracos e oprimidos, durante toda sua vida.

ROTEIRO DOS MÉDICOS

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes médicos:

1. Meton de Alencar

Localização do túmulo: Rua 7 - 1º Plano: lado Norte

2. Rodolpho Teóphilo

Localização do túmulo: Rua 3 - 1º Plano: lado Sul

3. Amadeu Furtado

Localização do túmulo: Rua 2 - 1º Plano: lado Sula

4. Dr. Manuel Moreira da Rocha

Localização do túmulo: Rua 13 - 1º Plano: lado Norte

5. Dr. Antonio Turbay

Localização do túmulo: Rua 17 - 1º Plano: lado Norte

A história da saúde no Ceará é contada através destes eminentes médicos, que tiveram atuação marcante em épocas diferentes no estado. Rodolfo Teófilo, baiano radicado no Ceará, deixou contribuições importantes na área da saúde pública, além de ter sido escritor regionalista; Amadeu Furtado, cearense nascido em Ipu, imprimiu sua marca de homem público e caridoso, além de ter trabalhado toda uma vida em prol da saúde pública no Ceará. Ambos foram tão relevantes para a cidade, que hoje são nomes de bairros populosos em Fortaleza.

FOTO Nº 28 - TÚMULO DE AMADEU FURTADO



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS PROFESSORES

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes professores:

1. Odorico Castelo Branco

Localização do túmulo: Rua 05- 1º Plano: lado Sul

2. Antônio Martins Filho

Localização do túmulo: Rua 06 - 1º Plano: lado Sul

3. Professor Dias da Rocha

Localização do túmulo: Rua 01- 1º Plano: lado Norte

4. Professor José Valdevino de Carvalho

Localização do túmulo: Alameda Central, 2º Plano: lado Norte

Um dos roteiros mais representativos vai contar a história da educação, não só da cidade de Fortaleza, como do estado do Ceará. Destes homens vocacionados para o ensino e a educação, destaca-se como ícone a figura do Reitor Antônio Martins Filho, cearense do Crato, que concebeu e implantou a primeira Universidade Cearense. Além de educador, foi grande articulador político, tendo conseguido trazer ao Ceará o Presidente Juscelino Kubichek para conseguir a implantação, no âmbito federal, da Universidade que inicialmente chamou-se Universidade do Ceará, sendo hoje a Universidade Federal do Ceará.

FOTO Nº 29 - TÚMULO DE JUVENAL E JOSÉ VALDEVINO DE CARVALHO



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

ROTEIRO DOS MÁRTIRES

Para este roteiro foram mapeados os túmulos dos seguintes mártires:

1. João Nogueira Jucá

Localização do túmulo: Rua 28 - 2º Plano: lado Norte

2. Gustavo Braga

Localização do túmulo: Rua 01- 1º Plano: lado Sul

3. José Nogueira de Mendonça (Meu Filho)

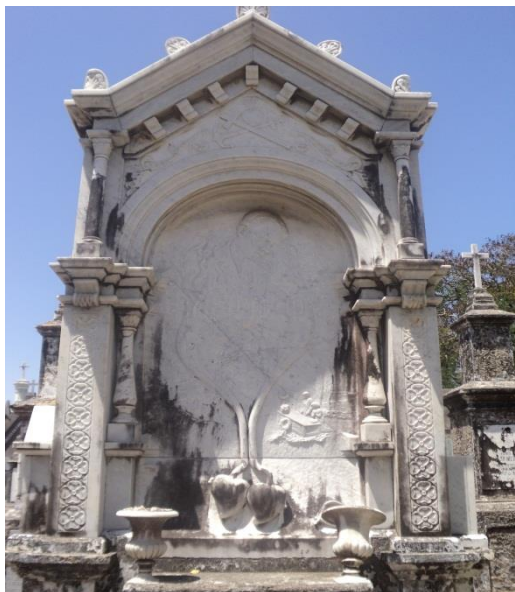
Localização do túmulo: Rua 2- 2º Plano: lado Sul

4. Frei Tito de Alencar

Localização do túmulo: Rua 53- 2º Plano: lado Sul

A história dos crimes e da violência é contada através deste roteiro, destacando-se o mártir João Nogueira Jucá, que, com pouco mais de vinte anos, sozinho, salvou de um incêndio terrível mais de 30 pacientes internados no Hospital César Cals, vindo a morrer martirizado pelo fogo. Outro exemplo de mártir é Frei Tito de Alencar, vítima da ditadura militar, mesmo tendo sido exilado na França. Hoje é tido como santo e seu túmulo é motivo de romaria às segundas feiras.

**FOTO Nº 30 - TÚMULO DE JOSÉ
DE MENDONÇA NOGUEIRA**



**FOTO Nº 31 - TÚMULO DE JOÃO
NOGUEIRA**



Fonte: Mariana Régis Araújo (2010)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como finalidade maior comprovar a potencialidade do Cemitério São João Batista como espaço de utilização pelo turismo, a partir da percepção dos visitantes, na revisão literária foram pesquisados todos os elementos referentes à vida e à morte, e seus significados para a sociedade.

Os símbolos fazem parte do ritual nas construções tumulares e os espaços onde são construídos transformam-se em territorialidade do sagrado. A teofania se faz presente neste espaço sagrado através de inúmeros elementos. Os símbolos e os significados remetem à reflexão teofânica e, em todo momento, ao se visitar um cemitério, percebe-se a atmosfera repleta de tais elementos.

A territorialidade no espaço cemiterial é patente em todos os sentidos, a começar pela localização dos túmulos, símbolos de poder. Os mais ricos, seguindo uma tradição católica do tempo dos enterramentos dentro das igrejas, compram e constroem seus mausoléus em espaços próximos e contíguos à Capela do Cemitério, fazendo uma alusão ao tempo em que se acreditava que os mortos enterrados mais próximos ao altar mor teriam mais chance de chegar ao céu. Esta constatação comprova o que diz a teoria de estudo do espaço, pois o território encontrado no espaço é de luta pelo poder, é disputado, apropriado e ameaçado, assim como é povoado e explorado integrando uma dimensão política e cultural.

Desta forma, percebem-se claramente as relações de poder no território do cemitério, uma vez que os mais ricos têm seus túmulos mais próximos à Capela. Outro fator que se observa de forma contundente é a vizinhança, os ricos procuram, até depois da morte, permanecer vizinhos dos outros ricos. Não é raro constatar este fato no Cemitério São João Batista, onde a sociedade do consumo utiliza de sua prática mesmo depois da morte.

No espaço cemiterial também estão os elementos culturais criados pelo próprio homem no confronto com a morte, que indica fim, separação, perda. Para que tudo isso fosse amenizado, a humanidade criou centenas de manifestações para eufemizar a separação definitiva, e assim surgiram os túmulos, os rituais, as celebrações, cultos, rezas próprias para os defuntos, cânticos alusivos a estas manifestações. Como a morte marca um fim físico, o homem criou rituais para amenizar esta perda e perpetuar a memória do morto. É possível comprovar estes rituais permanecendo-se por algumas

horas no cemitério.

No atinente à simbologia, ali se encontra um lugar eminentemente simbólico em todos os seus aspectos. Pode-se destacar, por exemplo, no túmulo da Maçonaria, a presença de uma frondosa acácia, que, sendo madeira imputrescível, simboliza a imortalidade. Aqui se constata um símbolo natural, a árvore está lá viva, viçosa, em plena efervescência da dinâmica da vida, prova contundente do seu simbolismo e representatividade. Neste túmulo de estilo romântico, predominam a singeleza e os aspectos da natureza.

Os demais túmulos ou sua esmagadora maioria trazem elementos simbólicos dos mais diversos e dos mais distintos. No entanto, todos eles trazem a simbologia de vida e morte ou de morte e vida, pois para o homem religioso a vida não termina com a morte, e sim começa com ela. A monumentalidade dos elementos simbólicos retrata a grande riqueza encontrada em praticamente todo o cemitério.

O estudo também comprovou, de forma contundente, a sacralidade deste espaço, motivo de respeito e culto. Os visitantes veem este espaço como lugar de culto e reverência, mas não têm consciência da territorialidade que estas mesmas pessoas criam naquele território. A territorialidade é indispensável para o entendimento das relações humanas e se faz presente mesmo no cemitério.

Ao longo do estudo, percebeu-se que a territorialidade do cemitério está impregnada de sentimento de pertença por parte dos visitantes que ali acorrem para cultuar a memória dos antepassados. São muitos os que ali se dirigem com frequência para os ritos de culto à memória, ou apenas para reflexão.

A pesquisa revelou ainda que, além de espaço sagrado, para os visitantes o cemitério é também um espaço de morte, tristeza e arte, de ritos ligados à morte e à vida, pois as religiões acreditam na vida eterna. É de notar-se que a história dos espaços ainda está por ser escrita e se relaciona efetivamente com a história dos poderes, tanto assim que, observando-se a disposição dos túmulos no cemitério, é possível saber quem foi quem na sociedade dos vivos.

A universalidade dos ritos de inumação ultrapassaram séculos para chegar até hoje com variações e adaptações próprias da dinâmica social. Assim, o ato de morrer e de enterrar foi tomando novos rumos e, nos últimos 50 anos, fez com que as mudanças ocorridas aumentassem o preço cobrado para se morrer em uma sociedade eminentemente consumista e capitalista. Este aspecto a pesquisa não abordou e sugere-se um estudo aprofundado para os próximos pesquisadores desta temática.

Mesmo modificando a territorialidade da morte e do velório, os ritos permanecem presentes de forma muito forte e o significado destes ritos ultrapassa os tempos. A queima de velas é um exemplo forte, constatada universalmente entre os frequentadores do cemitério. Ao rito do acendimento da vela agrega-se a oferta de flores, as quais também simbolizam a morte, pois, ao serem retiradas de seu tronco o processo de decomposição inicia-se imediatamente, fazendo um paralelo com o que acontece com o morto, que vira cinza e pó.

A pesquisa constatou ainda que este espaço pode ser utilizado pelo turismo, pois, além do aspecto da religiosidade, todos ou quase todos já tiveram contato com a morte e certamente reconhecem a sacralidade no espaço de um cemitério. No caso do cemitério São João Batista, o mesmo conta ainda com fortes expressões artísticas locais ou importadas, além de ser possível fazer-se ali o resgate da história do lugar, nos seus aspectos sociológicos, econômicos, culturais e, sobretudo, simbólicos.

Para esta prática, faz-se necessária a difusão de conhecimentos de diferentes áreas, como a teologia, filosofia, antropologia, arquitetura, história da arte, literatura, psicologia, turismo e até a psiquiatria e ciências da saúde, de forma geral. Nesse sentido, indica-se como necessidade a reciclagem dos guias de turismo, em cursos de atualização em cada um dos roteiros ou em roteiros de forma integrada, para que os mesmos se qualifiquem para trabalhar neste segmento.

A pesquisa apontou que a prática turística pode perfeitamente se desenvolver no Cemitério São João Batista, por ser ele um relicário de todos os elementos expostos acima. No entanto, há necessidade de se sensibilizar o trade turístico para que este se torne receptivo à ideia de se transformar o cemitério num local de visitação. Vale lembrar aqui que o Cemitério passa por processo de tombamento por parte da Prefeitura Municipal de Fortaleza, o que pode ser um primeiro passo para desenvolver-se esta atividade.

Outro ponto indispensável a se observar, é que os profissionais de turismo, notadamente os guias de turismo, devem conscientizar os grupos que levarão para os diversos tours pelo cemitério. O respeito à sacralidade do local e a conscientização da preservação são fundamentais, afinal, o objetivo primeiro do cemitério é ser espaço para sepultamento e não é raro encontrarem-se famílias enlutadas levando seus mortos à sepultura. O silêncio e atitude de contemplação são elementos indispensáveis aos que realizam visita turística em um cemitério.

Referente à administração do cemitério, sugere-se que todas as ruas do 1º e 2º

Planos, Norte e Sul, sejam pavimentadas, para melhorar a acessibilidade aos túmulos, tornando a caminhada mais confortável ao visitante ou turista. Ressalte-se que o cemitério já tomou uma iniciativa nesta área e os interessados podem contar com uma visita guiada com um monitor, agendando previamente. Este programa ainda funciona de forma incipiente e pode ser melhorado, e este estudo poderá contribuir neste aspecto.

Sugere-se, por parte do poder público, através das Secretarias de Turismo e Cultura do Estado e da Prefeitura Municipal de Fortaleza, conjuntamente com a Santa Casa de Misericórdia, administradora do cemitério, a criação e elaboração de *folderes* indicativos dos túmulos dos diversos roteiros a serem distribuídos aos visitantes.

Por fim, relata-se a experiência vivenciada em março de 2013 no Cemitério da Consolação, em São Paulo, pelo pesquisador, em uma visita guiada. A ideia foi do Prof. Délio Freire dos Santos, que implantou em 2001 um roteiro de visita. Curiosamente o Prof. Délio está sepultado neste cemitério e hoje seu túmulo é ponto de visita.

A visita guiada ao cemitério da Consolação foi conduzida pelo administrador Francivaldo Almeida Gomes, conhecido como Popó, que atende a grupos ou pessoas individualmente e destaca o que há de mais significativo, dependendo do tempo do visitante. No apêndice deste estudo, mostram-se dez fichas com todos os dados necessários a uma consulta rápida para a realização de um guiamento pelos túmulos. Os dados constantes de cada ficha são: nome da pessoa ou família; localização do túmulo (pano e lado); rua; número do túmulo; ano de nascimento da pessoa ou família; ano de morte; o que essa pessoa representou para a história da cidade; simbologia utilizada no túmulo, além de fotografias do mesmo. Foram criadas 100 fichas para os roteiros propostos, as quais serviram de modelo aos apêndices a seguir.

APÊNDICES

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Baronesa de S. Leonardo
Posição do Túmulo (plano e lado)	1º Plano lado Norte
Rua	Rua 2
Nº do túmulo	Informação não disponível
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	1/07/1823
Ano da morte da pessoa ou família	10/07/1904
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	A francesa Aline Gauthier, Baronesa de São Leonardo, nasceu em 1º de julho de 1823 e faleceu a 10 de julho de 1904, aos 81 anos de idade. Casou-se com Leonardo Ferreira Marques, com quem teve quatro filhos. Leonardo Ferreira Marques, o Barão de São Leonardo, e Aline Gauthier, a Baronesa de São Leonardo, foram sepultados no Cemitério São João Batista, em Fortaleza-Ce. Em seu testamento, datado de 20 de março de 1887, o Barão de São Leonardo declara que o seu enterro seja feito modestamente. Na galeria dos benfeitores da Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza está posto o seu retrato a óleo. Compõem o acervo do Museu do Ceará quadros pintados a óleo do Barão e da Baronesa de São Leonardo. Muito lhe devem a Santa Casa de Misericórdia de Fortaleza e a Estrada de Ferro de Baturité, que dele obtiveram valiosa contribuição assistencial e material.
Simbologia utilizada no túmulo	O túmulo segue o mesmo modelo referente à maioria das pessoas importantes da época, que recebiam estes túmulos do Estado. Na placa de identificação aparecem as seguintes simbologias: a cruz, a foice e a coroa, indicando que ali repousa os restos mortais de alguém que pertenceu à nobreza de Fortaleza. Segundo Batista, em cemitérios de algumas cidades do interior do estado, existem túmulos que se inspiram nas fachadas das igrejas com seus áticos e pináculos, como

	em Messejana e Redenção, com uma rusticidade e simplicidade no uso dos materiais decorrente das condições materiais sociais dos construtores. A carência de recursos não impede que o resultado seja harmonioso, singelo.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Doado pelo Estado
Foto disponível? Sim	 

Fotos: Mariana Regis Araújo (2010)

Pesquisa Bibliográfica:

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na Morte como na Vida: Arte e sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura e Desporto, 2002. (Coleção outras Histórias, 14), p. 73.

Site: http://www.mariapereiraweb.net/?area=enquetes_002.

Acesso em 22/09/2010

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Severiano Ribeiro e Eufrazia Gouvêa da Cunha (Visconde e Viscondessa do Cauhipe)
Posição do Túmulo (plano e lado)	1º Plano: lado Norte
Rua	2
Nº do túmulo	Informação não disponível
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	06/11/1831 e 16/06/1836
Ano da morte da pessoa ou família	23/10/1873 e 03/04/1876
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	Visconde de Cauhipe - Título nobiliárquico passado em 01.05.1873, pelo governo português. Severiano Ribeiro da Cunha, nascido em 06.11.1831, em Caucaia, Ceará, e falecido em 04.09.1876, em Fortaleza, Ceará. Negociante, filantropo. Comendador e vice-cônsul. Moço Fidalgo da Casa Imperial, por Alvará de 12.05.1874. Cavaleiro da Ordem da Rosa. Agraciado pelo governo português, com o título de visconde de Cauhipe, pelo Decreto de 01.05.1873. Teve mercê da Carta de Brasão de Armas. Deixou geração do seu casamento, a 14.01.1860, com Eufrázia Gouvêa, nascida em 16.06.1836, em Fortaleza, Ceará, e falecida em 03.04.1876, viscondessa de Cauhipe, filha do Comendador Manuel Caetano Gouvêa e de Francisca Agrela.
Simbologia utilizada no túmulo	O túmulo é todo trabalhado em mármore e possui em destaque a imagem de um serafim. O anjo está encimado a uma coluna retangular onde se encontra a identificação do túmulo, e está ajoelhado apoiado sobre uma das pernas. O anjo ora com a cabeça levemente rebaixada e expressão serena. Recostado na base inferior da coluna está um cálice. O túmulo é simples, porém suntuoso quanto a sua arquitetura.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	

Foto disponível?



Sim



Fotos: Mariana Regis Araújo

Pesquisa Bibliográfica: Colégio Brasileiro de genealogia

Site: http://www.cbg.org.br/arquivos_genealogicos_c_01.html

Acesso em 27 de Novembro de 2010.

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Antônio Barbosa de Freitas
Posição do Túmulo (plano e lado)	2º Plano: lado Norte
Rua	9
Nº do túmulo	Informação não disponível
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	1860
Ano da morte da pessoa ou família	23-01-1883
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	Antônio Barbosa de Freitas nasceu em Jardim, Ceará, em 1860 e morreu em 1883 aos 23 anos de idade em Fortaleza. Foi um dos grandes poetas cearenses da época, participando também do movimento abolicionista daquele período. Algumas de suas obras mais famosas foram: Helvecíades (poesia- 1881) Poema Biográfico ou a Epopeia do Famoso João dos Santos (poesia – 1881); Poesias (poesia – 1882)

Simbologia utilizada no túmulo	O túmulo está bem desgastado pela ação do tempo. Sua arquitetura é bem simples. Uma coluna em mármore é erguida acima de tabamentos, que por sua vez estão encimando a base de identificação do túmulo. Na coluna, uma harpa rodeada por flores foi cuidadosamente cravejada e no epitáfio a seguinte frase: “O inditoso Poeta Cearense Antonio Barbosa de Freitas.” Tem padrão inaugural com forte presença neoclássica.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Particular
Foto disponível?	Sim 

Fotos: Mariana Regis Araújo

Pesquisa Bibliográfica:

Site: <http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/Consulta/Autor.php?autor=2663>. Acesso em 24/09/2010

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Myrtill Meyer
Posição do Túmulo(plano e lado)	2º Plano: lado Norte
Rua	Rua Principal
N do túmulo	Informação não disponível
Pesquisador responsável pela coleta	Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	22-06-1877
Ano da morte da pessoa ou família	05-10-1959
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	Quando o Ideal Clube foi fundado, em 1931, Fortaleza tinha cerca de 120 mil habitantes. Seus 12 fundadores, Antônio da Frota Gentil, Clóvis de Alencar Matos, João da Frota Gentil, Joaquim Markan Ferreira Gomes, José Meneleu de Pontes Filho, Luiz Gonzaga Flávio da Silva, Maximiniano Leite Barbosa Filho, Meton Alencar Gadelha, Mirtil Meyer, Otávio Menescal da Frota, Pedro Augusto Sampaio e Raul Conrado Cabral, vinham de famílias que, por várias gerações, ocupavam posições de destaque na sociedade cearense. Com uma visão empreendedora, os 12 fundadores empenharam-se no ousado projeto que mudaria a vida social de Fortaleza: a fundação de um clube social moderno. A primeira sede do Ideal foi uma chácara no bairro Damas, longe, na época, do centro da cidade, e construída à margem da estrada de Parangaba. O primeiro presidente do Clube, Pedro Sampaio, conta, em discurso registrado nos arquivos do Clube, que o Ideal surgiu “à sombra de um telheiro rodeado de frondosos cajueiros e com a água fresca de um tanque feito de cimento, que Luiz Gonzaga da Silva, um dos 12 fundadores, fizera construir para ‘recreio’ seu e de sua família”. Diziam que o tanque era encantado, uma espécie de fonte da juventude. Também contava a lenda que em outros tempos Iracema, a mais famosa personagem de José de Alencar, gostava de descansar debaixo daqueles cajueiros quando voltava do seu banho matinal na lagoa de Parangaba. As pessoas passaram a acreditar que o local transmitia a força juvenil da índia tabajara. Achavam um lugar tão agradável que resolveram fazer ali um clube social, que foi inaugurado com a realização de um grande baile, no dia 3 de outubro de 1931.
Simbologia utilizada no túmulo	Fazendo alusão aos templos gregos, o túmulo de Myrtil Meyer possui uma arquitetura requintada e de muito bom gosto. Colunas com pequenos frisos e capitéis sustentam o primeiro bloco de tablamentos, que por sua vez estão encimados por uma testada repleta de entalhes de caráter

	geométrico. O frontão triangular também possui detalhes em seu tímpano. A área interna do jazigo também chama a atenção pelos belos vitrais que possui. Sem dúvida um dos mais belos jazigos.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Particular
Foto disponível?	Sim
	

Fotos: Mariana Regis Araújo

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	José Valdivino de Carvalho (Juvenal de Carvalho)
Posição do Túmulo (plano e lado)	2º Plano: lado Norte
Rua	Rua Principal
Nº do túmulo	Informação não disponível
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	25/02/1911
Ano da morte da pessoa ou família	
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	José Valdivino de Carvalho nasceu em Água Verde, hoje distrito de Guaiuba, a 25 de fevereiro de 1911. Fez os estudos secundários no Colégio Cearense em Fortaleza, do qual posteriormente foi professor. Exerceu o magistério secundário em vários outros estabelecimentos de Fortaleza e desempenhou as funções de fiscal federal do Ensino. Era bacharel em Direito. Sócio e orador oficial da "União de Moços Católicos de

	Fortaleza" e do extinto Movimento Patrianovista Brasileiro. Foi redator no “O Império”, colaborou assiduamente no “O Nordeste” e na revista Verdes Mares, de Fortaleza, e em várias publicações católicas dos Estados. Deixou uma vasta contribuição com muitas publicações sobre o ensino da língua portuguesa.
Simbologia utilizada no túmulo	O jazido de Juvenal de Carvalho é um dos mais suntuosos do Cemitério São João Batista. A própria localização do túmulo, que fica no corredor principal do plano norte, faz com que o túmulo seja um dos mais apreciados pelos visitantes do cemitério. A imagem de Cristo com os braços estendidos e cercado por anjos passa uma ideia de imponência e de poder. O túmulo é todo em mármore de Purbec e se destaca pelo seu tamanho. Cristo e os anjos são em ferro.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Particular
Foto disponível?	Sim
	

Fotos: Mariana Regis Araújo
Pesquisa Bibliográfica: Solon Sales

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Virgílio Távora
Posição do Túmulo (plano e lado)	1º Plano: lado Sul
Rua	Corredor principal de entrada
Nº do túmulo	Informação não disponível

Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	29-11-1919
Ano da morte da pessoa ou família	03-06-1988
O que essa figura representou para a História de Fortaleza?	Virgílio de Moraes Fernandes Távora (Fortaleza, 29 de novembro de 1919 — São Paulo, 3 de junho de 1988) foi um político brasileiro. Era sobrinho do político e militar Juarez Távora. Filho de Manoel do Nascimento Fernandes Távora e Carlota Augusta de Moraes Távora. Ingressou na Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, em 1938, influenciado pela carreira militar de Juarez Távora, seu tio. Passou pela Escola de Estado-Maior do Exército e pela Escola Superior de Guerra, chegando a Coronel em 1960. Eleito deputado federal pela UDN em 1950 e 1954, foi o representante da oposição ao governo Juscelino Kubitschek na diretoria da Companhia Urbanizadora da Nova Capital (1959-1961) e membro do Conselho Nacional do Serviço Social Rural (1960-1961). Ministro dos Transportes no gabinete parlamentarista de Tancredo Neves, deixou o cargo para disputar o governo do Ceará. Ao lado de César Cals e Adauto Bezerra, formou o triunvirato de coronéis que dominou a política cearense durante todo o Regime Militar de 1964. Virgílio Távora foi eleito senador em 1970 e indicado governador do Ceará pelo presidente Ernesto Geisel em 1978. Filiado ao PDS, foi eleito para o seu segundo mandato de senador em 1982 com uma votação recorde até então sendo que permaneceu no partido mesmo com o surgimento do PFL em 1985. Pai do falecido deputado federal Carlos Virgílio Távora (que foi genro do político piauiense Alberto Silva) e concunhado de Flávio Marcílio, foi vitimado pelo câncer quando de sua internação no Hospital Albert Einstein na capital paulista.

Simbologia utilizada no túmulo Simbologia utilizada no túmulo	O túmulo de Virgílio Távora possui uma majestosa estátua de ferro de Jesus Cristo. A imagem representa Cristo abençoando e fica logo na entrada principal do Cemitério. Em volta da imagem grandes colunas (que lembram as colunas dos templos Greco-romanos) foram erguidas para sustentar um grande frontão onde está a identificação do jazido. Tais colunas possuem em sua parte superior capitéis que lembram os capitéis coríntios, que estão encimados por entablamentos. Cada entablamento possui diferentes detalhes esculpidos.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Particular
Foto disponível?	Sim
	

Fotos: Mariana Regis Araújo
Pesquisa Bibliográfica:

Site: [http:// www.igti.wordpress.com/.../o-cemiterio-das-obras-de-arte/](http://www.igti.wordpress.com/.../o-cemiterio-das-obras-de-arte/)
Acesso em 27/12/2010

1-Identificação do monumento

Nome da pessoa ou família	Plácido de Carvalho
Posição do Túmulo(plano e lado)	1º Plano: lado Sul
Rua	Rua 7
N do túmulo	
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo

Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010
----------------------------	-----------------------------

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	1874
Ano da morte da pessoa ou família	1934
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	Em 31 de dezembro de 1931, às 17h, foi inaugurado o primeiro "arranha-céu" de Fortaleza, o Excelsior Hotel, na Praça do Ferreira, iniciativa do capitalista Plácido de Carvalho, na Rua Major Facundo, esquina com Rua Guilherme Rocha nº 172, no local onde foi o sobrado do comendador Machado, onde funcionou o Hotel Central e o Café Riche. O sobrado fora mandado construir em 1825 pelo comendador João Antônio Machado, sendo confiado ao engenheiro Coronel Conrado Jacob de Niemeyer, o frio presidente da Comissão Militar que mandou matar os heróis da República do Equador. O comerciante Plácido de Carvalho comprou o prédio e mandou demolir em 1927 para construir o primeiro "arranha-céu" de Fortaleza. O administrador das obras foi o engenheiro Natale Rossi, cunhado de Plácido e o construtor foi Lucas Oliveira. Foi por muitos anos um dos principais hotéis de Fortaleza, e por várias vezes sofreu reformas que o fechavam por algum tempo. Hoje se encontra fechado tendo apenas um morador, Janos Cavalcante Fuzesi, sobrinho de Emílio Hinko, viúvo de Maria Pierina Rossi Hinko (Pierina Hinko), que foi casada com Plácido de Carvalho. Na ocasião da inauguração do Excelsior Hotel discursaram Eduardo Girão e o capitão Roberto Carneiro de Mendonça, Interventor Federal. Ao contrário do que se afirma, o referido prédio não é de alvenaria, pois tem armação de concreto.
Simbologia utilizada no túmulo	O túmulo faz referência à Praça do Ferreira no centro da capital e ao Excelsior Hotel, idealizado por Plácido de Carvalho. É uma concepção do arquiteto Emílio Hinko, que se casou com a viúva de Plácido. Tem estilo moderno.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Particular

Foto disponível?



Sim



Fotos: Mariana Regis Araújo

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Cel. Antonio Diogo Siqueira
Posição do Túmulo (plano e lado)	1º Plano: lado Sul
Rua	Rua 7
Nº do túmulo	N 18
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	1-09-1864
Ano da morte da pessoa ou família	24/06/1932

O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	Antônio Diogo de Siqueira, que nasceu em São Francisco de Uruburetama (atual Itapajé), a 01/09/1864, iniciou sua vida profissional como marchante, ao lado do pai. No desempenho dessa atividade, também tentou a sorte na Amazônia, para onde se transferiu, em busca de melhores condições de vida, na primeira metade da década de 1880 (VASCONCELOS FILHO, 2002). Até sua morte, a 24/06/1932, o Cel. Antônio Diogo ainda expandiria seus negócios, sobretudo no ramo têxtil (como associado da Fiação São Luiz Ltda. e da Empresa de Fios e Redes Ltda.) e bancário (como Presidente do Banco dos Importadores de Fortaleza e Diretor – Conselheiro do Banco dos Proprietários). O patrimônio deixado por ele atingiu o valor total de 8.194:259\$444, tendo ficado, para sua viúva, 4.097:129\$722 e, para cada um dos seus 14 filhos, 292:652\$123 (Formal de partilha de seus bens registrado no Cartório Silveira Martins). O Cel. Antônio Diogo, ao longo de sua vida, também aplicou seus capitais na aquisição e na construção de imóveis em Fortaleza, cuja quantidade se contava às centenas quando do seu falecimento em 1932.
Simbologia utilizada no túmulo	Guarda características do barroco, pois apresenta-se de forma pesada e bem fincado ao solo. As curvas e sinuosidades têm traços marcantes do barroco.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	
Foto disponível? 	Sim 

Fotos: Mariana Regis Araújo

Pesquisa Bibliográfica: VIANA, Carlos Negreiros. As múltiplas facetas de um marchante: A

vida empresarial de Antonio Diogo de Siqueira. Revista do Instituto do Ceará, 2009.

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Amadeu Furtado
Posição do Túmulo(plano e lado)	1º Plano: lado Sul
Rua	
N do túmulo	
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	21-07-1886
Ano da morte da pessoa ou família	06-02-1952
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	Filho de José Furtado e de Joana de Farias Furtado. Nasceu a 21.07.1888, em Ipu-CE, e faleceu a 06.02.1952, em Fortaleza-CE. Médico, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1913. Regressou ao Ceará em 1914, abriu consultório, dedicando-se totalmente à sua clínica, desfrutando do máximo conceito no exercício de sua profissão, dando provas de altas benemerências, praticando a caridade em larga escala, atendendo à pobreza, juntamente com sua imensa clientela, muitas vezes adentrando a noite, no seu consultório e na antiquíssima Farmácia Teodorico, a pioneira de Fortaleza. Fez de sua profissão um verdadeiro sacerdócio. Foi o Clínico fundador da Associação dos Merceeiros; Professor de Química Bromatológica da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará; Médico Legista da Polícia, e depois Diretor do Instituto Médico Legal; Presidente do Clube dos Diários. Além de médico, abraçou a carreira política desde 1914. Possuía vasta cultura, pois era homem de letras e de sociedade, e tornou-se uma das figuras mais populares e benquistas de Fortaleza. Fundou em 1908, com Euclides de Matos, a revista "Eco da Mocidade", que despertou sucesso no meio estudantil daquele tempo. Cultivou também a literatura, escreveu contos e artigos nos jornais de Fortaleza e do Rio de Janeiro, dentre os quais: "Fé, Esperança e

	Caridade", e "Natal dos Pobres", que tiveram repercussão no sul do País, sendo esse último traduzido para o espanhol por um escritor jesuíta chileno. Publicou, ainda, trabalhos científicos na área médica. Tinha uma capacidade de trabalho pouco comum, era infatigável e perseverante em todos os seus atos.
Simbologia utilizada no túmulo	Traço marcante do neogótico com forte simplicidade como era próprio do defunto ali enterrado.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Particular
Foto disponível? 	Sim 
	

Fotos: Mariana Regis Araújo

1-Identificação

Nome da pessoa ou família	Antônio Rodrigues Ferreira
Posição do Túmulo (plano e lado)	1º Plano: lado Norte
Rua	Rua 6
Nº do túmulo	10
Pesquisador responsável pela coleta	Solon Sales e Mariana Regis Araújo
Coleta realizada em	Setembro a Dezembro de 2010

2-Dados coletados do monumento

Ano de nascimento da pessoa ou família	1799
Ano da morte da pessoa ou família	1859
O que essa pessoa representou para a história de Fortaleza?	Político brasileiro nascido em Niterói, Rio de Janeiro, o folclórico Boticário Ferreira, que foi escolhido (1845) e reeleito várias vezes presidente da Câmara e que, em sua homenagem, a <i>Praça Municipal</i> passou a se chamar <i>Praça do Ferreira</i>, duas semanas após sua morte. Da capital do Vice-Reino do Brasil, ainda jovem, veio para Fortaleza, trabalhando como caixeiro para o comerciante Antônio Caetano. Depois da proclamação do 2º Império, foi eleito vereador e assumiu a presidência da Câmara Municipal, cargo que permaneceu até sua morte. Na sua época quem assumia a presidência da Câmara, também acumulava automaticamente as funções de prefeito. Como presidente e executor das decisões do Colegiado, suas ações tornaram-se notórias na história da cidade de Fortaleza. Como prefeito, deu prosseguimento à implantação do traçado em xadrez, dirigindo a expansão da cidade para o lado Sul, Praça da Sé ou Largo da Matriz e Praça do Ferreira. Obedeceu tenazmente o projeto do Engenheiro Silva Paulet quanto à expansão urbana regular de Fortaleza, modelo de fácil adaptação em função da topografia plana da região. Contratou como seu auxiliar o arquiteto Adolfo Herbster, para dar continuidade ao direcionamento da malha urbana em xadrez. Empenhou-se na construção da Santa Casa de Misericórdia, foi o responsável pela construção da hoje famosa Praça do Ferreira. Morreu em Fortaleza, aos oitenta anos, ainda no exercício do poder. Foi sepultado no Cemitério de São Casemiro, e com a inauguração do Cemitério São João Batista seus despojos foram transladados para este.

Simbologia utilizada no túmulo	O túmulo possui uma arquitetura bem recorrente aos demais túmulos doados pelo Estado, porém torna-se bem peculiar quando percebemos que ele possui uma forma que lembra um frasco de remédio. Esta é uma alusão à condição de Boticário de Antônio Ferreira. O túmulo é todo em cimento e é encimado por uma cruz.
Túmulo doado pelo Estado ou particular?	Doado pelo Estado
Foto disponível?	Sim
	

Fotos: Mariana Regis Araújo (2010)

Pesquisa Bibliográfica:

Site: www.dec.ufcg.edu.br/biografias/BoticFer.html

Acesso em 26/12/2010

ANEXO:

Legislação da Província do Ceará 1835-1861 Referente a cemitérios

**Pesquisa na Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel
Meses de Outubro e Novembro de 2011**

Legislação Provincial de 1831-1865

Data, palavras – chave e indicação da página no índice do livro da Legislação Provincial (1831-1865)	Conteúdo das leis na microfilmagem da Legislação Provincial (1831-1865)
1. Julho de 1861 (lei relativa à aposentadoria do capelão) p. 12	Província do Ceará 1861- Página 3 nº5 Lei nº 969 de 23 de Julho de 1861
2. Agosto de 1844 (lei relativa à cadáveres) p.13	Província do Ceará 1844 – Página 361 Lei nº 318 de 1º de agosto de 1844 – Parte I
3. Março de 1848 (lei relativa ao cemitério da capital) p.20	Província do Ceará 1848 – Páginas 33 à 38 Resolução nº 459 de 25 de Agosto de 1848, nº 25.
4. Setembro de 1854 (lei relativa à exumação) p. 41	Província do Ceará 1855 – Páginas 114 – 115 Resolução nº742 de 22 de Outubro de 1855, nº46.

Outras leis Provinciais relativas aos Cemitérios

5. Legislação da Província de 1860. Resolução nº964 de 18 de Setembro de 1860, nº46/ páginas 85 e 88. Essa lei é relativa à proibição dos enterros dentro das capelas dos cemitérios.
6. Legislação da Província de 1861, capítulo XII página 146 – artigos 39 à 42. Essa lei é relativa ao Regulamento para o lançamento e arrecadação da décima urbana (Dos sufrágios e enterramentos).
7. Legislação da Província de 1861, capítulo II página 104 – artigo 12. Essa lei é relativa ao Regulamento para o lançamento e arrecadação da décima urbana (Dos prédios sujeitos à décima).

8. Legislação da Província de 1861. Resolução nº 983 de 29 de Agosto de 1861, nº17 página21.
9. Legislação da Província de 1861. Resolução nº743 de 22 de Outubro de 1855, nº 47 páginas 117 – 125.

A seleção foi feita através do livro da Legislação da Província do Ceará de 1831-1865. Na pesquisa realizada na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, foram encontradas algumas informações errôneas entre o índice apresentado no livro e o real conteúdo das leis na microfilmagem da biblioteca. Algumas leis tinham numeração trocada ou não apresentavam o assunto apontado pelo livro.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Vera Mamede. O ciclo do algodão e o urbano em Fortaleza: evidências das contradições urbanas. **Cidade e História**, Fortaleza, v. 2 n. 1, 2012. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/327/303>>. Acesso em : 02 fev. 2013.

ADERALDO, Mozart Soriano. **História abreviada de Fortaleza e crônica sobre a cidade amada**. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 1993.

ADRIÃO, Victor Manuel. **Madri**: entre o hierático e o herege. 2010. Disponível em: <<http://lusophia.wordpress.com/2010/06/>>. Acesso em: 26 dez. 2012.

ALENCAR, José Maritignano d'. **Relatório de 1836 apresentado a Assembleia Legislativa Provincial do Ceará**. Fortaleza: Typ. Patriota, 1836.

ANDRADE, Adriano Bittencourt. Espaço turístico: entre a imersão e a cenarização. **Revista Espaço & Geografia**, Brasília, v. 15, n. 1. 2012. Disponível em: <<http://www.lsie.unb.br/espacoegeografia/index.php/espacoegeografia/index>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

ANDRADE, José Vicente. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

ARCHIVO Pittoresco: semanario ilustrado: volume II 1858-1859. Lisboa: Typographia de Castro & Irmão, 1859. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=KrA9AAAAAYAAJ&pg=PA353&lpg=PA353&dq=g%C3%B4ndola+funer%C3%A1ria&source=bl&ots=hlk9aDIpE_&sig=Ip1owuStFiWSi0mP2osM1CQUrfI&hl=pt-BR&sa=X&ei=Alf4UL01qLbRAciggbAO&ved=0CD8Q6AEwAg#>. Acesso em: 01 jan. 2013.

ARRUDA JUNIOR, Luiz Edgard Cartaxo. **História de Fortaleza**: o Ceará no processo civilizatório. Disponível em: <<http://www.ceara.com.br/fortaleza/historiadefortaleza.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

ARTE Cemiterial. Disponível em: <<http://www.cemiteriosp.com.br/arte.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

ARTE EDUCAÇÃO. Cícero Dias. 2010. Disponível em: <<http://www.arteducacao.pro.br/artistabrasil/Cdias/cdias.htm>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

BAHL, Miguel. **Legados étnicos & oferta turística**. Curitiba: Juruá, 2004.

BARRETTO, Margaritta. **Planejamento e organização do turismo**. Campinas: Papirus, 2009.

BAYARD, Jean-Pierre. **Sentido oculto dos ritos mortuários**: morrer é morrer? São Paulo: Paulus, 1996.

BELTRÃO, Otto di. **Turismo: a indústria do século XXI**. São Paulo: Novo Século Editora, 2001.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: Editora Senac, 1998.

BÍBLIA Sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BORGES, Maria Elisia (org.) **Estudos cemiteriais no Brasil**: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos. Goiânia: UFG, 2010.

BORGES, Maria Elizia. Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto = Funerary Art in Brazil (1890-1930): italian marble carver craft in Ribeirão preto. Belo Horizonte: Editora ComArte, 2002.

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: EDUCS, 2002.

BRADLEY, Niall. **Ponerologia Retrospectiva: verdade ao poder**: psicopatas dominam o nosso mundo. Disponível em <http://sinais-dostempos.blogspot.com.br/2010/01/verdade-ao-poder-psicopatas-dominam-o.html>, postado em 17/01/2010, consultado em 22/12/2012.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de Dezembro de 1940**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm>. Acesso em: 28 nov. 2012.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Manual do pesquisador**: inventário da oferta turística - instrumento de pesquisa. Brasília, DF: Ministério do Turismo, 2006.

BUENOS AIRES. Guia de viagem. **Cemitério da Recoleta**. 2012. Disponível em: <http://www.buenosairesturismo.com.br/passeios/cemiterio_da_recoleta.php>. Acesso em: 14 nov. 2012.

CABRAL, Iericê Duarte. **O repouso póstumo do Natalense no cemitério do Alecrim**. Natal: Imagem Gráfica, 2006.

CATROGA, Fernando. **O céu da memória**: cemitério romântico e culto cívico dos mortos. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

CEARÁ. Secretaria de Cultura. **Mausoléu Castelo Branco**. 2013. Disponível em: <<http://www.secult.ce.gov.br/index.php/equipamentos-culturais/mausoleu-castelo-branco/43516>>. Acesso em: 12 nov. 2012.

CEMENTERIO Museu de San Pedro. 2012. Disponível em: <<http://www.cementeriosanpedro.org.co/>>. Acesso em: 16 nov. 2012.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Dicionário de medicina popular e das ciencias**. 6. ed. Pariz: Chernoviz, 1890.

CÓDIGO de Direito Canônico. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cdc/index_po.htm>. Acesso em: 14 jun. 2013.

CÓDIGO de direito canônico. Editorial Apostolado da Oração: Braga, 1983. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2012.

COELHO, Seura. **Santa Beatriz da Silva**. Lisboa: Paulus Editora, 2011.

COLE, Emily. **História ilustrada da arquitetura**. São Paulo: Publifolha, 2011.

CONEXÃO PARIS. Uma visita virtual ao cemitério Père Lachaise. 2007. Disponível em: <<http://www.conexaoparis.com.br/2007/08/08/uma-visita-virtual-ao-cemiterio-pere-lachaise/>>. Acesso em: 14 nov. 2012.

COOPER, Chis et. al. **Turismo: princípios e práticas**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2007.

COSTA, Fernanda Maria Matos da. **A morte e o morrer em Juiz de Fora: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890**. 2007. Dissertação (Mestrado em História)- Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

COSTA, Flávia Roberta. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Editora Senac, 2009.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. **A geografia nos arquivos do Barão**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2010.

COSTA, Fernanda Maria Matos da. **A morte e o morrer em Juiz de Fora: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890**. 145 f. 2007. Dissertação (Mestrado em História)- Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

CRISTIAN, Jacq. **Contos e lendas dos tempos das pirâmides**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário etimológico Nova Fronteira: da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

CYMBALISTA, Renato. Territórios de cidade, territórios de morte: urbanização e atitudes fúnebres na América Portuguesa. In: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E DO URBANISMO, 8., 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/vie/985/960>>. Acesso em: 16 jul. 2013.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **De cidade à metrópole: (trans)formação urbana em Fortaleza**. Fortaleza: UFC, 2009. Disponível em: <http://fortalezaantiga.blogspot.com/2010/01/modernizacao_26.html>. Acesso em: 12 mar. 2012.

ECCLESIA. **Cruz:** Suas Formas e Significados.[200-]. Disponível em: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html>. Acesso em: 15 nov. 2012.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos:** ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano:** a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, Liciane Rossetto. Turismo de fait divers: morbidez ou nekrophilia? In: PANOSSO NETTO, Alexandre; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. Segmentação do mercado turístico: estudo, produtos e perspectivas. Barueri, SP: Manole, 2009.

FONSECA, Paulino Nogueira Borges da. Presidentes do Ceará, segundo Reinado: Dr. Casemiro José de Moraes Sarmiento. t. XXII. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará**, Fortaleza, p. 155-163, 1908.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala.** São Paulo: Global, 2006.

GEOGRAPHY Faculty Publications, Lincoln, 1968. Disponível em: <<http://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1015&context=geographyf>acpub>. Acesso em: 11 nov. 2012.

GIRALDO, Cecília Gómez et al. **El rito de la memoria:** colección crónicas del regreso. Medellín: Fundación Cementerio de San Pedro Instituto para el Desarrollo de Antioquia, 2002.

GIRÃO, Raimundo. Fortaleza e a crônica histórica. Fortaleza: Edições UFC/Casa José de Alencar, 2000.

GIRARD, Marc. **Os símbolos na Bíblia.** São Paulo: Paulus, 1997.

GRZICH, Mirna. **Anjos.** São Paulo: Lua de Papel, 2011.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos:** imagens e sinais da arte cristã. São Paulo: Paulus, 1994.

HOFSTED, G. Cultural constraints in management theories. **Academy of Management Executive**, Netherlands, v. 7, n. 1, 1983.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo.** São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

INFOPÉDIA. Enciclopédia e dicionários Porto Editora. Cruz. 2003. Disponível em: <[http://www.infopedia.pt/\\$cruz,2;jsessionid=jQ3xtS87NLZ32vqTxAfwbw__](http://www.infopedia.pt/$cruz,2;jsessionid=jQ3xtS87NLZ32vqTxAfwbw__)>. Acesso em: 15 nov. 2012.

- JOYCE, Tyldesley. **Pirâmides: a verdadeira história por trás dos mais antigos monumentos do Egito**. São Paulo: Globo, 2005.
- JUNG, Carl G. et al. **O homem e seus símbolos**. 2. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- KOCH, Rudolf. **O livro dos símbolos**. São Paulo: Círculo do Livro, 2001. Disponível em: <<http://fortalezanobre.blogspot.com>>. Acesso em: 16 abr. 2012.
- KURY, Lorelai et al. **Ritos do corpo**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.
- LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- LEITE, Ana Cristina. **O algodão no Ceará: estrutura fundiária e capital comercial, 1850-1880**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1994.
- LENCIONI, Sandra. Da metrópole como estratégia desenvolvimentista à metrópole como sobrevida do capitalismo. In: PEREIRA, Paulo Cesar Xavier; HIDALGO, Rodrigo (Org.). **Producción inmobiliaria y reestructuración metropolitana em America Latina**. Santiago: PUC/Chile, 2008.
- LEWIS, R. D. **Quando as culturas colidem**. Londres: Nicholas Brealey Publishers, 2000.
- LIMA, Marcus Fábio Teixeira M. **A mansão dos mortos: uma breve história dos sepultamentos no Ocidente**. Fortaleza: UFC/Casa José de Alencar, 1999.
- MANHÃES, Bruno. A questão da emoção no contexto da visita guiada: estudo de caso sobre o Cemitério da Consolação. **Revista Eletrônica de Turismo Cultural**, São Paulo, v. 4, n. 2, 2010. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.06_Bruno_Manhaes.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2012.
- MARTINS, José de Sousa. **História e arte no cemitério da Consolação**. São Paulo: Prefeitura da Cidade de São Paulo – Secretaria de Cultura – Secretaria de Serviços – Serviço Funerário, [199_].
- MATO, Osmar López. **Ciudad de Ángeles: historia del Cementerio de la Recoleta**. Buenos Aires: Olmo Ediciones, 2001.
- MELLO, Manuel Felizardo de Souza e. **Relatorio apresentado a Assembleia Legislativa Provincial em 1938**. Ceará: Typ. Continental, 1838.
- MENEZES, Antonio Bezerra de. Descrição da cidade de Fortaleza. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará**, Fortaleza, Tomo IX, 1895.
- MIRANDA NETTO, Antônio Garcia de et al. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- MIRANDA, João Antônio de. **Relatório Apresentado a Assembleia Legislativa Provincial pelo Presidente da mesma Província Presidente da Província João**

Antônio de Miranda, em 1/8/1839. Fortaleza: Typographia Cearense, 1839.

NASSER, Maria Celina de Q. Carreira. **O que dizem os símbolos?** São Paulo: Paulus, 2003.

NÁUFEL, José. **Novo Dicionário jurídico brasileiro.** Rio de Janeiro: Beta, 1976.

NOGUEIRA, Paulino. Presidentes do Ceará: 2º Reinado. Fortaleza: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará**, Fortaleza, 1907.

ORDEM ROSA CRUZ. **Introdução à simbologia.** Curitiba: Grande Loja do Brasil, 1982.

PANOSSO NETTO, Alexandre e ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. **Segmentação em turismo:** panorama atual. Barueri, SP: Manole, 2009.

PIÑERO, J. M. López. **Cajal.** Madrid: Debate, 2000.

PIOVEZANI, Adriane. Cemitérios e mausoléus militares no Brasil: embate entre o laico e o confessional. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., 2001, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1297267456_ARQUIVO_cemiterio_smilitares.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2012.

QUEIROZ, Francisco. **Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal.** Disponível em: <<http://21gramas.pt/Uploads/17480711200709.pdf>>. Acesso em: 02 jan. 2013.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. **Cemitérios.** São Paulo: Editora Necrópolis, 2007.

RODRIGUES, Guilherme Caruso. **Tempo, Identidade e Cultura:** a construção do território, na Paróquia de Santa Cruz – Mogi Mirim/SP. 123 f. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia)- Instituto de Geociencias e Ciencias Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

ROJO, Maria Rosa. **Historias ocultas en la Recoleta.** Buenos Aires: Alfagnara, 2008.

ROSA, Maria Cecília Amaral de. **Dicionário ilustrado dos símbolos.** São Paulo: Editora Escala, [200_].

ROSENDAHAL, Zeny et al. (Org.). **Espaço e cultura:** pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1996.

ROSSELLI, J. **Lord William Benting, fazedor do liberalismo imperial, 1774-1839.**

Londres: Universidade de Sussex, 1974.

SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria geral dos signos**: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTOS, Waldemar Baroni. **Tratado de heráldica**. São Paulo: Ed. do Autor, 1978.

SANTOS, Washington dos. **Dicionário jurídico brasileiro**. Belo Horizonte: Del Rey, 2001.

SÃO PAULO. Secretaria da Cultura. Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). 2005. Disponível em:
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/cb189_RES.%20SC%20N%2028%20-%20Cemiterios%20da%20Consolacao%20Protestantes%20Ordem.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2012.

SILVA, José Solon Sales e. **Ipu e o Sentimento de Pertença a partir dos Símbolos Municipais**. In – MOURA, Maria de Lourdes Mozart Martins et. al. (Org.) Revista Acadêmica, Edição III, ano 2012, Academia Ipuense de Letras, Ciências e Arte. Fortaleza: Premium, 2012.

SILVA, José Solon Sales e. et al. **O Processo de urbanização e a transformação da paisagem de Fortaleza**. 2011. Artigo apresentado a disciplina do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP. Rio Claro, 2011.

SILVA, José Solon Sales e. Cemitério patrimônio cultural e atrativo diferencial: um estudo sobre o cemitério São João Batista de Fortaleza. In: MARTINS, Clerton (org.) **Patrimônio cultural**: da memória ao sentido do lugar. São Paulo: Roca, 2006.

_____. Forma e tipo de turismo: um ensaio para elucidação das teorias. III ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO DO CEFET-CE, 3., 2003, Fortaleza. **Trabalhos...** Fortaleza: CEFET/CE, 2003.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Edusp, 2008.

SOUZA, Frei Francisco Robério Ferreira de. **São Miguel**: mensageiro da justiça que traz a paz. Ipojuca - Pe: Paróquia de São Miguel, 2009.

STAMPLEY ENTERPRISES. Bíblia Sagrada. [S.I.:s.n.], 1974.

STODDARD, Robert. **Análise da geografia das religiões de David E. Sopher**. Publicações da Faculdade de Geografia da Universidade de Nebraska, 1968. Disponível em:
<<http://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1015&context=geographyf&acub>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

STODDARD, Robert. Review of Geography of religions. autor David E. Sopher.
TUAN, Y. F. **Topofilia**: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UNESCO. **Declaração universal sobre a diversidade cultural**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 19 dez. 2012.

VELOSO, Marcelo Parreira. **Turismo**: simples e eficiente. São Paulo: Roca, 2003.

VIAJANTES.COM. Cementerio de San Pedro, [200_]. Disponível em: <<http://www.viajantes.com/destinos/medellin/3-o-que-fazer/cementerio-de-san-pedro#ixzz2ISXkJur2>>. Acesso em: 15 nov. 2012.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primárias do Arcebispado da Bahia**. São Paulo: Typ. 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853. Disponível em: <<http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/222291>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

VIDE, Sebastião Monteiro da. **Constituições primárias do arcebispado da Bahia**. São Paulo: Typografia 2 de Dezembro de Antônio Louzada Antunes, 1853.

VIEIRA JUNIOR, Antônio Otaviano. **Entre o futuro e o passado**: aspectos urbanos de Fortaleza (1799-1850). Fortaleza: Museu do Ceará, 2005.

WARD, Barbara et al. **Una sola tierra**. México: Fondo de Cultura Economica, 1972.